



INTRODUÇÃO AO TRATADO DA VERDADEIRA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM



INTRODUÇÃO AO TRATADO DA VERDADEIRA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

P. Battista Cortinovis, smm

O Manuscrito

Sepultado no “silêncio de um baú”, como havia predito Montfort (VD 114), o manuscrito foi descoberto na biblioteca da Casa-Mãe da Companhia de Maria em Saint-Laurent-sur-Sèvre, a 22 de abril de 1842, pelo Pe. Rotureau que procurava material para uma pregação mariana.

Na Revolução Francesa “os papéis, os manuscritos das duas Comunidades foram escondidos nos sítios vizinhos, onde ficaram inteiramente enterrados no pó durante vários anos. Os que foram encontrados foram postos, parte na biblioteca dos Padres, parte na casa das Irmãs; este de que se trata foi posto na Biblioteca da casa “Santo Espírito” e lá permaneceu desconhecido, como o autor havia predito”.¹

No momento da redescoberta, as folhas estavam ainda separadas umas das outras, mas cada qual no seu lugar. Apressaram-se a encaderná-las a fim de conservar esses preciosos restos; e com alguns outros escritos monfortinos, enviou-se o manuscrito a Roma em vista do processo de beatificação. Infelizmente, oito folhetos do começo e pelo menos um do fim tinham desaparecido. Em 1956-1957 a restauração feita pelos monges basilianos de Grottaferrata permitiu estudar de perto o manuscrito, antes que ele recebesse a sua nova encadernação. Uma descrição detalhada foi então publicada em *Documentation Mariale*.²

O Tratado da Verdadeira Devoção é sem a menor dúvida a obra mais conhecida do santo missionário, obra que expõe e desenvolve “o maior dos meios e o mais maravilhoso de todos os segredos para adquirir e conservar a divina Sabedoria” (ASE 203).

1. Cf. *Chroniques des Filles de la Sagesse par Sœur Agathange*, 8º vol., p. 3374.

2. Cf. *Documentation Mariale*, n. 6, nov.-dez. de 1956, p. 75-78 e n. 7, março-abril de 1957, p. 25-26.





Paternidade da obra

Ninguém jamais colocou em dúvida a paternidade da obra ou da grafia. O Pe. Dalin tinha atentamente estudado a escrita e as obras de Montfort então conhecidas, quando ele publicou, em 1839, com a autorização do Pe. Deshayes, superior geral, uma Vida do venerável servo de Deus.³ Eleito superior geral em janeiro de 1842, ele testemunha, a 10 de maio do mesmo ano, no processo diocesano já em curso para a beatificação do Venerável Servo de Deus; a respeito do manuscrito recentemente encontrado, eis o que diz: “Caderno de cerca de 160 páginas, tendo por tema a devoção à Santíssima Virgem, começando por estas palavras: *C’est par la très Ste Vierge que J.C. Est venu au monde...* Foi pela Santíssima Virgem que Jesus Cristo veio ao mundo... E terminando por estas: *Justus meus ex fide vivit*. Pois o justo vive em toda a parte da fé. A escrita que é inteiramente a do Pe. de Montfort bem como as rasuras e as notas interlineares provam evidentemente que esta obra é verdadeiramente do venerável Servo de Deus. O pano de fundo e o caráter do estilo tampouco permitem dúvida alguma sobre isto”.

Assunto da obra

Luís Maria Grignon expõe a função de Maria no plano divino redentor: necessidade de Maria para Deus (necessidade hipotética), necessidade para os seres humanos.

Na ótica do plano divino: necessidade da devoção para com a Santíssima Virgem, necessidade de conhecer qual é a verdadeira devoção, que importa escolher e viver. A melhor prática da verdadeira devoção é a santa escravidão de Jesus em Maria.

O Pe. Garrigou-Lagrange não receava afirmar: “É esta a obra que praticamente mais contribuiu, bem se pode dizê-lo, para fazer conhecer às almas interiores a mediação universal de Maria e as graças sempre novas que nos chegam pelas suas mãos... Uma só ideia-mãe, a da maternidade espiritual de Maria a nosso respeito, anima por inteiro este livro que se desenvolve, não mecanicamente só pela justaposição de suas partes, mas de um modo orgânico, assim como cresce um ser vivo... Sente-se que o Bem-aventurado está

3. *Vie du Vénérable Serviteur de Dieu Louis-Marie Grignon [sic] de Montfort, Missionnaire Apostolique et Instituteur des Missionnaires du Saint-Esprit de Saint-Laurent-sur-Sèvre et de celle des Filles de la Sagesse.* Obra publicada sem nome de autor em Paris, por Adrien Le Clere et Cie. p. 582.





de tal modo possuído pelo seu tema, que poderia falar dele ao infinito e sem fadiga, e que tudo o que ele acrescentasse não estancaria a sua fonte, e seria ainda inferior às belezas que ele entrevê”.⁴

De seu lado Henrique Bremond sustenta que Montfort é “o mestre por excelência da devoção mariana” e acrescenta: “No seu Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem, a devoção das elites e a devoção das multidões se encontram, elas fundem-se uma na outra, preciosa obra-prima da qual não se saberia dizer se é mais beruliano que popular ou inversamente”.⁵

Com o Amor da Sabedoria Eterna e os Cânticos, o Tratado oferece a todas as pessoas os meios mais eficazes, o misterioso segredo da ascensão progressiva rumo à união íntima com o Cristo Jesus. São Luís Maria Grignon de Montfort é verdadeiramente, como o sublinha São João Paulo II, um “mestre espiritual”.⁶

Data de composição

Nenhuma certeza a este respeito. A opinião mais comum sustenta que o santo missionário teria composto esta obra em 1712 ou por volta desse ano.

Edições

Após a descoberta do manuscrito, “várias pessoas gradas desejaram possuir cópias; o superior encarregou os noviços de fazê-las, tarefa que cumpriram com zelo”. Assim testemunham as crônicas da Sabedoria.⁷ Isto expli-

4. Cf. *L'Osservatore Romano*, de 22 de abril de 1942, na primeira página. Seria preciso citar aqui todo o oitavo volume da coleção *Alma Socia Christi, Acta congressus Mariologici-Mariani Romae anno sancto MCML celebrati*, publicado em Roma em 1953, p. VII-243. Também cf. A. Lhoumeau, *La vie spirituelle à l'école de Saint Louis-Marie Grignon de Montfort*, Editions Ch. Beyaert, Bruges, 1954, p. 459; A. Bossard, *Traité de la vraie dévotion*, DSM, p. 1252-1275; a revista canadense *Marie* de setembro-outubro de 1952: *Marie et Montfort*, número especial publicado por ocasião do quinto aniversário da canonização. Aí pode-se ler, por exemplo, o Histórico do *Traité de la vraie dévotion*, os testemunhos dos bispos, o valor e a atualidade do *Traité*, o consenso dos teólogos, etc.

5. *Histoire littéraire du sentiment religieux en France*, vol. IX, p. 272. Cf. também duas conferências pronunciadas por ocasião de um congresso monfortino em Roma no 150º aniversário da descoberta do *Traité* (11 de outubro de 1992): Castellano Cervera, *Rilettura del Trattato della Vera Devozione alla luce della Spiritualità Mariana contemporanea*, (pro manuscrito); P. Coda, *La SS.ma Trinità e Maria nel "Trattato della vera devozione" di Grignon de Montfort*, (pro man.). Ver igualmente, do Grupo de Dombes: *Marie dans le dessein de Dieu et la communion des saints, I - Dans l'histoire et l'Écriture*, Bayard/Centurion, 50.

6. Encíclica *Redemptoris Mater*, n. 48.

7. Vol. 8, p. 3377.





ca como um diretor do seminário de Luçon pôde mandar imprimir, desde 1843, uma primeira edição com a autorização dada a 18 de dezembro de 1842, por Dom Soyer, então bispo dessa diocese.⁸

Como as primeiras páginas do manuscrito tinham desaparecido, não se sabia que título o autor tinha dado ao seu trabalho; os primeiros editores julgaram agir bem escolhendo o título que se tornou célebre: Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem, pelo venerável servo de Deus, Luís Maria Grignon de Montfort, missionário apostólico, fundador da Congregação de Maria, de Saint-Laurent-sur-Sèvre, e das Filhas da Sabedoria. Se eles se tivessem detido a reler o n° 227 da obra, teriam talvez optado pelo de: Preparação ao Reino de Jesus por Maria?

As edições sucedem-se a um ritmo acelerado. Evidentemente, a melhor edição permanece a reprodução fotográfica do manuscrito, publicada em 1942, por ocasião da canonização já praticamente decidida, mas cuja solenidade foi necessariamente adiada para tempos mais serenos. A celebração teve lugar a 20 de julho de 1947. O Pe. Ronsin, superior geral, termina assim o prefácio desta preciosa edição: “O centenário da descoberta e da difusão do Tratado, coincidindo com a Canonização de nosso Pai, nos convida a redobrar de zelo para melhor praticar a perfeita Devoção e fazê-la irradiar nas almas”.⁹

Traduzido numas quarenta línguas, o Tratado contava, em 1992, com cerca de 400 diferentes edições.

8. Publicada em Paris, por Gaume e Irmãos, Livreiros-Editores – O diretor, de que se trata, é M. Auguste Grillard, que se tornou membro da Companhia de Maria em 1852 e morreu em Saint-Laurent no dia 12 de junho de 1882.

9. *Traité de la vraie dévotion à la sainte Vierge par le Bienheureux Louis-Marie Grignon de Montfort*, Reproduction photographique du manuscrit, par les soins de la Postulation Générale, Compagnie de Marie et Filles de la Sagesse, Roma, 1942.







TRATADO DA VERDADEIRA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

PRIMEIRA PARTE

A DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM É NECESSÁRIA

CAPÍTULO I

ESTA DEVOÇÃO É-NOS NECESSÁRIA POR CAUSA DA SUBLIME GRANDEZA QUE DEUS DEU A MARIA

INTRODUÇÃO

1. Foi pela Santíssima Virgem Maria que Jesus Cristo veio ao mundo, e é também por ela que deve reinar no mundo.¹

2. Durante a vida, Maria permaneceu muito oculta. É por isso que o Espírito Santo e a Igreja lhe chamam *Alma Mater*:² Mãe escondida e secreta. A sua humildade foi tão profunda, que não teve na terra atrativo mais poderoso nem mais contínuo que o de se esconder a si mesma e a toda a criatura, para que só Deus a conhecesse.

1. A ideia expressa pelo autor neste primeiro número introdutório será o tema de fundo de toda a Obra; será retomado nos nn. 13, 22, 49, 158, 217 e 262. Em linguagem mais da nossa época, mas exprimindo a mesma ideia, nós a encontramos em Paulo VI quando em 21-12-66 afirmou: “Se nós nos perguntarmos qual é o caminho central e direto do nosso mundo terreno que nos leva àquela humanidade de Cristo onde encontramos a revelação de Deus e a nossa salvação, a resposta é imediata e belíssima: esse caminho é a Senhora, é Maria Santíssima, é a Mãe de Deus e Mãe nossa... a Cristófera, a portadora de Cristo no mundo”.

2. A palavra “Alma” deriva do hebraico “almah” (cf. Is 7, 14) e na interpretação de São Jerônimo (em *Is Proph.* 3, 7 PL 24, 110) significa “oculta, secreta”. Encontramos a mesma palavra com idêntico significado na Liturgia, (cf. Hino “Ave, Maris Stella” e antifona “Alma Redemptoris Mater”).





3. A fim de atender os pedidos que ela lhe fez, para que a ocultasse, empobrecesse e humilhasse, aprovou a Deus, ocultá-la na sua concepção e nascimento, na sua vida, mistérios, ressurreição e assunção, aos olhos de quase toda a criatura humana. Seus próprios pais não a conheciam, e os anjos perguntavam muitas vezes entre si: “*Quem é esta?*”³, porque o Altíssimo escondia-lha ou, se alguma coisa lhes revelava a seu respeito, infinitamente mais lhes ocultava.

4. Deus Pai consentiu que ela não fizesse milagres em vida, pelo menos manifestos, embora lhe tivesse dado poder para isso. Deus Filho permitiu que quase não falasse, embora tendo-lhe comunicado a sua sabedoria. Deus Espírito Santo deixou que os seus Apóstolos e Evangelistas falassem muito pouco dela, apenas o necessário para dar a conhecer Jesus Cristo, mesmo sendo a sua esposa fiel.

5. Maria é a obra-prima por excelência do Altíssimo, cuja posse e conhecimento ele reservou para si.⁴ Maria é a Mãe admirável do Filho, o qual quis humilhá-la e escondê-la durante a vida para favorecer a sua humildade. Para este fim tratava-a com o nome de “mulher”⁵, como a uma estranha, embora no seu coração a estimasse mais do que a todos os anjos e a todos os homens. Maria é a fonte selada⁶ e a esposa fiel do Espírito Santo, onde só ele tem entrada. Maria é o santuário e o repouso da Santíssima Trindade, onde Deus está mais magnífica e divinamente que em qualquer outro lugar do universo, sem excetuar a sua morada acima dos querubins e serafins. Neste santuário nenhuma criatura, por mais pura que seja, pode entrar, a não ser por grande privilégio.

6. Digo com os santos: a divina Maria é o paraíso terrestre do novo Adão⁷, onde ele se encarnou por obra do Espírito Santo, para aí operar maravilhas incompreensíveis. É o grande, o divino mundo de Deus, onde há belezas e tesouros

3. “Quem é esta que sobe o deserto apoiada no seu amado?” (Ct 8, 5).

4. Cf. São Bernardo de Sena, *Sermo 51*, art. 1, c. 1.

5. Jo 2, 4; 19, 26: No nome de “mulher” atribuído a Maria, os exegetas referem o papel atribuído por Deus a Maria na história da salvação.

6. “És jardim fechado, minha irmã, minha esposa, nascente fechada, fonte selada” (Ct 4, 12).

7. É um arranjo com sentido mariano de Gn 2, 8 que se encontra também, por exemplo, em Santo Efrém, São Proclo, Santo Ambrósio, São João Damasceno, São Leão Magno. (Cf. VD 18, 248, 261).





inefáveis. É a magnificência do Altíssimo, onde ele escondeu, como em seu seio, o seu Filho único e nele tudo o que há de mais excelente e precioso. Que grandes e misteriosas coisas fez o Deus onipotente nesta admirável criatura, segundo ela própria é forçada a dizer, a despeito da sua profunda humildade: “O Todo-Poderoso fez em mim grandes coisas”!¹⁸ O mundo não conhece estas maravilhas, porque é incapaz e indigno disso.

7. Os santos disseram coisas admiráveis desta santa cidade de Deus. E, segundo o seu próprio testemunho, nunca foram tão eloquentes nem tão felizes como quando dela falavam.⁹ E depois disto exclamam que a sublimidade dos seus méritos, que chegam até ao trono da Divindade, não se pode perceber; que a extensão da sua caridade, maior que a terra, não se pode medir; que a grandeza do seu poder, que até sobre Deus se estende, não se pode compreender;¹⁰ e, finalmente, que a profundidade da sua humildade e de todas as suas virtudes e graças é um abismo insondável. Ó sublimidade incompreensível! Ó extensão inefável! Ó grandeza incomensurável! Ó abismo impenetrável!¹¹

8. Todos os dias dum extremo a outro da terra, no mais alto dos céus, no mais profundo dos abismos, tudo proclama e publica a admirável Virgem Maria. Os nove coros dos anjos, os seres humanos de ambos os sexos, idades, condições ou religiões, os bons e os maus, e até mesmo os demônios, são forçados a chamá-la bem-aventurada. Quer queiram, quer não, a isso os obriga a força da verdade. Como diz São Boaventura, todos os anjos lhe cantam no céu incessantemente: “Santa, Santa, Santa Maria, Mãe de Deus e Virgem”.¹² E, todos os dias, lhe oferecem milhões e milhões de vezes a Saudação angélica: “Ave Maria, etc.”, prostrando-se na sua presença e pedindo-lhe a mercê de os honrar com algumas das suas ordens. O próprio São Miguel, embora seja o príncipe de toda a corte celeste, é o mais diligente em lhe prestar toda a espécie de homenagens e em fazer com que lhas tributem. Constantemente aguarda a honra de por ela ser mandado em auxílio a alguns dos seus servos.

8. Lc 1, 49.

9. “Nunca me sinto tão contente nem tão tomado de tremor como quando devo falar da glória da Virgem Mãe” (São Bernardo, *Serm. 4 in Assumpt. BMV.*, PL 183, 427).

10. Cf. VD 37, 76.

11. São expressões que se inspiram em Ef 3, 18 e Ap 21, 15-16.

12. “Santa, santa, santa Maria, Mãe de Deus e Virgem” (Cf. São Boaventura, *Psalt. majus*, in Hymn. Ambros.).





9. Toda a terra está cheia da sua glória, particularmente entre os cristãos, que a tomam por padroeira e protetora em muitos reinos, províncias, dioceses e cidades. Quantas catedrais consagradas a Deus sob a sua invocação! Não há igreja sem um altar em sua honra, região ou cantão sem alguma de suas miraculosas imagens, ante as quais todos os males são curados e se alcança toda a espécie de bens. Quantas confrarias e congregações em seu nome e proteção! Quantos confrades e irmãos daquelas confrarias, quantos religiosos e religiosas de todos estes institutos publicam os seus louvores e anunciam as suas misericórdias! Não há criancinha que, balbuciando a *Ave Maria*, a não louve. Não há pecador, por mais empedernido, que não tenha, ao menos, uma centelha de confiança nela. Não há até demônio algum no inferno que, temendo-a, a não respeite.

10. Depois disto, forçoso é dizer com os santos: “DE MARIA NUNQUAM SATIS”,¹³ isto é, Maria não foi ainda suficientemente louvada e exaltada, honrada, amada e servida. Merece ainda muito maior louvor, respeito, amor e serviço.

11. Por isso, devemos dizer com o Espírito Santo: “Toda a glória da filha do Rei lhe vem do interior”.¹⁴ É como se toda a glória exterior que o céu e a terra lhe tributam à porfia, não fosse nada em comparação com a que recebe interiormente do Criador! As pequenas criaturas desconhecem essa glória por não poderem penetrar no mais íntimo segredo do Rei.

12. Depois de tudo isto, temos de exclamar com o Apóstolo: “Nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração do homem compreendeu as belezas, as grandezas e a excelência de Maria, o mais sublime milagre da graça, da natureza e da glória”.¹⁵ Se quereis compreender a Mãe - diz um santo - procurai compreender o Filho. Ela é a digna Mãe de Deus: “Que toda a língua aqui emudeça”.

13. Cf. Boudon, *A Imaculada*, prefácio, vol. 2, col. 589: “Se se disser que há livros em abundância sobre a devoção à Santíssima Virgem, os Santos Padres respondem que nunca se poderá louvá-la suficientemente; e São Bernardo, em especial, assegura que, ainda que todos os homens se esforçassem por falar dela, nunca se poderia dizer o bastante...”.

14. Sl 45 (44), 14, segundo a tradução da Vulgata.

15. 1 Cor 2, 9.





13. Foi o meu coração que ditou o que acabo de escrever com particular alegria, a fim de mostrar como Maria Santíssima tem sido insuficientemente conhecida até agora e como é esta uma das razões por que Jesus Cristo não é conhecido como deve ser.¹⁶

Se é certo que o conhecimento e o Reino de Jesus Cristo se hão de estabelecer no mundo, isso terá de ser uma consequência necessária do conhecimento do reino da Santíssima Virgem Maria. Ela deu Jesus Cristo ao mundo na primeira vez e há de fazê-lo resplandecer também na segunda.¹⁷

ARTIGO I

DEUS QUIS INICIAR E CONCLUIR AS SUAS MAIORES OBRAS ATRAVÉS DA SANTÍSSIMA VIRGEM

14. Com toda a Igreja confesso que Maria, não sendo mais que uma simples criatura saída das mãos do Altíssimo, é menor que um átomo, ou antes, não é nada em comparação com a Majestade divina, visto que só Deus é “Aquele que é”.¹⁸ Por conseguinte, este grande Senhor, sempre independente e bastando-se a si mesmo, não teve nem tem absoluta necessidade da Santíssima Virgem para o cumprimento dos seus desígnios e para a manifestação da sua glória.¹⁹ Basta-lhe querer para tudo fazer.

15. No entanto, supostas as coisas como são, tendo Deus querido começar e acabar as suas maiores obras pela Virgem Santíssima depois de a ter criado, digo que é de crer que não mudará de procedimento em todos os séculos. Ele é Deus e imutável nos seus sentimentos e na sua conduta.²⁰

16. Montfort fala de um conhecimento “de vivência”, em contraposição a um conhecimento especulativo, árido, estéril, indiferente (Cf. VD 64).

17. “O conhecimento da verdadeira doutrina católica sobre Maria constituirá sempre uma chave para a exata compreensão do mistério de Cristo e da Igreja” (Paulo VI, 21/11/64).

18. Ex 3, 14.

19. Os nn. 14 e 15 são passagens de capital importância e têm no *Tratado* de Montfort o mesmo valor que os sinais na clave duma partitura musical. Quem não se recordasse desses sinais tocaria falso, mesmo que tocassem corretamente as notas escritas. Por isso, sempre que Montfort afirme que a Virgem santa é necessária se deverá sempre subentender hipoteticamente, ou seja, “em consequência da vontade de Deus”. Na verdade “toda a salutar influência da bem-aventurada Virgem para com os homens, não nasce de uma necessidade, mas do beneplácito de Deus” (LG 60).

20. “Os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis” (Rm 11, 29).





16. Deus Pai não deu ao mundo o seu Unigênito senão por Maria. Por mais ardentes que fossem os suspiros dos patriarcas e as súplicas que durante quatro mil anos lhe fizeram os profetas e os santos da antiga lei para obterem esse tesouro, só Maria o mereceu. Só ela encontrou graça diante de Deus pela força das suas orações e pela grandeza das suas virtudes. Diz Santo Agostinho que, não sendo o mundo digno de receber o Filho de Deus diretamente das mãos do Pai, este o deu a Maria, para que os homens o recebessem por ela.²¹

O Filho de Deus fez-se homem para nos salvar, mas foi em Maria e por Maria.

Deus Espírito Santo formou Jesus Cristo em Maria, mas só depois de lhe ter pedido o consentimento por um dos primeiros ministros da sua corte.²²

17. Deus Pai, para dar a Maria o poder de gerar o seu Filho e todos os membros do seu Corpo místico, comunicou-lhe a sua fecundidade, na medida em que uma simples criatura a podia receber.

18. Como novo Adão no paraíso terrestre, assim desceu Deus Filho ao seio virginal de Maria para aí achar as suas delícias e operar, às escondidas, maravilhas de graça. O Deus feito homem encontrou a sua liberdade em ver-se aprisionado no seio dela; fez brilhar a sua força, deixando-se levar por essa jovem virgem. Achou a sua glória e a de seu Pai, escondendo os seus esplendores a todas as criaturas da terra, para só os revelar a Maria; glorificou a sua independência e majestade, dependendo desta amável virgem na sua concepção, nascimento, apresentação no templo, na sua vida oculta de trinta anos e até na sua morte. Maria devia estar presente a essa morte, porque Jesus quis oferecer com ela um mesmo sacrifício e ser imolado ao Eterno Pai com seu assentimento, como outrora Isaac também fora imolado à vontade de Deus pelo consentimento de Abraão. Foi ela que o amamentou, nutriu, sustentou, criou e sacrificou por nós.²³

21. Santo Agostinho (inter opera), PL 38, 1074; PL 40, 1191-1192.

22. "Do princípio ao fim, a Constituição *Lumen Gentium* dá particular relevo ao tema *Ecclesia de Trinitate*. Não causa, por isso, maravilha que o Cap. VIII sobre a bem-aventurada Virgem ponha em realce as relações existentes entre Maria e as Pessoas da SS. Trindade" (G. Philips, em *L'Église et son mystère*, Desclée, 1968).

23. "Concebendo Cristo, gerando-O, alimentando-O, apresentando-O no templo ao Pai, sofrendo com o seu Filho que morria na cruz, ela cooperou, de modo absolutamente singular, pela obediência, pela fé, pela esperança e pela caridade ardente na obra do Salvador, para restaurar a vida sobrenatural nos homens. Por tudo isto, ela é nossa Mãe na ordem da graça" (LG 61).





Ó admirável e incompreensível dependência de um Deus! Nem o Espírito Santo a pôde ocultar no Evangelho para nos mostrar o seu valor e glória infinita, embora tenha escondido quase todas as maravilhas operadas pela Sabedoria encarnada durante a sua vida oculta. Jesus Cristo deu mais glória a Deus Pai pela sua submissão a Maria durante trinta anos do que lhe teria dado se convertesse toda a terra operando os maiores prodígios. Oh! Quão infinitamente glorificamos a Deus, quando nos submetemos, para lhe agradecer, à Virgem Santíssima, a exemplo de Jesus Cristo, nosso único modelo!

19. Se examinarmos de perto o resto da vida de Jesus, veremos que ele quis iniciar os seus milagres por Maria. Santificou São João no seio de sua mãe, Santa Isabel,²⁴ pela palavra de Maria. Logo que ela falou, João ficou santificado; e este foi o primeiro milagre de Jesus na ordem da graça. Nas bodas de Caná,²⁵ Jesus mudou a água em vinho, atendendo ao humilde pedido de sua Mãe; e este foi o seu primeiro milagre na ordem natural. Começou e continuou os seus milagres por Maria; por ela os continuará até ao fim dos séculos.

20. Sendo o Espírito Santo estéril em Deus, isto é, não produzindo nenhuma outra pessoa divina, tornou-se fecundo por Maria, a quem desposou. Foi com ela, nela e dela que formou a sua obra-prima: um Deus feito homem, e que forma todos os dias até ao fim dos séculos, os predestinados e os membros do corpo que tem por cabeça o adorável Jesus. É por isso que, quanto mais numa alma ele encontra Maria, sua amada e inseparável esposa, tanto mais operante e poderoso se torna para produzir Jesus Cristo nessa alma e essa alma em Jesus Cristo.²⁶

21. Não quero dizer com isto que a Santíssima Virgem dê ao Espírito Santo a fecundidade, como se ele a não tivesse. Ele é Deus e, por isso, pos-

24. Lc 1, 41-44.

25. Jo 2, 1-12.

26. Hoje em dia “uma forma bastante curiosa de oposição à teologia e à devoção mariana consiste em afirmar que na Igreja católica a figura de Maria substituiu de certa maneira a Pessoa do Espírito Santo” (G. Philips, *Études Mariales*, 1968, p. 7). Ora isto não é possível afirmá-lo acerca de Montfort, como demonstra esta clássica página da sua espiritualidade. (Ver ainda os nn. 35-36, 164).





sui a fecundidade (ou a capacidade de gerar) tal como o Pai e o Filho, embora a não transforme em ato, gerando outra pessoa divina. O que se quer dizer é que o Espírito Santo reduz a ato a sua fecundidade por intermédio da Santíssima Virgem. O Espírito Santo quer servir-se dela, embora disso não tenha uma necessidade absoluta, para gerar nela e por ela Jesus Cristo e os seus membros. Ó mistério de graça, escondido mesmo aos cristãos mais sábios e mais espirituais!²⁷

22. O procedimento que as três Pessoas da Santíssima Trindade tiveram na Encarnação e primeira vinda de Jesus Cristo, têm-no ainda todos os dias, duma maneira invisível, na Santa Igreja, e assim será, até à consumação dos séculos, na última vinda de Jesus Cristo.

23. Deus Pai juntou todas as águas e chamou-lhes mar; juntou todas as suas graças e chamou-lhes Maria.²⁸ Este grande Deus tem um tesouro ou celeiro riquíssimo, onde encerrou tudo o que tem de belo, de resplandecente, de raro e precioso, incluindo o seu próprio Filho. Este tesouro imenso é Maria, a quem os santos chamam o tesouro do Senhor,²⁹ de cuja plenitude os homens são enriquecidos.

24. Deus Filho comunicou a sua Mãe tudo o que adquiriu pela sua vida e morte, os seus méritos infinitos e as suas admiráveis virtudes. Fê-la tesoureira de tudo o que o Pai lhe deu como herança. É por meio de Maria que aplica os seus méritos aos seus membros, que comunica as suas virtudes e distribui as suas graças. Ela é o seu canal misterioso, o seu aqueduto, por onde faz passar suave e abundantemente as suas misericórdias.³⁰

25. Deus Espírito Santo comunicou a Maria, sua fiel esposa, os seus dons inefáveis, e escolheu-a para despenseira de tudo quanto possui. Deste modo, ela distribui a quem quer, quanto quer, como e quando quer, todos

27. Estes dois últimos números deram lugar a uma fraterna controvérsia teológica sobre a fecundidade do Espírito Santo. Cf. Gebhard, artigos de “Regina Cuori”, IV, 1917; De Rosa, *La fecondità dello Spirito Santo*, in “Marianum”, X, 1950; Alonso, *Infecundidad...*, in “Ephem. Mariol.”, 1, 1951, p. 351.

28. Cf. Poiré, *Coroa de Excelência*, 6.ª estrela, p. 73.

29. VD 216.

30. Cf. VD 142.





os seus dons e graças, e nenhum dom celeste é concedido aos homens sem que passe por suas mãos virginais. Esta é a vontade de Deus, que quis que tudo recebamos por Maria. Desta forma é enriquecida, elevada e honrada pelo Altíssimo, aquela que durante toda a vida se fez pobre, se humilhou e escondeu até ao mais profundo nada, em sua extrema humildade. São estes os sentimentos da Igreja e dos Santos Padres.³¹

26. Se eu falasse para certos sábios de hoje, estender-me-ia a provar mais vastamente tudo o que estou a expor de um modo simples, por meio da Sagrada Escritura, dos Santos Padres - de quem citaria as passagens latinas -, e com vários argumentos sólidos que se encontram desenvolvidos profusamente pelo R. Pe. Poiré na sua *Triple Couronne de La Sainte Vierge*.³² Mas como estou falando sobretudo aos pobres e aos simples que, sendo de boa vontade e tendo mais fê que os sábios em geral, creem mais simplesmente e com mais mérito, contento-me em declarar-lhes simplesmente a verdade, sem me deter com a citação de todas as passagens latinas, que eles não entendem, embora eu não deixe de citar algumas, sem grande propósito de muita procura ou investigação. Continuemos.

27. Visto que a graça aperfeiçoa a natureza e a glória aperfeiçoa a graça, é certo que Nosso Senhor, no céu, é ainda tão filho de Maria como o foi na terra. Conservou, portanto, a submissão e a obediência do mais perfeito de todos os filhos para com Maria, a melhor das mães. Cuidemos, porém, de não ver nesta dependência rebaixamento de Jesus Cristo ou alguma imperfeição. Maria, estando infinitamente abaixo de seu Filho, que é Deus, não lhe dá ordens como uma mãe da terra o faz a seu filho, que lhe é inferior. Maria está toda transformada em Deus pela graça e pela glória, as quais transformam nele todos os santos; por isso não pede, não quer, não faz nada que seja contrário à eterna e imutável vontade de Deus. Quando, pois, se lê nos escritos de São Bernardo, São Bernardino, São Boaventura, etc., que no céu e na terra tudo está sujeito a Maria, até o próprio Deus, deve-se apenas entender que a autoridade que Deus lhe quis conceder é tão grande que parece igualar o poder divino; e que as suas orações e súplicas são tão poderosas junto de Deus, que elas passam sempre como ordens junto da sua Majestade. Ele

31. Cf. VD 141; Pio XII, *Mediator Dei*, 20/11/47.

32. F. Poiré (1584-1637), da Companhia de Jesus.





não resiste nunca à oração de sua diletta Mãe, porque ela é sempre humilde e conforme à sua vontade.

Moisés deteve tão poderosamente a ira de Deus contra os israelitas pela força da sua oração, que este altíssimo e infinitamente misericordioso Senhor, não lhe podendo resistir, lhe pediu que o deixasse encolerizar-se e castigar aquele povo rebelde.³³ O que então não devemos pensar, com muito mais razão, da humilde oração de Maria, mais poderosa junto de Deus que as preces e as intercessões de todos os anjos e santos do céu e da terra?!

28. No céu, Maria impera sobre os anjos e os bem-aventurados. Como recompensa da sua profunda humildade, deu-lhe Deus o poder e o encargo de encher de santos os tronos deixados vazios pela orgulhosa queda dos anjos apóstatas. É vontade do Altíssimo, que exalta os humildes,³⁴ que o céu, a terra e os infernos obedeçam, livre ou forçosamente, às ordens da humilde Maria. Fê-la soberana do céu e da terra,³⁵ condutora dos seus exércitos, guarda dos seus tesouros, despenseira das suas graças, obreira das suas grandes maravilhas, reparadora do gênero humano, medianeira dos homens, vencedora dos inimigos de Deus e fiel companheira de suas grandezas e triunfos.

29. Deus Pai quer formar filhos por Maria, até à consumação do mundo, e diz-lhe estas palavras: “Habita em Jacó”.³⁶ Isto quer dizer: faz a tua morada e habitação entre os meus filhos e predestinados, figurados por Jacó, e não entre os filhos do demônio e os réprobos, figurados por Esaú.

30. Como na geração natural e corporal há um pai e uma mãe, assim também na geração sobrenatural e espiritual há um pai, que é Deus, e uma mãe, que é Maria. Todos os verdadeiros filhos de Deus e predestinados têm Deus por pai e Maria por mãe; e quem a não tem por Mãe, não tem Deus

33. Ex 32, 10.

34. Lc 1, 52.

35. “A Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma e exaltada por Deus como Rainha do universo, para assim se conformar mais plenamente com seu Filho, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte” (LG 59).

36. Eclo 24, 8.





por Pai.³⁷ Eis porque os réprobos, como os hereges, os cismáticos, etc.,³⁸ que odeiam ou olham com desprezo ou com indiferença a Santíssima Virgem, não têm Deus por pai, ainda que disto se gloriem, porque não têm Maria por mãe. Se a tivessem por mãe, iriam honrá-la e amá-la como um verdadeiro e bom filho ama e honra naturalmente sua mãe, que lhe deu a vida.

O sinal mais infalível e indubitável para distinguir um herege, um homem de má doutrina, um réprobo de um predestinado, é que o herege e o réprobo não têm senão desprezo ou indiferença pela Santíssima Virgem. Com suas palavras e exemplos, aberta ou disfarçadamente, esforçam-se por lhe diminuir o culto e o amor, e isso, por vezes, ao abrigo de belos pretextos.³⁹ Ah! Deus Pai não disse a Maria para habitar neles, porque são Esaús.

31. Deus Filho quer ser formado e, por assim dizer, encarnar-se todos os dias por intermédio de sua muito amada Mãe, nos seus membros, e diz-lhe: “Recebei Israel por herança”.⁴⁰ É como se dissesse: Deus, meu Pai, deu-me por herança todas as nações da terra, todos os homens, bons e maus, predestinados e réprobos. Conduzirei uns com vara de ouro e outros com vara de ferro. Serei pai e advogado de uns, justo vingador de outros e juiz de todos. Mas vós, minha querida Mãe, não tereis por herança e posse senão os predestinados, representados em Israel; e como uma boa mãe os dareis à luz, os alimentareis e educareis; e como sua soberana os conduzireis, governareis e defendereis.

32. “Um homem e um homem nasceu nela”,⁴¹ diz o Espírito Santo. Segundo a explicação de alguns santos padres, o primeiro homem que nasceu de Maria foi o Homem-Deus, Jesus Cristo; o segundo é um simples homem,

37. Este texto parece o eco de um trecho de São Cipriano, *De unitate Ecclesiae*, 6, PL 4, 519. Quando Montfort, aqui como noutros lugares fala de predestinados, é certo que não pretende abater-se contra um certo sistema teológico sobre a predestinação; refere-se, isso sim, à célebre passagem da Carta aos Romanos (8, 28-30), onde São Paulo fala daqueles que amam a Deus e “que foram chamados segundo o seu desígnio”.

38. As afirmações de Montfort não devem ser entendidas como condenação indiscriminada dos cristãos doutras confissões religiosas, que em boa fé omitem ser devotos de Maria devido à lacuna da apresentação da presença de Maria na história da salvação.

39. Cf. VD 63-65.

40. Eclo 24, 8.

41. Sl 87 (86), 5: “um e outro nasceu nela”.





filho de Deus e de Maria por adoção. Se Jesus Cristo, cabeça dos homens, nasceu dela, todos os predestinados, membros desta cabeça, também dela devem nascer,⁴² por uma consequência necessária. Uma mesma mãe não dá à luz a testa ou a cabeça sem os membros, nem os membros sem a cabeça: caso contrário, teríamos um monstro da natureza. Do mesmo modo, na ordem da graça, a cabeça e os membros nascem também de uma só mãe. Se um membro do corpo místico de Jesus Cristo, quer dizer, um predestinado, nascesse de outra mãe que não Maria, que gerou a cabeça, não seria um predestinado, nem um membro de Jesus Cristo, mas sim um monstro na ordem da graça.

33. Além disso, Jesus Cristo, hoje como sempre é fruto de Maria, como o céu e a terra lho repetem mil e mil vezes por dia: “... E bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus”; por isso, é certo que Jesus Cristo é tão realmente o fruto e a obra de Maria para cada homem em particular que o possui, como o é para todo o mundo em geral; de maneira que, se algum fiel tem Jesus Cristo formado no seu coração, pode dizer ousadamente: “Graças a Maria! O que eu possuo é fruto e obra sua, e sem ela não o teria”. Podem aplicar-se à Santíssima Virgem, com mais verdade ainda do que São Paulo as aplicava a si próprio, estas palavras: “Filhinhos meus, por quem eu sinto de novo as dores do parto, até que Cristo se forme em vós”.⁴³ Eu dou à luz, todos os dias, os filhos de Deus, até que Jesus Cristo, meu Filho, neles seja formado na plenitude da sua idade.⁴⁴ Santo Agostinho,⁴⁵ ultrapassando-se a si mesmo e a tudo o que eu acabo de dizer, afirma que os predestinados, para se tornarem conformes à imagem do Filho de Deus,⁴⁶ vivem neste mundo escondidos no seio da Santíssima Virgem, lá são guardados, alimentados, sustentados e criados por esta boa Mãe, até que ela os dê à luz para a glória, depois da morte. Este é propriamente o dia do seu nascimento, como a Igreja chama à morte dos justos. Ó mistério de graça, escondido aos réprobos e tão pouco conhecido pelos eleitos!

42. “Portanto, todos nós que estamos unidos a Cristo e que, como diz o Apóstolo: ‘somos membros do seu corpo, da sua carne, dos seus ossos’ saímos do seio de Maria como um corpo unido à cabeça” (Pio X, em *Ad diem illum*).

43. Gl 4, 19; cf. SM 56.

44. Ef 4, 13. Expressão muito cara a Montfort: AES 214, 226; SM 67; VD 119, 156, 164, 168.

45. Santo Agostinho, PL 40, 399; PL 40, 659-660.

46. “Predestinados a serem conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8, 29).





34. Deus Espírito Santo quer formar nela e por ela eleitos e diz-lhe: “Lança raízes entre os meus escolhidos”.⁴⁷ Ó minha bem-amada e minha esposa, lança as raízes de todas as tuas virtudes nos meus eleitos, a fim de que eles cresçam de virtude em virtude e de graça em graça. Tive tanta complacência em ti, quando vivias na terra, praticando as mais sublimes virtudes, que desejo encontrar-te ainda na terra, sem que deixes de estar no céu. Reproduz-te, pois, nos meus eleitos para que eu possa ver neles, com agrado, as raízes da tua fé invencível, da tua humildade profunda, da tua mortificação universal, da tua oração sublime e ardente caridade, da tua firme esperança e de todas as tuas virtudes. Continuas a ser a minha esposa tão fiel, tão pura e tão fecunda como nunca. Que a tua fé me dê fiéis; que a tua pureza me dê virgens, e a tua fecundidade eleitos e templos.

35. Depois de Maria lançar as suas raízes numa alma, opera nela maravilhas de graça que só ela pode produzir, pois só ela é a Virgem fecunda que nunca teve igual em pureza e fecundidade.

Maria produziu, com o Espírito Santo, a maior maravilha de quantas existiram ou existirão: o Homem-Deus. Produzirá ainda, consequentemente, as coisas mais admiráveis que hão de existir nos últimos tempos.⁴⁸ A formação e educação dos grandes santos, que hão de vir no fim do mundo, estão-lhe reservadas, pois só esta Virgem singular e miraculosa pode produzir, em união com o Espírito Santo, coisas singulares e extraordinárias.

36. Tendo-a encontrado numa alma, o Espírito Santo, seu Esposo, voa para lá, entra plenamente e comunica-se a essa alma abundantemente e na mesma medida em que ela dá lugar em si a Maria. Uma das grandes razões por que o Espírito Santo não opera agora maravilhas retumbantes nas almas é a de nelas não encontrar uma união suficientemente forte com a sua fiel e indissolúvel Esposa. Digo indissolúvel Esposa porque desde que este amor substancial do Pai e do Filho desposou Maria para produzir Jesus Cristo, cabeça dos eleitos, nunca mais a repudiou, porque ela foi sempre fiel e fecunda.

47. Eclo 24, 12.

48. Montfort fala muito dos “últimos tempos” e do “fim do mundo” ou da “segunda vinda de Jesus Cristo”. Na linguagem bíblica e dos profetas estas expressões não se relacionam apenas com os últimos tempos da existência do mundo, mas referem-se também a acontecimentos já presentes, já em realização, mas que se vão desenvolvendo até à sua plena maturidade no futuro.





ARTIGO II

A DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM É NECESSÁRIA

1ª Consequência: Maria é Rainha dos corações.

37. É evidente que, do que fica dito, se deve concluir: primeiro, que Maria recebeu de Deus um grande poder sobre as almas dos eleitos. Ela não poderia fazer neles a sua morada, como Deus Pai lho ordenou; nem formá-los, alimentá-los e gerá-los para a vida eterna como sua mãe; nem recebê-los por sua herança e quinhão; nem formá-los em Jesus Cristo e Jesus Cristo neles; nem lançar nos seus corações a raiz das suas virtudes e ser a companheira inseparável do Espírito Santo nas suas obras de graça; não poderia, repito, fazer tudo isto, se não tivesse direito e poder sobre as suas almas, por uma graça singular do Altíssimo, que, tendo-lhe dado o poder sobre o seu Filho único e natural, deu-lhe também sobre os seus filhos adotivos, e isto não somente quanto ao corpo, o que seria pouco, mas também quanto à alma.⁴⁹

38. Maria é Rainha do céu e da terra por graça, como Jesus Cristo o é por natureza e por conquista. Ora, assim como o reino de Jesus Cristo consiste principalmente no coração ou interior do homem, segundo estas palavras: “O Reino de Deus está dentro de vós”⁵⁰, assim também o reino da Santíssima Virgem está principalmente no interior do homem, isto é, na sua alma. É sobretudo nas almas que ela é glorificada com seu Filho, mais do que em todas as criaturas visíveis, e podemos chamá-la com os santos a *Rainha dos corações*.

49. “A bem-aventurada Virgem não possui apenas o maior grau, depois de Cristo, da excelência e da perfeição, mas de certo modo participa também na ação pela qual se diz, com razão, que o seu Filho, nosso Redentor, reina nos espíritos e nas vontades dos homens...” (Pio XII, na Enc. *Ad Caeli Reginam*, 11/10/1954).

50. Lc 17, 21. Ainda Pio XII, na *Radiomensagem para a Coroação de Nossa Senhora de Fátima*, a 13 de maio de 1946: “O seu Reinado é vasto como o de seu Filho e Deus, pois nada está excluído do seu domínio”.





2ª Consequência: Maria é necessária aos homens para a salvação.

39. A Santíssima Virgem é necessária a Deus, duma necessidade dita hipotética, por depender da sua vontade, por conseguinte, devemos concluir, em segundo lugar, que ela é muito mais necessária aos homens para conseguirem chegar ao seu fim último. Não se deve, pois, confundir a devoção à Santíssima Virgem com as devoções aos outros santos, como se não fosse mais necessária do que estas, e apenas facultativa.

40. Fundamentados na opinião dos Padres da Igreja (entre outros, de Santo Agostinho, Santo Efrém, diácono de Edessa, São Cirilo de Jerusalém, São Germano de Constantinopla, São João Damasceno, Santo Anselmo, São Bernardo, São Bernardino, São Tomás e São Boaventura), o douto e piedoso Suarez, da Companhia de Jesus, o sábio e devoto Justo Lúpsio, doutor de Lovaina, e vários outros provaram, de maneira incontestável, que a devoção à Santíssima Virgem é necessária para a salvação. Provaram ainda que é sinal infalível de reprobção - segundo o sentir do próprio Ecolampádio e de alguns outros hereges -, a falta de estima e amor à Santíssima Virgem, e que, pelo contrário, é sinal certo de predestinação ser-lhe inteira e verdadeiramente devotado ou devoto.⁵¹

41. Provam-no as figuras e palavras do Antigo e Novo Testamento;⁵² confirmam-no os sentimentos e exemplos dos santos; ensina-o e demonstra-o a razão e a experiência. O próprio demônio e seus seguidores, instados pela força da verdade, foram muitas vezes obrigados a confessá-lo, a contragosto. De todas as passagens dos santos Padres e Doutores - de quem fiz ampla recolha para comprovar esta verdade -, apenas cito uma, a fim de não me alongar: “Ser teu devoto, ó Virgem Santa, diz São João Damasceno, é uma arma de salvação, que Deus dá aos que quer salvar”.⁵³

51. Para uma leitura teologicamente correta destas e doutras passagens de Montfort convém fazer referência a alguns textos conciliares e pontifícios. “A Mãe de Jesus... brilha sobre a terra diante do peregrinante Povo de Deus, qual sinal de esperança certa e de consolação” (LG 68). Com a sua incessante e eficaz intercessão, Maria “está muitíssimo próxima dos seus fiéis que a suplicam, e também daqueles que ignoram serem seus filhos” (*Marialis Cultus*, 56).

52. LG 55.

53. “Tibi devotum esse, est arma quaedam salutis quae Deus his dat quos vult salvos fieri” (Cf. VD 182).





42. Poderia referir aqui vários fatos, em confirmação do mesmo assunto, entre outros o que é narrado nas crônicas de São Francisco,⁵⁴ que durante um êxtase viu uma grande escada que ia ter ao céu, e na extremidade da escada estava a Santíssima Virgem. Foi-lhe dado a entender que é necessário subir por essa escada, para chegar ao céu. Conta-se ainda nas crônicas de São Domingos que, perto de Carcassone, quando o santo pregava sobre o rosário, se deu que quinze mil demônios que possuíam a alma de um infeliz herege, foram obrigados, por ordem da Santíssima Virgem e para confusão deles, a confessar grandes e consoladoras verdades sobre a devoção a Nossa Senhora; e fizeram-no com tanta força e clareza que, por pouca devoção que se tenha à Santíssima Virgem, não se pode ler sem lágrimas de alegria esta história autêntica e o panegírico que, a contragosto, o demônio fez desta devoção.

3ª Consequência: Maria é ainda mais necessária aos que são chamados a uma perfeição particular.

43. Se a devoção à Santíssima Virgem é necessária a todos os homens tão-só para conseguirem a salvação, é ainda muito mais necessária àqueles que são chamados a uma perfeição particular.⁵⁵ Não creio mesmo que alguém possa atingir uma íntima união com Deus e uma perfeita fidelidade ao Espírito Santo, sem uma união muito grande à Santíssima Virgem e uma grande dependência do seu auxílio.

44. Só Maria encontrou graça diante de Deus,⁵⁶ sem o auxílio de qualquer outra criatura. Todos os que acharam graça diante de Deus desde então, só por seu intermédio a acharam, e também só por ela a encontrarão todos os que ainda hão de vir. Maria estava cheia de graça ao ser saudada pelo arcanjo São Gabriel, e recebeu uma plenitude superabundante de graça quando o Espírito Santo a revestiu com a sua sombra inefável. De tal modo essa dupla plenitude foi aumentando, dia a dia, momento a momento, que a sua alma atingiu um grau imenso e inconcebível de graça. Por isso o Altíssimo fez dela a única tesoureira dos seus tesouros e a única despenseira das suas graças, para enobrecer, elevar e enriquecer a quem lhe aprouver; para fazer entrar no caminho estreito do céu quem quiser, para fa-

54. *I Fioretti*, c. 10.

55. Entre os chamados a “uma perfeição particular” estão os Religiosos e todos aqueles que se consagraram a Deus por uma consagração especial, além do batismo. Para estes a devoção mariana é ainda mais necessária.

56. Lc 1, 30.





zer passar, apesar de tudo, quem ela quiser pela porta estreita da vida, e para dar a quem entender o trono, o cetro e a coroa de rei. Jesus é, em toda a parte e sempre, o fruto e o Filho de Maria; e Maria é, em toda a parte, a verdadeira árvore que dá o fruto de vida, e a verdadeira mãe que o produz.⁵⁷

45. Só a Maria confiou Deus as chaves dos celeiros do divino amor,⁵⁸ e o poder de entrar nos caminhos mais sublimes e mais secretos da perfeição, bem como de neles fazer entrar os outros. Só Maria dá aos miseráveis filhos da infel Eva a entrada no paraíso terrestre para aí passearem aprazivelmente com Deus,⁵⁹ para aí se esconderem em segurança dos seus inimigos, para aí comerem o alimento delicioso - já sem temer a morte - do fruto das árvores da vida e da ciência do bem o do mal, e beberem a grandes tragos as celestes águas da bela fonte que aí jorra abundantemente. Ou melhor, visto ser ela própria esse paraíso terrestre, essa terra virgem e abençoada de onde Adão e Eva, culpados, foram expulsos, só acolhe em si aqueles e aquelas que lhe apraz, para os tornar santos.

46. Todos os ricos do povo, para me servir da expressão do Espírito Santo, segundo a explicação de São Bernardo, todos os ricos do povo suplicarão a vossa face pelos séculos afora e especialmente no fim do mundo.⁶⁰ Isto é, os maiores santos, as almas mais ricas em graça e virtude, serão as mais assíduas em orar à Virgem Maria e a tê-la sempre presente, como o seu perfeito modelo a imitar e o seu poderoso auxílio para as socorrer.⁶¹

47. Disse que isto aconteceria especialmente no fim do mundo, e em breve, porque o Altíssimo e a sua santa Mãe devem suscitar grandes santos, que ultrapassarão em muito a santidade da maior parte dos outros santos, quanto os cedros do Líbano excedem os pequenos arbustos. Assim foi revelado a uma alma santa, cuja vida o Sr. de Renty escreveu.⁶²

57. Cf. SM 70.

58. Ct 1, 3; cf. São João da Cruz, *Cântico espiritual B*, estr. 26.

59. Gn 3, 8.

60. Sl 45 (44), 13.

61. São Bernardo (inter opuscula), *Serm. 4 in antif. Salve Regina*, PL 184, 1073.

62. De Renty (1611-1649), era amigo íntimo de São João Eudes e de Boudon. A alma santa de que fala é Maria des Vallées, chamada a santa de Coutances (1590-1656), filha espiritual de São João Eudes. Note-se que ela não se pronuncia sobre o papel de Maria nos últimos tempos, mas diz somente que "... nesse tempo haverá mártires... santos que ultrapassarão em santidade os santos de hoje, como os cedros do Líbano ultrapassam os pequenos arbustos".





48. Essas grandes almas, cheias de graça e de zelo, serão escolhidas para se oporem aos inimigos de Deus, que se agitarão de todos os lados. Serão de uma devoção toda singular à Santíssima Virgem, esclarecidas pela sua luz, alimentadas com seu leite, conduzidas pelo seu espírito, inspiradas pelo seu braço, e guardadas sob a sua proteção, de modo que hão de combater com uma das mãos e edificar com a outra. Com uma combaterão, derrubarão, esmagarão os hereges com suas heresias, os cismáticos com seus cismas, os idólatras com a sua idolatria e os pecadores com suas impiedades. Com a outra mão edificarão o templo do verdadeiro Salomão e a mística cidade de Deus, ou seja, a Santíssima Virgem, que pelos Santos Padres foi chamada *templo de Salomão* e *cidade de Deus*. Com suas palavras e exemplos, a todos levarão à verdadeira devoção a Nossa Senhora. Isto atrair-lhes-á o ódio de muitos, mas também lhes trará muitas vitórias e muita glória para Deus só. Isto revelou Deus a São Vicente Ferrer, grande apóstolo do seu tempo, que claramente o indicou numa das suas obras.

É o que o Espírito Santo parece ter predito no Salmo 58 por estas palavras: “O Senhor reinará em Jacó e em toda a terra; converter-se-ão pela tarde, sofrerão fome como cães e andarão à volta da cidade a caçar para comer.”⁶³ Esta cidade, à volta da qual os homens vaguearão no fim do mundo, para se converterem e saciarem a sua fome de justiça, é a Santíssima Virgem, chamada pelo Espírito Santo *cidade de Deus*.⁶⁴

CAPÍTULO II

NECESSIDADE DUMA DEVOÇÃO MAIS PERFEITA A NOSSA SENHORA NOS ÚLTIMOS TEMPOS

49. A salvação do mundo começou por Maria, e é por ela que se deverá consumir. Na primeira vinda de Jesus Cristo, Maria quase não apareceu, a fim de que os homens, ainda pouco instruídos e esclarecidos sobre a pessoa de seu Filho, não se afastassem da verdade, apegando-se de maneira demasiado forte e grosseira a ela. É provável - se a Virgem Maria fosse conhecida - que isso tivesse acontecido por causa dos encantos admiráveis que o Altíssimo a havia dotado, mesmo exteriormente. Tanto assim é que São Dionísio Areopagita nos deixou escrito que, quando a viu, a teria tomado por uma

63. Sl 59 (58), 14-16.

64. Cf. Sl 87 (86), 3.





divindade, devido aos seus secretos encantos e à sua beleza incomparável, se a fê, em que estava bem confirmado, não lhe tivesse ensinado o contrário.

Mas na segunda vinda de Jesus Cristo, Maria deve ser conhecida e revelada pelo Espírito Santo, para por ela se fazer conhecer, amar e servir Jesus Cristo, uma vez que já não subsistirão as razões que o levaram a ocultar, em vida, a sua Esposa e depois a revelá-la muito pouco desde a pregação do Evangelho.

ARTIGO I

DEUS QUER REVELAR A GRANDEZA DE MARIA NOS ÚLTIMOS TEMPOS

50. Deus quer, portanto, revelar e manifestar Maria,⁶⁵ a obra-prima das suas mãos, nestes que são os tempos derradeiros.

1º Porque ela se escondeu neste mundo, e se colocou mais abaixo que o pó, pela sua humildade profunda, tendo obtido de Deus, dos seus Apóstolos e Evangelistas, que não fosse manifestada.

2º Ela é a obra-prima saída das mãos de Deus, tanto na terra pela graça, como no céu pela glória, e através dela, quer Deus ser louvado e glorificado sobre a terra, por todos os que nela vivem.

3º Sendo ela a aurora que precede e descobre o Sol de justiça, Jesus Cristo, Maria deve ser conhecida e revelada, para que Jesus Cristo o seja também.

4º Visto ser o caminho por onde Jesus Cristo veio a nós da primeira vez, sê-lo-á também quando vier pela segunda vez, embora de maneira diversa.

5º Como é o meio seguro, a via reta e imaculada para ir a Jesus Cristo e para o encontrar perfeitamente, é por ela que o devem encontrar as almas chamadas a brilhar em santidade. Aquele que achar Maria, achará a vida,⁶⁶ isto é, encontrará Jesus Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida.⁶⁷ Mas não a pode achar quem a não procurar; não pode procurá-la quem a não conhecer: pois não se busca nem se deseja algo desconhecido. É, pois, necessário que Maria seja conhecida mais do que nunca, para maior conhecimento e glória da Santíssima Trindade.

65. Ler estas proféticas páginas de Montfort, confrontando-as com a vocação escatológica da Igreja peregrinante, descrita pelo Concílio Vaticano II (LG 48-51).

66. Cf. Pr 8, 35.

67. Jo 14, 6.





6º Maria deve brilhar mais do que nunca em misericórdia, em força e em graça, nestes últimos tempos.

Em misericórdia para reconduzir e receber amorosamente os pobres pecadores e extraviados, que se converterão e regressarão à Igreja católica.

Em força para se opor aos inimigos de Deus, aos idólatras, cismáticos, maometanos, judeus e ímpios empedernidos, que se revoltarão terrivelmente, para seduzir e fazer cair, por meio de promessas e ameaças, todos os que lhes forem contrários.

E, finalmente, ela deve brilhar em graça, para animar e sustentar os valorosos soldados e fiéis servos de Jesus Cristo, que combaterão pelos seus interesses.

7º Por fim, Maria, deve ser terrível para o demônio e seus seguidores, como um exército disposto em linha de batalha⁶⁸, principalmente nestes últimos tempos.⁶⁹ A razão disso é que o demônio intensifica todos os dias seus esforços e combates, visto saber bem que lhe resta pouco tempo, muito menos do que nunca, para perder as almas. Suscitará em breve cruéis perseguições, e armará terríveis emboscadas aos servos fiéis e aos verdadeiros filhos de Maria, a quem consegue vencer com muito mais dificuldade do que aos demais.

51. Estas últimas e cruéis perseguições do demônio aumentarão dia a dia, até vir o reino do Anticristo. É, sobretudo, a estas que se deve aplicar a primeira e célebre profecia e maldição de Deus proferida no paraíso terrestre contra a serpente. Vem a propósito explicá-la aqui para glória da Santíssima Virgem, para a salvação dos seus filhos e confusão do demônio.

“Porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela; ela te esmagará a cabeça, e tu armarás ciladas ao seu calcanhar”.⁷⁰

52. Deus nunca estabeleceu e formou senão uma inimizade, mas que é irreconciliável e que perdurará, e aumentará mesmo, até ao fim: é a inimizade entre Maria, sua digna Mãe e o demônio; entre os filhos e servos da San-

68. Ct 6, 4; cf. VD 210.

69. Ap 12, 12.

70. Gn 3, 15. “O texto hebraico, anunciando uma inimizade entre a descendência da serpente e a da mulher, opõe o homem ao demônio e sua ‘descendência’, mas deixa também prever a vitória final do homem. A tradução grega, começando a última frase com um pronome masculino, atribui esta vitória não à descendência da mulher em geral, mas a um dos filhos da mulher: está assim preparada a interpretação messiânica que muitos Santos Padres explicitarão. Com o Messias a sua mãe está implicada, e a interpretação mariológica da tradução latina *ipsa conteret* tornou-se tradicional na Igreja” (*Bíblia de Jerusalém*).





tíssima Virgem, e os filhos e seguidores de Lúcifer, de sorte que o maior dos inimigos criados por Deus contra o demônio é Maria, sua santa Mãe. Embora Maria apenas existisse ainda na mente de Deus, ele deu-lhe desde o paraíso terrestre, tanto ódio contra aquele maldito inimigo, tanta diligência em descobrir a malícia daquela antiga serpente, tanta força para vencer, abater e esmagar aquele ímpio orgulhoso, que o demônio a teme não só mais que a todos os anjos e homens, mas, num certo sentido, mais que ao próprio Deus. Não que a ira, o ódio e o poder de Deus não sejam infinitamente superiores aos da Santíssima Virgem, visto as perfeições dela serem limitadas, mas: em primeiro lugar, porque Satanás, sendo orgulhoso, sofre infinitamente mais em ser vencido e castigado por uma pequena e humilde serva de Deus, e a humildade desta humilha-o mais que o poder divino; em segundo lugar, porque Deus deu a Maria tão grande poder contra os demônios, que estes, por diversas vezes foram obrigados a confessar, mau grado seu, e pela boca dos próprios possesores, de temer mais um só dos seus suspiros por alguma alma do que as orações de todos os santos, e uma só das suas ameaças contra eles, do que todos os seus outros tormentos.

53. O que Lúcifer perdeu por orgulho, ganhou-o Maria pela sua humildade; o que Eva condenou e perdeu pela desobediência, salvou-o Maria obedecendo. Eva, ao obedecer à serpente, perdeu consigo todos os seus filhos e entregou-os ao demônio. Maria, tendo sido perfeitamente fiel a Deus, salvou juntamente consigo todos os seus filhos e servos, e consagrou-os à Divina Majestade.⁷¹

54. Deus não pôs somente uma inimizade, mas inimizades, isto é, não apenas entre Maria e o demônio, mas também entre a descendência da Virgem Santa e a de Satanás. Isto quer dizer que Deus estabeleceu inimizades, antipatias e ódios secretos entre os verdadeiros filhos e servos da Santíssima Virgem e os filhos e escravos do demônio: não há entre eles qualquer amor, e nem pode haver entre eles qualquer ponto interior de correspondência. Os filhos de Belial,⁷² os escravos de Satanás, os amigos do mundo (é tudo a mesma coisa), sempre perseguiram e continuarão a perseguir mais do que nunca aqueles que pertencem à Santíssima Virgem, como outrora Caim perseguiu seu irmão Abel, e Esaú perseguiu Jacó, figuras que representam todos os réprobos e todos os pre-

71. Santo Ireneu, *Adversus haereses*, III, 22, 4, PG 7, 959.

72. Dt 13, 14. Do sentido original significando “sem utilidade”, o termo Belial foi, pouco a pouco, tomado como um nome próprio referido sempre à potência do mal.





destinados. Mas a humilde Maria alcançará sempre a vitória sobre este orgulhoso, e tão grande será a vitória, que ela chegará a esmagar-lhe a cabeça, onde reside o seu orgulho. Ela porá sempre a nu a sua malícia de serpente e a descoberto as suas tramas infernais. Dissipará os seus conselhos diabólicos, e protegerá, até ao fim dos tempos, os seus servos fiéis da sua pata cruel.

Mas o poder de Maria sobre todos os demônios brilhará particularmente nos últimos tempos, em que Satanás armará ciladas contra o seu calcanhar, ou seja, contra os seus humildes escravos e os seus pobres filhos que ela há de chamar para lhe fazerem guerra. Eles serão pequenos e pobres na opinião do mundo, humilhados perante todos, calcados e perseguidos como o calcanhar o é em relação aos outros membros do corpo. Mas, em contrapartida, serão ricos da graça de Deus, que Maria lhes distribuirá abundantemente; serão grandes e de elevada santidade diante de Deus, e superiores a toda a criatura pelo seu zelo ardente; e tão fortemente apoiados pelo socorro divino que esmagarão, com a humildade do seu calcanhar, e em união com Maria, a cabeça do demônio e farão triunfar Jesus Cristo.

ARTIGO II

A DEVOÇÃO A MARIA É NECESSÁRIA PARTICULARMENTE NOS ÚLTIMOS TEMPOS

55. Por fim, Deus quer que sua Mãe seja hoje mais conhecida, mais amada e mais honrada do que nunca. Isso acontecerá, sem dúvida, se os predeterminados entrarem, com a graça e a luz do Espírito Santo, na prática interior e perfeita que seguidamente lhes mostrarei. Verão então claramente, tanto quanto a fé lho permitir, esta formosa estrela do mar e, sob a sua direção, chegarão a bom porto apesar das tempestades e dos piratas. Conhecerão as grandezas desta soberana, e consagrar-se-ão inteiramente ao seu serviço, como seus súditos e escravos de amor.⁷³ Experimentarão as suas doçuras e bondades

73. “Escravo de amor” ou “escavidão de amor”: estas expressões, várias vezes utilizadas por Montfort, são fruto da sua época e de certa literatura espiritual do seu tempo; eram usadas para mostrar uma dependência ou submissão voluntária e sem qualquer remuneração ou interesse próprio. Montfort usa as mesmas expressões no relacionamento entre a criatura e o Criador, ou entre a criatura e a Mãe do Criador, querendo apenas significar a “total, consciente, voluntária e filial dependência da criatura em relação a Maria e ao seu Filho divino”. É esse o sentido da consagração perfeita que Montfort nos deixou, bem diferente da ideia dos “escravos forçados” de que nos fala tristemente a história.





maternais, e amá-la-ão ternamente como seus filhos muito queridos. Conhecerão as misericórdias de que ela está repleta, e o quão necessitados estão do seu socorro e recorrerão sempre a ela, em todas as coisas, como à sua querida advogada e medianeira junto de Jesus Cristo. Compreenderão assim que ela é o meio mais fácil, mais curto, mais perfeito para ir a Jesus, e a ela se entregarão de corpo e alma, sem reservas, para igualmente pertencerem a Jesus Cristo.

56. Mas quem serão esses servos, escravos e filhos de Maria? Serão um fogo ardente, ministros do Senhor⁷⁴ que por toda a parte atearão o fogo do amor divino.

Serão “setas na mão de um guerreiro”,⁷⁵ flechas agudas nas mãos poderosas de Maria, para trespassarem os seus inimigos.

Serão filhos de Levi,⁷⁶ bem purificados no fogo das grandes tribulações, bem apegados a Deus, que trarão o ouro do amor em seus corações, o incenso da oração no espírito, e a mirra da mortificação no corpo, e que serão por toda a parte, o bom perfume de Jesus Cristo para os pobres e os pequenos, enquanto que para os grandes, os ricos e os mundanos orgulhosos, serão um perfume de morte.⁷⁷

57. Serão nuvens tonitruantes que voarão pelos ares ao menor sopro do Espírito Santo. E, sem se apegarem a coisa alguma, nem se admirarem ou inquietarem pelo que quer que seja, espalharão a chuva da palavra de Deus e da vida eterna. Bradarão contra o pecado, clamarão contra o mundo, fulminarão o demônio e seus adeptos. Atravessarão de lado a lado, vivam ou morram, com a sua espada de dois gumes, que é a palavra de Deus, todos aqueles a quem forem enviados pelo Altíssimo.

58. Serão verdadeiros apóstolos dos últimos tempos, a quem o Senhor das virtudes dará a palavra e a força para operar maravilhas e arrebataram gloriosos despojos aos seus inimigos. Dormirão sem ouro nem prata e, o que mais conta, sem cuidados, no meio dos outros sacerdotes, eclesiásticos e clérigos;⁷⁸ e no entanto, terão as asas prateadas da pomba, para irem, com

74. Sl 104 (103), 4; Hb 1, 7.

75. Sl 127 (126), 4.

76. “Os levitas, como os primogênitos aos quais substituem, pertencem a Javé. O seu estatuto exprime, numa primeira forma, o ideal de consagração que desabrochará no cristianismo pelo sacerdócio e pela instituição monástica” (*Bíblia de Jerusalém*, p. 217).

77. “Nós somos para Deus o bom perfume de Cristo entre os que se salvam e entre os que se perdem: para uns, perfume da morte para a morte; para outros, perfume da vida para a vida” (2 Cor 2, 15-16).

78. Sl 68 (67), 14 (segundo a Vulgata).





a intenção pura da glória de Deus e da salvação das almas, aonde o Espírito Santo os chamar e deixarão atrás de si, nos lugares onde tiverem pregado, o ouro da caridade, que é o pleno cumprimento da lei.⁷⁹

59. Sabemos, enfim, que serão verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, que seguirão as marcas da sua pobreza, humildade, desprezo do mundo e caridade. Ensinarão o estreito caminho de Deus na completa fidelidade à verdade, segundo o santo Evangelho e não segundo as máximas do mundo, sem se preocuparem e sem fazerem acepção de pessoas, e não hão de poupar, escutar nem temer nenhum mortal, por poderoso que seja. Terão nos lábios a espada de dois gumes, que é a palavra de Deus,⁸⁰ e levarão aos ombros o estandarte sangrento da cruz, o crucifixo na mão direita, o terço na esquerda, os sagrados nomes de Jesus e Maria no coração, a modéstia e a mortificação de Jesus Cristo em toda a sua conduta.

Eis os grandes homens que hão de vir, mas será Maria a moldá-los, por ordem do Altíssimo, para estender o seu império sobre o dos ímpios, idólatras e maometanos. Mas quando e como acontecerá isto?...Só Deus o sabe. Quanto a nós, apenas nos cabe calar, rezar, suspirar e esperar: “Esperei ansiosamente”.⁸¹

79. Rm 13, 10.

80. Hb 4, 12; Ef 6, 17.

81. Sl 40 (39), 2.





SEGUNDA PARTE

A NATUREZA DA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

INTRODUÇÃO

ARTIGO I

VERDADES FUNDAMENTAIS DA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

60. Até aqui dissemos algo sobre a necessidade que temos da devoção à Santíssima Virgem. É necessário dizer agora em que consiste esta mesma devoção. Irei fazê-lo, com ajuda de Deus, depois de ter deixado presupostas algumas verdades fundamentais, donde se deduzirá a grande e sólida devoção que quero tornar conhecida.

61. - 1ª verdade: Jesus Cristo é o fim último de todas as nossas devoções.

Jesus Cristo, nosso Salvador, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, deve ser o fim último de todas as nossas outras devoções; caso contrário, elas seriam falsas e enganadoras.⁸² Jesus Cristo é o *alfa* e o *ômega* (Ap 1, 18), o princípio e o fim de todas as coisas (Ap 21, 6). Nós apenas trabalhamos - como diz o Apóstolo - para fazer com que todos os homens sejam perfeitos em Jesus Cristo (cf. Ef 4, 13) porque só nele habita toda a plenitude da Divindade e todas as demais plenitudes, de graças, virtudes e de perfeições, e só nele fomos abençoados com toda a bênção espiritual (cf. Ef 1, 3). Ele só é o nosso único mestre que nos deve ensinar, o único Senhor de quem devemos depender, o único chefe a quem nos devemos unir, o único modelo ao qual nos devemos assemelhar (cf. Mt 23, 8; Jo 13, 13; Ef 4, 15; Mt 11, 29), o único médico que nos há de curar, o único pastor que nos deve alimentar, o único caminho que nos deve conduzir, a única verdade em que devemos crer, a única vida que nos deve vivificar (cf. Mt 9, 12; Jo 10, 11; 14, 6), o único tudo em todas as coisas que nos deve bastar. Não nos foi dado, debaixo do céu,

82. Esta página toda recheada de textos bíblicos sublinha o lugar central que Jesus tem na teologia e na vida cristã e que toda a autêntica devoção a Maria deve respeitar.





outro nome pelo qual devamos ser salvos, senão o nome de Jesus (At 4, 12).

Deus não nos deu qualquer outro fundamento para a nossa salvação, perfeição e glória, senão Jesus Cristo. Todo edifício que não estiver erguido sobre esta pedra firme, está construído sobre areia movediça e, mais cedo ou mais tarde, acabará infalivelmente por ruir.

Todo fiel que não estiver unido a Jesus, como o sarmento à cepa da vinha, cairá, secará, e só servirá para ser lançado ao fogo (cf. Jo 15, 6). Mas, se estivermos em Jesus Cristo e Jesus Cristo em nós, não teremos por que temer a condenação (cf. Rm 8, 1); nem os anjos do céu, nem os homens da terra, nem os demônios do inferno, nem qualquer outra criatura nos poderá fazer mal, porque nenhuma criatura nos poderá separar da caridade de Deus que está em Jesus Cristo (cf. Rm 8, 39). Por Jesus Cristo, com Jesus Cristo e em Jesus Cristo podemos todas coisas: podemos dar toda a honra e glória ao Pai na unidade do Espírito Santo, podemos tornar-nos perfeitos, e ser, para o nosso próximo, bom odor de vida eterna.

62. Se, portanto, nós estabelecermos a sólida devoção à Santíssima Virgem, não será senão para mais perfeitamente estabelecer a de Jesus Cristo, e para dar às almas um meio fácil e seguro de encontrarem Jesus Cristo.⁸³ Se a devoção à Santíssima Virgem afastasse de Jesus Cristo, deveríamos repeli-la como uma ilusão do demônio; mas nada disso, bem pelo contrário, como já o mostrei e voltarei a mostrar mais adiante,⁸⁴ esta devoção é-nos indispensável para encontrar Jesus Cristo perfeitamente, para amá-lo ternamente e servi-lo fielmente.

63. Eis que agora me dirijo por instantes a vós, meu amável Jesus, para me queixar amorosamente à vossa divina Majestade: é que a maior parte dos cristãos, mesmo os mais instruídos, não sabem da ligação necessária que existe entre vós e vossa santa Mãe. Vós, Senhor, estais sempre com Maria, e ela está sempre convosco, nem pode estar sem vós; de outro modo, deixaria de ser quem é. Maria está de tal modo transformada em vós, pela graça, que já não vive, já não existe: sois só vós, meu Jesus, que viveis e reinais nela, mais perfeitamente que em todos os anjos e em todos os bem-aventurados. Ah! Se

83. "As várias formas de devoção para com a Mãe de Deus, já aprovadas pela Igreja... são de forma a que, enquanto é venerada a Mãe, também o Filho seja devidamente conhecido, amado, glorificado, e sejam observados os seus mandamentos" (LG 66).

84. VD 24, 31, 33, 50, 75, 83-86, 120, 152-168.





nós conhecêssemos a glória e o amor que recebeis desta admirável criatura, teríamos sobre vós e sobre ela sentimentos muito diferentes dos que temos. Ela está tão intimamente unida a vós que seria mais fácil separar a luz do sol ou o calor do fogo; digo até mais, seria mais fácil separar de vós todos os anjos e santos, do que separar-vos de Maria Santíssima, porque ela vos ama mais ardentemente e vos glorifica mais perfeitamente do que as vossas outras criaturas todas juntas.

64. Dito disto, meu amável Mestre, não será coisa espantosa e lamentável ver a ignorância e as trevas de todos os homens deste mundo a respeito de vossa santa Mãe? Não falo tanto dos idólatras e pagãos que não vos conhecem e, por isso, não se preocupam em conhecê-la a ela. Nem falo sequer dos hereges e cismáticos, que não cuidam de serem devotos de vossa santa Mãe, visto estarem separados de vós e da vossa Igreja. Falo sim dos cristãos católicos e mesmo dos doutores entre os católicos, que não vos conhecem a vós, nem à vossa santa Mãe, senão duma maneira especulativa, seca, estéril e indiferente, embora fazendo sua a profissão de ensinar a verdade aos outros. Estes senhores⁸⁵ só raramente falam da vossa Mãe e da devoção que se lhe deve ter, pois temem, dizem eles, que dela se abuse e se vos faça injúria honrando demasiadamente vossa santa Mãe. Um devoto da Santíssima Virgem fala da devoção a esta boa Mãe, duma forma terna, forte e persuasiva, como dum meio seguro e sem ilusão, dum caminho curto e sem perigo, duma via imaculada e sem imperfeição e dum maravilhoso segredo para vos encontrar e amar perfeitamente. Mas, se esses senhores veem ou ouvem algum devoto muitas vezes falar assim, levantam-se contra ele e apresentam mil falsas razões para lhe provar que não se deve falar tanto da Santíssima Virgem, que há grandes abusos nesta devoção, que é preciso aplicar-se em destruí-los e falar mais de vós, mais do que em levar os povos à devoção a Maria, que eles já amam o suficiente.

Ouvimo-los falar, por vezes, da devoção a vossa santa Mãe, ó Jesus, não para a estabelecer e propagar, mas para destruir os abusos que dela se fazem; a verdade, porém, é que são estes senhores desprovidos de piedade ou devoção terna para convosco, por não terem nenhuma a Maria. Consideram o rosário,

85. Montfort faz aqui alusão aos jansenistas do seu tempo e ao livro *“Avisos salutares”* de A. Widenfeld, publicado em 1673, livro este que veio a ser condenado e colocado no Índice em 1676; VD 93.





o escapulário, o terço, como devoções de “beatas”, próprias de ignorantes, e sem as quais nos podemos salvar. E se lhes cai entre as mãos algum devoto da Santíssima Virgem, que reze o terço ou se entregue a qualquer outra prática de devoção para com ela, depressa lhe mudam o espírito e o coração: aconselhar-lhe-ão que reze, em lugar do terço os sete salmos; em lugar da devoção a Nossa Senhora, recomendar-lhe-ão a devoção a Jesus Cristo.

Ó meu amável Jesus, terão porventura estas pessoas o vosso espírito? Dar-vos-ão prazer procedendo deste modo? Agradar-vos-á quem não empregue todos os esforços para agradar a vossa Mãe, por receio de vos desagradar? Acaso a devoção a vossa santa Mãe impedirá a vossa? Atribuir-se-á ela a si mesma a honra que lhe prestam? Formará ela um partido à parte? Será ela uma estranha sem ligação alguma convosco? Desagradar-vos-á quem procure agradar-lhe? Separa-se ou afasta-se do vosso amor quem a ela se entrega e ama?

65. No entanto, meu amável mestre, ainda que tudo o que acabo de dizer fosse verdade, nem por isso a maioria dos sábios, para castigo do seu orgulho, conseguiria afastar mais as almas da devoção à vossa santa Mãe, como não conseguiria que se lhe votasse uma maior indiferença. Livrai-me, Senhor, livrai-me dos seus sentimentos e das suas práticas. Fazei-me ter uma parte nos sentimentos de gratidão, estima, respeito e amor que vós tendes pela vossa santa Mãe, para que eu vos ame e glorifique mais na medida em que mais vos imitar e seguir mais de perto.

66. Como se até aqui ainda nada tivesse dito em louvor de vossa Mãe Santíssima, concedei-me a graça de a louvar dignamente, apesar de todos os seus inimigos que são os vossos. Fazei que eu lhes proclame com os santos: “Não julgue receber a misericórdia de Deus aquele que ofende sua santa Mãe”.⁸⁶

67. Para obter da vossa misericórdia uma verdadeira devoção a vossa Mãe Santíssima e para difundi-la a todo o mundo, fazei que vos ame ardentemente; recebei, pois, a oração inflamada que vos dirijo com Santo Agostinho e com os vossos verdadeiros amigos:

“Vós sois Cristo, meu pai santo, o meu Deus misericordioso, o meu rei infinitamente grande, o meu bom pastor, o meu único mestre, o meu socorro magnífico, o meu amado de arrebatadora beleza, o meu pão de vida, o meu sacerdote eterno, o meu guia para a pátria, a minha luz verdadeira, a

86. Citações tiradas de “*De rethorica divina*” de Guillaume de Paris, 1674.





minha doçura toda santa, o meu caminho direito, a minha sabedoria sublime, a minha simplicidade pura, a minha pacífica concórdia, toda a minha defesa, a minha preciosa herança, a minha eterna salvação.

Ó Jesus Cristo, mestre adorável, porque amei, porque desejei em toda a minha vida outra coisa além de vós, Jesus, meu Deus? Onde estava eu quando não pensava em vós? Que ao menos a partir deste momento, o meu coração só arda em desejos de vós, Senhor Jesus; que só para vos amar ele se dilate. Desejos da minha alma, correi doravante: já tardastes demais; apressai-vos a atingir o fim que aspirais, procurai efetivamente aquele que buscais. Ó Jesus, seja anátema quem vos não ame! Quem vos não ame seja coberto de amarguras! Ó doce Jesus, sede o amor, as delícias e o objeto da admiração de todo o coração dignamente consagrado à vossa glória! Jesus Cristo, Deus do meu coração e minha herança que o meu coração desfaleça e sejais vós a viver em mim; que se acenda em minha alma a brasa ardente do vosso amor, e seja ela o princípio de um incêndio todo divino; arda incessantemente sobre o altar do meu coração, inflame o mais íntimo do meu ser, e abra-se as profundezas da minha alma. Que no dia da minha morte eu compareça diante de vós todo consumado no vosso amor. Assim seja”.⁸⁷

Quis transcrever aqui esta maravilhosa oração de Santo Agostinho para que possa ser rezada todos os dias para pedir o amor de Jesus: aquele amor que buscamos por intermédio de Maria.

68. 2ª verdade: Nós pertencemos totalmente a Jesus Cristo e a Maria na qualidade de escravos.

Devemos concluir, daquilo que Jesus Cristo é em relação a nós - como diz São Paulo⁸⁸ - que já não nos pertencemos a nós mesmos, mas inteiramente a ele, como seus membros e escravos que ele adquiriu por um preço infinitamente alto, o preço de todo o seu sangue.⁸⁹ Antes do batismo éramos pertença do demônio, como seus escravos. Ao receber este sacramento, tornamo-nos verdadeiros escravos de Jesus Cristo.⁹⁰ Doravante já não devemos viver, trabalhar e

87. Esta oração é tirada das diversas obras de Santo Agostinho ou das obras a ele atribuídas. Montfort transcreve apenas o texto, em latim, da oração.

88. 1 Cor 6, 19-20; 1 Cor 3, 23.

89. 1 Pd 1, 19.

90. “O Pároco exortará o povo fiel a fazer-lhe compreender que nós, os que tomamos de Cristo o nome e que nos apelidamos de cristãos... nós, mais do que todos os outros homens, devemos nos dedicar e nos consagrar perpetuamente a nós mesmos como escravos de Nosso Senhor e Redentor” (*Cat. Do Conc. De Trento*, I parte, c. 3, n. 12).





morrer senão para este Deus-Homem,⁹¹ glorificando-o em nosso corpo e fazendo-o reinar em nossa alma, pois, com efeito, somos conquista sua, seu povo de aquisição e sua herança.⁹² É por isso que o Espírito Santo nos compara:

1º a árvores plantadas ao longo das águas da graça, no campo da Igreja, e que devem dar frutos a seu tempo.⁹³

2º aos ramos duma videira, de que Jesus é a cepa, e que devem dar boas uvas.⁹⁴

3º a um rebanho de que Jesus Cristo é o pastor, e que se deve multiplicar e dar leite.⁹⁵

4º a uma boa terra, onde é Deus o agricultor, e na qual a semente se multiplica, produzindo trinta, sessenta ou cem por um.⁹⁶ Jesus Cristo amaldiçoou a figueira estéril e condenou o servo inútil⁹⁷, que não tinha feito render o seu talento.⁹⁸ Tudo isto prova que Jesus Cristo quer receber algum fruto das nossas pobres pessoas, isto é, o fruto das nossas boas obras, porque estas só a ele pertencem: “Criados para as boas obras em Cristo Jesus”.⁹⁹

Estas palavras do Espírito Santo mostram ao mesmo tempo que Jesus Cristo, assim como é o único princípio, assim deverá ser também o fim de todas as nossas boas obras, mas também que nós devemos servi-lo, não só como servos que recebem a sua paga, mas como escravos de amor. Passo a explicar.

69. Neste mundo há duas maneiras de pertencer a outra pessoa e de depender da sua autoridade: a simples servidão e a escravidão, que fazem dum homem, respectivamente, um servo ou um escravo.

Pela servidão que é comum entre os cristãos, um homem compromete-se a servir outro durante um certo tempo, mediante determinada paga ou uma qualquer recompensa.

91. Rm 7, 4.

92. 1 Pd 2, 9.

93. Sl 1, 3.

94. Jo 15, 5.

95. Jo 10, 1.

96. Mt 13, 3-8.

97. Mt 21, 19.

98. Mt 25, 24-30.

99. Ef 2, 10.





Pela escravidão, um homem depende inteiramente doutro por toda a vida, e deve servir o seu senhor sem pretender paga nem recompensa alguma, como se fosse um dos seus animais, sobre o qual o dono tem direito de vida e de morte.

70. Há três espécies de escravidão: uma natural, outra forçada e outra voluntária. Todas as criaturas são escravas de Deus da primeira forma: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que ela encerra”.¹⁰⁰ Os demônios e os condenados pertencem à segunda categoria; os justos e os santos à terceira. A escravidão voluntária é a mais perfeita e a mais gloriosa para Deus que olha o coração,¹⁰¹ que pede o coração e que se chama o Deus do coração,¹⁰² ou da vontade amorosa. Por esta escravidão, de fato, escolhe-se Deus e o seu serviço acima de todas as coisas, embora a natureza a isso não obrigasse.

71. Há uma diferença radical entre um servo e um escravo:

1º Um servo não dá ao seu senhor tudo o que é nem tudo o que possui, nem tudo o que pode adquirir por si mesmo ou por outro; mas o escravo dá-se inteiramente, com tudo o que possui ou pode vir a adquirir, sem exceção alguma.

2º O servo exige a paga dos serviços que presta ao senhor, enquanto o escravo nada pode exigir, por maior que seja a sua assiduidade, a sua habilidade, ou a força com que trabalha.

3º O servo pode deixar o senhor quando quiser ou, pelo menos, quando tiver expirado o tempo do serviço; mas o escravo não tem o direito de fazer isso quando quiser.

4º O senhor do servo não tem sobre ele nenhum direito de vida e de morte, de modo que se o matasse, como a um dos seus animais de carga, cometeria um homicídio injusto; o senhor do escravo, porém, esse tem, por lei, direito de vida e de morte sobre ele, de modo que o pode vender a quem quiser, ou matá-lo - sem que haja aqui comparação - como faria ao seu cavalo.

5º Finalmente, o servo está só por algum tempo ao serviço dum senhor, mas o escravo o está para sempre.

100. SI 24 (23), 1.

101. 1 Rs 16, 7.

102. SI 73 (72), 26.





72. Não há nada entre os homens que mais nos faça pertencer a outrem do que a escravidão. De igual modo, nada há entre os cristãos que mais os faça pertencer mais absolutamente a Jesus Cristo e a sua santa Mãe do que a escravidão voluntária, segundo o exemplo do próprio Jesus, que tomou a forma de escravo por nosso amor,¹⁰³ e da Santíssima Virgem que disse de si mesma ser a serva e escrava do Senhor.¹⁰⁴ O Apóstolo sente-se honrado de se chamar servo de Cristo.¹⁰⁵ Por várias vezes os Cristãos são chamados, na Sagrada Escritura, servos de Cristo.¹⁰⁶ Ora, segundo a justa observação dum grande homem, a palavra “servus” significava outrora apenas escravo, porque ainda não havia servos como os de hoje¹⁰⁷ e os senhores só eram servidos por escravos ou libertos franquiados. O catecismo do Concílio de Trento, para que não reste dúvida alguma sobre a nossa condição de escravos de Jesus Cristo, exprime-se por um termo que não se presta a equívocos, chamando-nos de “escravos de Cristo”.¹⁰⁸

73. Posto isto, digo que devemos ser de Jesus Cristo e servi-lo, não só como servos mercenários, mas como escravos amorosos que, movidos pelo efeito de um grande amor, se dão e se entregam ao seu serviço na qualidade de escravos, somente pela honra de lhe pertencer. Antes do batismo éramos escravos do demônio; tornou-nos o batismo escravos de Jesus Cristo;¹⁰⁹ os cristãos têm, portanto, de ser ou escravos do demônio ou de Jesus Cristo.

74. O que digo dum modo absoluto a respeito de Jesus Cristo, digo-o, de modo relativo, da Santíssima Virgem. Jesus Cristo escolheu-a por companheira indissolúvel da sua vida, da sua morte, da sua glória e do seu poder no céu e na terra; deu-lhe por graça, de modo relativo à sua Majestade, todos os mesmos direitos e privilégios que ele possui por nature-

103. Fl 2, 7.

104. Lc 1, 46-48.

105. Rm 1, 1. “Paulo considera-se a si mesmo e ao simples cristão de ‘doulos’, escravo, de Cristo que é Kyrios”; cf. Gl 1, 10; Rm 1, 1; 1 Cor 7, 22. Todavia esta relação entre o cristão e o Kyrios não é uma relação de despotismo ou tirania; é a própria base da liberdade paulina: submisso a Jesus o Kyrios, o cristão é liberto de si próprio e livre para os outros” (*Grande comentário bíblico*, Queriniana, p. 181).

106. 1 Cor 7, 22; 2 Tm 2, 24.

107. Esse grande autor referido é M. Boudon em “Le Saint esclavage de l’admirable Mère de Dieu”.

108. Cf. nota 90; VD 129.

109. Rm 6, 22.





za: “Tudo o que convém a Deus por natureza, dizem os santos, convém a Maria por graça”,¹¹⁰ de modo que, segundo estes santos, têm ambos os mesmos súditos, servos e escravos, visto que ambos têm uma só e mesma vontade e um só e mesmo poder.¹¹¹

75. Podemos, portanto, segundo o parecer dos santos e de vários homens ilustres, dizer-nos e fazer-nos escravos amorosos da Santíssima Virgem, para assim sermos mais perfeitamente escravos de Jesus Cristo. A Virgem Maria é o meio de que Nosso Senhor se serviu para vir até nós; é também o meio de que nós nos devemos servir para irmos até ele, pois ela não é como as outras criaturas que, se a elas nos apegássemos, nos poderiam afastar de Deus em lugar de nos aproximar dele. Pelo contrário: a mais forte inclinação de Maria é unir-nos a Jesus, seu Filho, e a mais forte inclinação do Filho é que se vá a ele por sua Mãe; e é isto honrá-lo e agradá-lo tanto quanto se honraria e agradaria a um rei se, para se tornar mais perfeitamente seu vassalo e seu escravo, alguém se fizesse escravo da rainha. É por isso que os Santos Padres, e São Boaventura com eles, dizem que a Virgem Santíssima é o caminho para ir a Nosso Senhor.¹¹²

76. Além disso, se, como já afirmei, a Santíssima Virgem é a rainha e soberana do céu e da terra, não terá ela tantos súditos e escravos quantas são as criaturas? Dizem-no Santo Anselmo, São Bernardo, São Bernardino e São Boaventura: “Ao poder de Deus tudo está submetido, mesmo a Virgem; eis que ao poder da Virgem está tudo submetido até o próprio Deus”.¹¹³ Não será porventura razoável que por entre tantos escravos forçados, os haja também por amor, que, enquanto escravos, de boa vontade escolham Maria por sua soberana? O quê? Os homens e os demônios têm os seus escravos voluntários, e Maria não os haveria de ter? O quê? Um rei faz ponto de honra que a rainha, sua companheira, possua escravos, com direito de vida e de

110. Texto latino: “Quidquid Deo convenit per naturam, Mariae convenit per gratiam”. O doutor por excelência F. Suarez colocou como norma na mariologia que “os mistérios da graça, que Deus operou na Virgem, não podem ser medidos pelas leis ordinárias, mas pela onipotência de Deus...” (Pio XII, *Munificentissimus Deus*, 01/11/1950). A expressão “dar por graça” significa: dar gratuitamente, sem mérito do recipiente.

111. São João Damasceno, *Hom. 22 in Dorm. BMV*, PG 96, 742.

112. Texto dos Santos Padres: “Via veniendi ad Christum est appropinquare ad illam (inter opera, *Psalt Majus*, Ps 117).

113. “Ecce imperio Dei omnia subjiuntur et Virgo, ecce imperio Virginis omnia subjiuntur et Deus”; cf. Santo Anselmo, *Or. 46*, PL 158, 943-944; São Bernardino, *Serm. 5 de Nativ. BMV*, c. 5 e outros.





morte sobre eles, porque a honra e o poder dele são a honra e o poder dela; pode-se então acreditar que Nosso Senhor, que partilhou, como o melhor dos filhos, todo o poder com sua santa Mãe, acharia proventura mal que ela tivesse escravos? Terá ele menos respeito e amor a sua Mãe que Assuero a Ester e Salomão a Betsabé? ¹¹⁴ Quem ousaria dizê-lo ou pensá-lo sequer?

77. Mas onde me leva a minha pena? Por que me detenho eu aqui a provar uma coisa tão evidente? Se não querem que alguém se chame escravo da Santíssima Virgem, que importa? Que se faça e se chame escravo de Jesus Cristo! É o mesmo que sê-lo da Santíssima Virgem, visto que Jesus é o fruto e a glória de Maria. É isto o que se faz de maneira perfeita por meio da devoção de que falaremos mais adiante.

ARTIGO II

DEVEMOS ESVAZIAR-NOS DO QUE HÁ DE MAU EM NÓS

78. **3ª Verdade:** As nossas melhores ações são, ordinariamente, manchadas e corrompidas pelo mau fundo que há em nós. Quando se deita água límpida e clara numa vasilha com mau cheiro, ou vinho numa pipa cujo interior está azedado por outro vinho que aí esteve antes, a água clara e o vinho bom ficam estragados e ganham facilmente o mau cheiro. Do mesmo modo, quando Deus põe na nossa alma, corrompida pelo pecado original e atual, as suas graças e orvalhos celestes, ou o vinho delicioso do seu amor, também os seus dons são, ordinariamente, manchados e estragados pelo mau fermento e pelo mau fundo que o pecado deixou em nós. Os nossos atos, mesmo as virtudes mais sublimes, disso se ressentem.¹¹⁵ É, pois, da mais alta importância, para adquirir a perfeição - que só se alcança pela união a Jesus Cristo - esvaziar-nos do que há de mau em nós. Doutra forma, Nosso Senhor, que é infinitamente puro e que odeia infinitamente a menor mancha na alma, afastar-nos-á de seus olhos e de modo algum se unirá a nós.

114. Est 5, 2-8; 1 Rs 2, 19.

115. Com tais comparações Montfort não pretende pôr em dúvida a eficácia das graças e dos dons de Deus nem afirmar que as nossas ações possam “estragar” tais graças e dons; quer simplesmente pôr em realce que as nossas ações, mesmo as melhores, são ordinariamente imperfeitas por causa do nosso amor próprio e da íntima afeição às criaturas, que se vai infiltrando insensivelmente nas melhores ações (Cf. VD 146). Por isso devemos esvaziar-nos de quanto exista em nós de mau. Cf. textos paralelos: AC 47; VD 173, 213, 228.





79. Para nos despojarmos de nós mesmos, é preciso, em primeiro lugar, conhecer bem, pela luz do Espírito Santo, o nosso fundo mau, a nossa incapacidade para qualquer bem útil à salvação, a nossa fraqueza em todas as coisas, a nossa permanente inconstância, a nossa indignidade de toda a graça, a nossa iniquidade em toda a parte. O pecado dos nossos primeiros pais, a quase todos e por completo, nos arruinou, nos azedou, nos inchou e nos corrompeu, como o fermento faz à massa em que é lançado. Os pecados atuais por nós cometidos, quer mortais, quer veniais, embora já tenham sido perdoados, aumentaram-nos a concupiscência, a fraqueza, a inconstância e corrupção, e deixaram os seus maus restos na nossa alma.

A tal ponto os nossos corpos estão corrompidos, que são chamados pelo Espírito Santo corpos de pecado,¹¹⁶ concebido no pecado,¹¹⁷ alimentado no pecado, e capazes de tudo, corpos sujeitos a mil enfermidades, que se corrompem de dia para dia e que não geram senão vermes e corrupção.

A nossa alma, unida ao nosso corpo, tornou-se tão carnal que chega a ser chamada carne: “Toda a carne tinha corrompido o seu caminho”.¹¹⁸ Por herança não temos senão o orgulho e a cegueira no espírito, o endurecimento no coração, a fraqueza e a inconstância na alma, a concupiscência, a revolta das paixões e as doenças do corpo. Somos naturalmente mais orgulhosos que os pavões, mais apegados à terra que os sapos, mais ruins que os bodes, mais invejosos que as serpentes, mais gulosos que os porcos, mais coléricos que os tigres, mais preguiçosos que as tartarugas, mais fracos que caniços e mais inconstantes que os cata-ventos. De nosso só temos o nada e o pecado¹¹⁹ e só merecemos a ira de Deus e o inferno eterno.¹²⁰

116. Cf. Rm 6, 6.

117. “Eis que na culpa fui gerado, no pecado minha mãe me concebeu” (Sl 51 (50), 7).

118. “Todo o homem seguia na terra a senda da corrupção” (Gn 6, 12). Com a Vulgata Montfort escreve “toda a carne”. “A carne significa o homem na sua condição de fraqueza e de mortalidade” (*Bíblia de Jerusalém*, p. 1986).

119. “Nemo habet de suo nisi mendacium et peccatum” (2ª Conc. De Orange, can. 22). Quanto à série de comparações aqui usadas por Montfort em desfavor da natureza humana, sem dúvida que são exageros retóricos que já não estão em moda; mas que ninguém se escandalize desta linguagem, pois muito tempo antes de Montfort já São João Crisóstomo usara exemplos semelhantes e ainda em maior abundância e maior dureza.

120. Cf. São João Crisóstomo (*Hom. 4 in Math.*, n. 8, PG 57, 48). Montfort quer fazer compreender, baseando-se em Santos autores, “o profundo desequilíbrio que está enraizado no coração do homem” (GS 10). Todavia não se deve esquecer que o cristão, templo do Espírito Santo (Tt 3, 5; 1 Cor 6, 19) e criatura renovada (2 Cor 5, 17; Gl 6, 15), torna-se capaz de produzir em Cristo frutos de salvação e de vida eterna (Cf. Jo 4, 36; 15, 5).





80. Dito disto, será para admirar que Nosso Senhor tenha dito que quem o quisesse seguir deveria renunciar a si mesmo e odiar a própria alma e que quem a amasse a perderia, e quem a odiasse a salvaria?¹²¹ Esta Sabedoria infinita, que não impõe mandamentos sem uma razão, não nos mandaria que nos odiássemos a nós mesmos senão fôssemos grandemente dignos de ódio. Nada há de mais digno de amor do que Deus, e nada de mais digno de ódio do que nós mesmos.

81. Em segundo lugar, para nos esvaziarmos de nós mesmos é preciso morrermos para nós mesmos todos os dias. Isto quer dizer, é preciso renunciar às operações das faculdades da nossa alma e dos sentidos do nosso corpo, isto é, temos de ver como se não víssemos, de ouvir como se não ouvíssemos, de nos servir das coisas deste mundo como se delas não nos servissemos:¹²² é a isto que São Paulo chama “morrer todos os dias”.¹²³ “Se o grão de trigo cai à terra e não morre, permanece só e não produzirá fruto”.¹²⁴ Se não morrermos para nós mesmos, e se as nossas devoções mais santas não nos levam a esta morte necessária e fecunda, não daremos fruto algum que valha. Então as nossas devoções tornar-se-ão inúteis, todas as nossas obras de justiça estarão manchadas pelo amor próprio e pela nossa vontade própria, o que fará com que Deus abomine os maiores sacrifícios e as melhores ações que possamos fazer. E, nesse caso, à hora da morte encontrar-nos-emos com as mãos vazias de virtudes e méritos, e não teremos sequer uma centelha de puro amor, pois este só é dado às almas mortas para si mesmas cuja vida está oculta com Jesus Cristo em Deus.¹²⁵

82. Em terceiro lugar, é preciso escolher entre todas as devoções à Santíssima Virgem aquela que mais nos leve a esta morte para nós próprios, por ser esta a melhor e a mais santificadora. Não se julgue, de fato, que tudo o que brilha é ouro, que tudo o que é doce é mel, ou que tudo o que é fácil e a maior parte das pessoas pratica seja o melhor para a santificação.

121. Jo 12, 25; cf. Lc 14, 26.

122. Cf. 1 Cor 7, 30-31.

123. 1 Cor 15, 31.

124. Jo 12, 24.

125. Cl 3, 3. “Convém saber que a alma, para chegar ao estado de perfeição, deve geralmente passar primeiro por dois aspectos principais de *trevas*, que os autores espirituais chamam de purgação ou purificação, e eu aqui chamo *noites*, porque a alma, quer num quer noutro estado, caminha no escuro, como se fosse de noite” (São João da Cruz, *Subida ao monte Carmelo*, liv. 1, c. 1, n. 1).





Na natureza há segredos próprios para fazer operações naturais em pouco tempo, com pouca despesa e facilmente, assim existem também na ordem da graça segredos para fazer operações sobrenaturais em pouco tempo, com suavidade e facilidade: esvaziar-se de si mesmo, encher-se de Deus e tornar-se perfeito.

A devoção que quero desvelar é um desses segredos próprios da graça, desconhecido para a maior parte dos cristãos, conhecido por poucas almas piedosas, praticado e apreciado por menos ainda. Para começar a descobrir esta prática eis uma quarta verdade, que é uma consequência da terceira.

ARTIGO III

PRECISAMOS DE UM MEDIADOR JUNTO DO PRÓPRIO MEDIADOR, QUE É JESUS CRISTO

83. 4ª Verdade: É mais perfeito, porque mais humilde, não nos aproximarmos diretamente de Deus por nós mesmos, sem recorrer a um mediador. Visto que a natureza está tão corrompida, como acabo de mostrar, podemos estar certos que todas as nossas obras de justiça estarão manchadas ou serão de pouco valor diante de Deus para o levar a unir-se a nós, a ouvir-nos, se nos apoiarmos nos nossos próprios trabalhos, esforços e preparativos para chegarmos até Deus e lhe agradarmos. Não foi sem razão que Deus nos deu mediadores¹²⁶ junto da sua divina Majestade. Ele viu-nos indignos e incapazes, teve piedade de nós e, para nos dar acesso às suas misericórdias, proporcionou-nos intercessores poderosos junto da sua grandeza. Deste modo, negligenciar esses mediadores, aproximar-se diretamente da sua santidade sem de alguma maneira ser recomendado, é falta de humildade e falta de respeito a um Deus tão sublime e santo; é fazer menos caso deste Rei dos reis do que se faria dum rei ou príncipe da terra, que não abordáramos sem recorrer a algum amigo que falasse por nós.

84. Nosso Senhor é nosso advogado e mediador de redenção junto de Deus Pai. É através dele que devemos orar com toda a Igreja triunfante e militante; é através dele que temos acesso junto de sua Majestade, e não de-

126. “Assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde diversamente pelos seres criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas cooperações diversas que participam dessa única fonte” (LG 62).





vemos nunca apresentar-nos na sua presença senão apoiados e revestidos de seus méritos, como Jacó, que se cobriu com peles de cabrito para receber a bênção de seu pai Isaac.

85. Mas acaso não teremos necessidade dum mediador junto do próprio Mediador? Será tão grande a nossa pureza que possamos unir-nos diretamente a ele, e por nós mesmos? Não é ele também Deus, em tudo igual ao Pai e, por conseguinte, o Santo dos santos, tão digno de respeito como o Pai? Pelo seu infinito amor tornou-se a nossa garantia e o nosso mediador junto de Deus, seu Pai, para o aplacar e lhe pagar o que lhe devíamos, mas será isso motivo para termos menos respeito e temor à sua majestade e santidade?

Digamos, pois, abertamente, com São Bernardo,¹²⁷ que temos necessidade dum mediador junto do próprio Mediador, e que Maria Santíssima é a pessoa mais capaz de desempenhar esta função caridosa. Foi por ela que veio a nós Jesus Cristo; é também por ela que devemos ir até ele. Se tememos ir diretamente a Jesus Cristo, nosso Deus, por causa da sua grandeza infinita, ou da nossa miséria, ou ainda dos nossos pecados, imploremos ousadamente o auxílio e a intercessão de Maria, nossa Mãe, que é boa e terna; nada há nela de austero ou de repulsivo, nada de demasiado sublime ou brilhante: quando a vemos, vemos a nossa pura natureza. Ela não é o sol que, pela vivacidade dos seus raios, poderia cegar-nos por causa da nossa fraqueza. Ela é bela e doce como a lua,¹²⁸ que recebe a luz do sol e a tempera a fim de adaptá-la à nossa pequenez. É tão caridosa que não repele nenhum dos que imploram a sua intercessão, por mais pecadores que sejam, ou, como dizem os santos, desde que o mundo é mundo nunca se ouviu dizer que alguém tenha recorrido à Santíssima Virgem com confiança e perseverança, e tenha sido por ela desamparado. É tão poderosa que jamais lhe foi recusado um só de seus pedidos; basta-lhe que se apresente diante de seu Filho suplicando, para que ele logo a atenda e acolha. Ele é sempre amorosamente vencido pelo regaço, pelas entranhas e pelas orações da sua muito querida Mãe.

86. Tudo isto é tirado de São Bernardo e de São Boaventura. Pelo que, segundo eles, temos de subir três degraus para chegar até Deus: o primeiro, que está mais perto de nós¹²⁹ e mais conforme à nossa capacidade, é Maria;

127. *Hom. 5 in Assumpt.: Signum magnum*, n. 2, PL 183, 429.

128. Ct 6, 10.

129. Maria é “Aquele que na Santa Igreja ocupa depois de Cristo o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós” (LG 54).





o segundo é Jesus Cristo, e o terceiro é Deus Pai. Para ir a Jesus é preciso ir a Maria, é ela a nossa medianeira de intercessão; para ir ao Pai eterno é preciso ir a Jesus, o nosso mediador de redenção.¹³⁰ Ora, pela devoção que a seguir indicarei, observa-se perfeitamente esta ordem.

87. 5ª Verdade: É muito difícil, atendendo à nossa fraqueza e fragilidade, conservarmos as graças e os tesouros recebidos de Deus:

1º Porque trazemos este tesouro, mais valioso que o céu e a terra, em vasos frágeis;¹³¹ num corpo corruptível, numa alma fraca e inconstante, que um nada perturba e abate.

88. 2º Porque os demônios, que são ladrões bem astutos, querem-nos apanhar de improviso, para nos roubar e despojar de tudo. Estão à espreita noite e dia, do momento favorável para fazer isso mesmo; rondam incessantemente, prontos para nos devorar, e nos arrebatam num só momento, por um único pecado, tudo o que tenhamos podido ganhar em graças e méritos durante muitos anos. A sua malícia, a sua experiência, as suas astúcias e o seu número devem-nos fazer temer imensamente esta infelicidade, já que pessoas, mais cheias de graças, mais ricas de virtudes, mais fundadas na experiência e elevadas em santidade, foram surpreendidas, roubadas e lamentavelmente despojadas. Ah! Quantos cedros do Líbano, quantas estrelas do firmamento não vimos já cair miseravelmente e perder, em pouco tempo, toda a sua elevação e brilho! Onde proveio esta estranha mudança? O que faltou não foi a graça, que não falta a ninguém; o que faltou foi a humildade. Julgaram-se mais fortes e mais capazes do que eram na realidade; julgaram-se capazes de guardar os seus tesouros. Fiaram-se e apoiaram-se em si mesmos. Acharam ser a sua casa bastante segura e os seus cofres bastante fortes para guardarem o precioso tesouro da graça. Foi por causa desta imperceptível confiança em si mesmos (embora lhes parecesse que se apoiavam unicamente na graça de Deus) que o Senhor, infinitamente justo, permitiu que fossem roubados e abandonados a si mesmos. Ah! Se tivessem conhecido a admirável devoção que vou expor, teriam confiado o seu tesouro a uma Virgem poderosa e fiel, que lho teria guardado como um bem próprio, e que até teria feito disso um dever de justiça.

130. Cf. Leão XIII, *Octobri mense*, 22/9/1891. A teoria dos três degraus não deve fazer esquecer o Espírito Santo, segundo a ordem bíblica: “Ao Pai, por meio de Cristo no Espírito” (Cf. Ef 2, 18). Maria participa na missão do Espírito de unir-nos a Cristo e de interceder por nós.

131. 2 Cor 4, 7.





89. 3º É difícil perseverar na justiça, por causa da estranha corrupção do mundo. Este está, presentemente, tão corrompido que até os próprios corações religiosos se mancham quase necessariamente, senão pela sua lama, ao menos pela sua poeira. Assim, é quase um milagre alguém conservar-se firme no meio desta torrente impetuosa, sem ser arrastado; andar neste mar tormentoso, sem ser submergido pelas ondas ou pilhado pelos piratas e corsários; respirar este ar empestado, sem vir a ficar contaminado. É a Virgem, a única sempre fiel, sobre a qual a serpente jamais teve poder, quem faz este milagre em benefício daqueles e daquelas que a amam da melhor maneira.

CAPÍTULO I

ESCOLHA DA VERDADEIRA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

90. Dando por pressupostas cinco verdades, impõe-se, mais do que nunca, fazer uma boa escolha da verdadeira devoção à Santíssima Virgem, pois há cada vez mais falsas devoções a Nossa Senhora, e é fácil tomá-las por verdadeiras. O demônio, que é um falsificador e enganador fino e experiente, já iludiu e levou à condenação tantas almas, por meio duma falsa devoção a Nossa Senhora, que todos os dias se serve da sua experiência diabólica para perder muitas outras. Deleita-as e adormece-as no pecado sob pretexto de algumas orações mal rezadas e dumas quantas práticas exteriores que lhes inspira. Como um falsificador de moeda, que por norma não falsifica senão ouro e prata, e só muito raramente outros metais, por estes não valerem a pena, assim também o espírito maligno falsifica sobretudo o culto a Jesus, particularmente o da Sagrada Comunhão, e a devoção a Nossa Senhora, pois são essas, entre as demais devoções, o que o ouro e a prata são entre os metais.

91. É, pois, muito importante: primeiro conhecer as falsas devoções à Santíssima Virgem para as evitar, e conhecer a verdadeira, para abraçá-la; em seguida, importa conhecer por entre tantas práticas diferentes desta última, qual é a mais perfeita, a mais agradável à Virgem Santíssima, aquela que dá mais glória a Deus e a mais santificadora para nós, a fim de que a ela nos apeguemos.





ARTIGO I

FALSOS DEVOTOS E FALSAS DEVOÇÕES À SANTÍSSIMA VIRGEM

92. Conheço sete espécies de falsos devotos e falsas devoções, a saber:

- 1º os devotos *críticos*;
- 2º os devotos *escrupulosos*;
- 3º os devotos *exteriores*;
- 4º os devotos *presunçosos*;
- 5º os devotos *inconstantes*;
- 6º os devotos *hipócritas*;
- 7º os devotos *interesseiros*.

1º Os devotos críticos

93. Os devotos *críticos* são, ordinariamente, sábios orgulhosos, espíritos fortes e autossuficientes, que, no fundo, têm alguma devoção à Santíssima Virgem, mas que criticam quase todas as práticas de devoção que as pessoas simples tributam singela e santamente a esta boa Mãe, por não condirem estas práticas com a sua própria fantasia. Põem em dúvida todos os milagres e narrações referidos por autores dignos de crédito, ou tirados das crônicas de ordens religiosas, e que testemunham as misericórdias e o poder da Santíssima Virgem. Veem com pesar pessoas simples e humildes ajoelhadas diante dum altar ou duma imagem da Virgem, às vezes na esquina duma rua,¹³² para aí rezarem a Deus. Chegam até a acusá-las de idolatria, como se estivessem a adorar um pedaço de madeira ou pedra. Dizem que, quanto a eles, não gostam nada dessas devoções exteriores, e que não são tão fracos de espírito, que deem crédito a esses contos e historietas que correm a respeito da Santíssima Virgem. Quando lhes damos conta dos louvores admiráveis que os santos Padres tecem a Nossa Senhora, ou respondem que apenas o faziam por exagero, como exercício de oratória, ou oferecem uma explicação deturpada das suas palavras.

Estas espécies de falsos devotos e de gente orgulhosa e mundana são muito de temer, e causam um grande mal à devoção a Nossa Senhora, afastando eficazmente dela o povo, com o pretexto de destruir abusos.

132. Montfort defende a religiosidade popular, embora a queira ver libertada de elementos menos puros, fundada sobre a verdade e aberta ao empenhamento evangélico.





2º Os devotos escrupulosos.

94. Os devotos *escrupulosos* são pessoas que temem desonrar o Filho por honrarem a Mãe, rebaixá-lo por a elevarem a ela. Não podem suportar que se prestem à Santíssima Virgem louvores muito justos, como os santos Padres lhe tributaram. Não toleram, senão contrariados, que haja mais pessoas de joelhos diante dum altar de Maria que diante do Santíssimo Sacramento. Como se uma coisa fosse contrária à outra, como se aqueles que rezam a Nossa Senhora não estivessem a rezar a Jesus Cristo por meio dela! Não querem que se fale tantas vezes da Santíssima Virgem, nem que a ela nos dirijamos tão frequentemente.

Eis algumas frases que lhes são habituais: Para que servem tantos terços, tantas confrarias e devoções externas à Santíssima Virgem? Há muita ignorância nisto tudo! É fazer-se da nossa religião uma palhaçada. Falem-me, sim, dos que têm devoção a Jesus Cristo (e entre parênteses digo, que o nomeiam, muitas vezes, sem descobrirem a cabeça), isso sim; é preciso recorrer a Jesus Cristo; Ele é o nosso único mediador; é preciso pregar Jesus Cristo, essa é que é a doutrina sólida!¹³³

Isto que dizem, num certo sentido, até é verdade; mas quanto à aplicação que disso fazem, para impedir a devoção à Virgem Santíssima, essa é já coisa muito perigosa, e é mesmo uma cilada do maligno, sob pretexto dum bem maior, já que nunca se honra tanto a Jesus Cristo como quando se honra mais e mais a Santíssima Virgem, pois não a honramos senão para honrar mais perfeitamente a Jesus Cristo; e isto é assim porque não vamos até ela senão como quem vai até ao caminho para lhe conseguir achar a meta aonde se quer chegar, e que é Jesus.

95. A Santa Igreja, com o Espírito Santo, bendiz em primeiro lugar a Virgem e só depois Jesus Cristo: “Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus”. Não é que Maria seja mais que Jesus, ou igual a ele: dizê-lo seria uma heresia intolerável. Mas, para mais perfeitamente bendizer Jesus Cristo, é preciso louvar antes a Virgem Maria. Digamos, pois, com todos os verdadeiros devotos da Santíssima Virgem, e contra esses falsos devotos escrupulosos: “Ó Maria, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus”.¹³⁴

133. Estes devotos reclamam justamente o primado de Cristo, mas cometem o erro de opor ao culto de Cristo a devoção a Maria, que afinal é o caminho para se chegar a uma íntima união com Ele.

134. Lc 1, 42.





3º Os devotos exteriores.

96. Os devotos *exteriores* são pessoas que fazem consistir toda a devoção à Santíssima Virgem em práticas externas. Ficam apenas na exterioridade desta devoção, por lhes faltar todo o espírito interior. Rezarão muitos terços às pressas, ouvirão muitas missas sem atenção, sairão nas procissões sem devoção, entrarão em todas as confrarias de Nossa Senhora sem mudarem de vida, sem fazerem violência às suas paixões, e sem se darem à imitação das virtudes desta Virgem perfeitíssima. Só apreciam o que há de sensível na devoção, sem atenderem ao que tem de sólido. Se não experimentam prazer sensível nas suas práticas, julgam que já nada estão a fazer, desorientam-se, abandonam tudo, ou passam a fazê-lo só de quando em vez. O mundo está cheio de devotos exteriores, e não há ninguém como eles para criticarem as pessoas de oração, aquelas que se aplicam ao que é interior como ao essencial, sem todavia desprezarem aquele exterior que é próprio da modéstia e que acompanha sempre a verdadeira devoção.

4º Os devotos presunçosos.

97. Os devotos *presunçosos* são pecadores entregues às suas más paixões, ou amantes do mundo. Sob o belo nome de cristãos e devotos da Santíssima Virgem escondem ou o orgulho, ou a avareza, ou a impureza, ou a embriaguez, ou a cólera, ou a blasfêmia, ou a maledicência, ou a injustiça, etc. Dormem em paz nos seus maus hábitos, sem se esforçarem muito para se corrigirem, sob o pretexto de que são devotos de Nossa Senhora. Dizem lá para consigo que Deus lhes perdoará, que não hão de morrer sem confissão e que não serão condenados porque rezam o terço, porque jejuam ao sábado, porque pertencem à confraria do Santo Rosário ou do Escapulário, ou às suas congregações, porque trazem o hábito ou a correntinha da Santíssima Virgem, etc.

Se alguém lhes diz que a sua devoção não passa de ilusão do demônio e de perniciosa presunção, que os pode perder, não querem acreditar e dizem que Deus é bom e misericordioso, que não nos criou para a condenação, que todos pecam, que não morrerão impenitentes, que um bom “pequei”¹³⁵ à hora da morte é suficiente; e que, para mais, são devotos de Nossa Senhora, usam o escapulário, rezam diariamente sem falha e sem vaidade sete Pai

135. 2 Sm 12, 13.





Nossos e sete Ave Marias em sua honra, às vezes até rezam o terço e o ofício da Santíssima Virgem, que jejuam, e outras coisas mais! Para confirmar o que dizem e para aumentar à própria cegueira, citam histórias que ouviram ou leram em algum livro, verdadeiras ou falsas, isso não importa, e que dão conta de como pessoas mortas em pecado mortal sem confissão, foram ressuscitadas para se confessarem, porque durante a vida tinham recitado umas quantas orações ou praticado alguns atos de devoção à Santíssima Virgem; ou que a sua alma ficou miraculosamente no corpo até à confissão, ou obtiveram de Deus contrição e perdão dos seus pecados no momento da morte, pela misericórdia da Virgem, tendo por causa disso sido salvas, e é assim que dizem esperar o mesmo.

98. Nada é tão prejudicial no cristianismo como esta presunção diabólica. Pois quem poderá afirmar com verdade, que se ama e honra a Santíssima Virgem, quando, com o pecado, se ofende, trespassa, crucifica e ultraja impiedosamente Jesus Cristo, seu Filho? Se Maria se comprometesse a salvar, por misericórdia, esta espécie de pessoas, autorizaria o crime, ajudaria a crucificar e ofender seu Filho. Quem ousará sequer pensar tal coisa?

99. A devoção à Santíssima Virgem, depois da devoção a Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento, é a mais santa e a mais sólida de todas, por isso direi que abusar assim desta devoção é cometer um horrível sacrilégio: o maior e menos perdoável depois do sacrilégio da comunhão indigna.

É certo que para se ser verdadeiro devoto da Santíssima Virgem, não é absolutamente necessário ser-se tão santo que se chegue a evitar todo o pecado, embora isso fosse desejável, mas é preciso, pelo menos, (e note-se bem no que vou dizer):

1º Ter um propósito sincero de evitar, ao menos, todo pecado mortal, que ofende tanto a Mãe como o Filho.

2º Esforçar-se para evitar o pecado.

3º Fazer parte de confrarias, rezar o terço, o santo rosário ou outras orações, jejuar ao sábado, etc.

100. Isto é duma utilidade maravilhosa para a conversão dum pecador, mesmo do mais empedernido, e se o meu leitor está nesse caso, aconselho-lhe tudo isso, mesmo que já tenha um pé no abismo, mas com a condição de que pratique todas essas boas obras sem outra intenção que não seja a de ob-





ter de Deus, por intercessão da Santíssima Virgem, a graça da contrição e do perdão dos seus pecados, e de vencer os seus maus hábitos, e que não o faça para se conservar pacificamente em estado de pecado, apesar dos remorsos da própria consciência, desprezando o exemplo de Jesus Cristo e dos santos, e os ensinamentos do santo Evangelho.

5º Os devotos inconstantes.

101. Os devotos *inconstantes* são aqueles que praticam a devoção à Santíssima Virgem a intervalos e por arrebatos: ora são fervorosos, ora mornos; ora parecem dispostos a fazer tudo para servir Nossa Senhora, como de seguida, pouco depois, já não parecem ser os mesmos. A princípio abraçarão todas as devoções à Santíssima Virgem, entrarão em suas confrarias, mas depois não observarão as suas regras com fidelidade. Enfim, mudam como a lua,¹³⁶ e Maria coloca-os, junto com o quarto crescente, sob os seus pés,¹³⁷ porque são volúveis e indignos de serem contados entre os servos desta Virgem fiel, que têm por sinal distintivo a fidelidade e a constância. Mais vale não se sobrecarregar de tantas orações e práticas de devoção, e ter poucas, feitas com amor e fidelidade, apesar do mundo, do demônio e da carne.

6º Os devotos hipócritas.

102. Há ainda outros falsos devotos da Santíssima Virgem, que são os devotos *hipócritas*. Escondem os seus pecados e seus maus hábitos debaixo da capa desta Virgem fiel, a fim de passar aos olhos dos homens pelo que não são.

7º Os devotos interesseiros.

103. Os devotos *interesseiros* só recorrem à Santíssima Virgem para ganhar alguma causa, para evitar algum perigo, para obter a cura de alguma doença, ou para qualquer outra necessidade deste gênero. Sem isso, esquecê-la-iam. Uns e outros são falsos devotos, e de modo algum podem ter aceitação diante de Deus ou de sua santa Mãe.

104. Evitemos, portanto, pertencer ao número dos devotos *críticos*, que não acreditam em nada e tudo criticam; dos devotos *escrupulosos*, que temem ser demasiado devotos da Santíssima Virgem, por respeito a Jesus Cristo; dos devotos *exteriores*, que fazem consistir toda a sua devoção em práticas exteriores; dos devotos *presunçosos*, que, ao abrigo da sua falsa devoção

136. “O insensato é inconstante como a lua” (Eccl 27, 11).

137. “Uma mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos seus pés” (Ap 12, 1).





à Santíssima Virgem, apodrecem nos seus pecados; dos devotos *inconstantes*, que, por leviandade, mudam as suas práticas de devoção, ou simplesmente as abandonam à menor tentação; dos devotos *hipócritas*, que se alistam nas confrarias e usam as divisas da Virgem a fim de passarem por bons; e, finalmente, dos devotos *interesseiros*, que só recorrem à Santíssima Virgem para se livrarem dos males do corpo ou obterem bens temporais.

ARTIGO II

SINAIS DA VERDADEIRA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

105. Depois de termos posto a descoberto e condenado as falsas devoções à Santíssima Virgem, é necessário estabelecer, em poucas palavras, a verdadeira, que há de ser:¹³⁸

- 1º *interior*;
- 2º *terna*;
- 3º *santa*;
- 4º *constante*;
- 5º *desinteressada*.

1º A verdadeira devoção é interior

106. A verdadeira devoção à Santíssima Virgem é, em primeiro lugar, *interior*, ou seja, é uma devoção que parte do espírito e do coração; provém da estima que se tem à Santíssima Virgem, e do alto conceito que se tem das suas grandezas e do amor que se lhe consagra.

2º A verdadeira devoção é terna

107. Em segundo lugar, é *terna*, isto é, cheia de confiança na Virgem Santíssima, como a duma criança em sua boa mãe. Faz com que uma alma recorra a Maria em todas as necessidades do corpo e do espírito, com muita simpli-

138. Em sintonia com esta página do *Tratado* vale a pena recordar aqui o que mais tarde nos veio reafirmar o Concílio Vaticano II: “Lembrem-se os fiéis que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa mãe e a imitar as suas virtudes” (LG 67). Cf. São Tomás de Aquino, *Summa theologiae* II-II, q. 82, a. 1.





cidade, confiança e ternura, implorando o auxílio desta terna Mãe em todo o tempo, lugar e circunstância: nas dúvidas, para ser esclarecida; nos desvios, para ser reencaminhada; nas tentações, para ser sustentada; nas fraquezas, para ser fortalecida; nas quedas, para ser reerguida; nos desânimos, para ser encorajada; nos escrúpulos, para deles se libertar; nas cruces, trabalhos e tribulações da vida, para ser consolada. Numa palavra, em todos os seus males físicos ou espirituais, Maria é para ela o seu socorro habitual, não receando com isso importunar esta boa Mãe, nem desagradar a Jesus Cristo.

3º A verdadeira devoção é santa.

108. Em terceiro lugar, a verdadeira devoção à Santíssima Virgem é *santa*, isto é, leva a alma a evitar o pecado e a imitar as virtudes de Maria, particularmente a sua profunda humildade, a sua fé viva, a sua obediência cega,¹³⁹ a sua oração contínua, a sua mortificação universal, a sua pureza divina, a sua ardente caridade, a sua paciência heróica, a sua doçura angélica e a sua sabedoria divina. São estas as dez principais virtudes da Santíssima Virgem.

4º A verdadeira devoção é constante

109. Em quarto lugar, a devoção verdadeira é *constante*. Fortalece a alma no bem e leva-a a não abandonar com facilidade as suas práticas de devoção; torna-a corajosa para opor-se ao mundo com as suas modas e máximas; à carne, nas suas contrariedades e paixões, e ao demônio, nas suas tentações. Daí que uma pessoa verdadeiramente devota da Santíssima Virgem não é volúvel, amargurada, escrupulosa, nem temerosa. Não quer isto dizer que não caia, ou que não mude algumas vezes na sensibilidade da sua devoção; mas, se cai, logo se levanta e estende a mão à sua boa Mãe. Se perde o gosto e a devoção sensível, não se perturba, porque o justo e fiel servo de Maria vive da fé em Jesus e Maria, e não das sensações do corpo.¹⁴⁰

139. Hoje diríamos de preferência “obediência responsável”; na verdade “Maria não foi instrumento puramente passivo nas mãos de Deus, mas cooperou na salvação do homem em plena liberdade de fé e de obediência” (LG 56).

140. Cf. Hb 10, 34 e VD 214.





5º A verdadeira devoção é desinteressada

110. Finalmente, a verdadeira devoção à Santíssima Virgem é *desinteressada*, pois inspira à alma que não se busque a si mesma, mas só a Deus, em sua santa Mãe. O verdadeiro devoto de Maria não serve esta augusta Rainha por espírito de lucro ou de interesse, nem para o seu bem temporal ou eterno, corporal ou espiritual, mas unicamente porque ela merece ser servida, e Deus só nela. Não ama Maria propriamente porque ela lhe faz algo de bom ou porque espera dela algum bem, mas porque ela é amável. É por isso que a ama e serve tão fielmente nos momentos de aridez e sem sabor, como naqueles de doçura e de fervores sensíveis. Ama-a tanto no Calvário como nas bodas de Caná. Oh! Como é agradável e preciosa aos olhos de Deus e de sua santa Mãe uma tal alma, que em nada se busca a si mesma nos serviços que lhe presta! Mas como é raro encontrá-la hoje! Foi com o intuito de que não seja tão raro, que peguei na pena e escrevi o que tenho ensinado com fruto, em público e em privado, nas minhas missões, durante muitos anos.

111. Muito já disse acerca da Santíssima Virgem, mas muito mais me resta dizer, e infinitamente mais será o que hei de omitir, por ignorância, incapacidade, ou falta de tempo, no propósito que tenho de formar um verdadeiro devoto de Maria e um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo.

112. Oh! Como seria bem empregue o meu trabalho, se este pequeno escrito caísse nas mãos duma alma bem nascida, nascida de Deus e de Maria, não do sangue ou da vontade da carne, nem da vontade do homem;¹⁴¹ e se este livrinho lhe revelasse e inspirasse, pela graça do Espírito Santo, a excelência e o valor da verdadeira e sólida devoção à Santíssima Virgem, que passarei a descrever!

Se eu soubesse que o meu sangue criminoso podia servir para fazer entrar no coração as verdades que escrevo em honra da minha querida Mãe e soberana Rainha, de quem sou o último dos filhos e dos escravos, servir-me-ia dele, em vez de tinta, para escrever estas letras. Tenho esperança de encontrar almas boas, que, com a sua fidelidade à prática que ensino, compensarão a minha querida Mãe e Senhora, das perdas que a minha ingratidão e infidelidade lhe têm causado.

141. Jo 1, 13.





113. Sinto-me, mais do que nunca, animado a crer e a esperar em tudo aquilo que trago profundamente gravado no coração, e já há muitos anos venho pedindo a Deus: que mais cedo ou mais tarde a Santíssima Virgem venha a ter um número nunca igualado de filhos, servos e escravos de amor e que, por este meio, Jesus Cristo, meu Mestre muito amado, venha a reinar nos corações como nunca.

114. Prevejo que muitos animais rugidores virão numa fúria para rasgarem com seus dentes diabólicos este pequeno escrito e aquele de quem o Espírito Santo se serviu para o escrever, ou, pelo menos, envolverão este livrinho nas trevas e no silêncio dum baú,¹⁴² a fim de que jamais veja a luz; e chegarão mesmo a atacar e a perseguir quantos o lerem e puserem em prática.

Mas que importa! Tanto melhor! Esta visão encoraja-me e faz-me esperar um grande êxito, o mesmo é dizer, um grande esquadrão de bravos e valerosos soldados de Jesus e de Maria, de homens e mulheres, que combaterão o mundo, o demônio e a natureza corrompida, nos tempos perigosos que virão, e como ainda não houve! “Aquele que lê, entenda!”¹⁴³ Quem puder compreender, compreenda!”¹⁴⁴

CAPÍTULO II

PRINCIPAIS PRÁTICAS DA DEVOÇÃO A MARIA

115. São muitas as práticas *interiores* da verdadeira devoção à Santíssima Virgem. Eis, em resumo, as principais:

1º Honrá-la como digna Mãe de Deus, com o culto de hiperdulia, ou seja, estimá-la acima de todos os outros santos, como a obra-prima da graça e como aquela que vem em primeiro lugar, depois de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem;

142. A profecia de Montfort veio a cumprir-se à letra. Na verdade, o precioso manuscrito do *Tratado* esteve durante mais de um século perdido. Foi encontrado, efetivamente, só em 1842, escondido num baú, certamente como consequência dos tempos turbulentos da Revolução Francesa. Foi publicado pela primeira vez em 1843.

143. Mt 24, 15.

144. Mt 19, 12.





2º Meditar nas suas virtudes, privilégios e ações.

3º Contemplar as suas grandezas.

4º Dirigir-lhe atos de amor, de louvor e de gratidão.

5º Invocá-la com todo o coração.

6º Oferecer-se e unir-se a ela.

7º Agir com a intenção de lhe agradar.

8º Começar, continuar e terminar todas as ações por ela, nela, com ela e para ela, a fim de as fazer por Jesus Cristo, em Jesus Cristo, com Jesus Cristo e para Jesus Cristo, nosso fim último. Mais adiante explicaremos esta última prática.

116. A verdadeira devoção à Santíssima Virgem compreende igualmente várias práticas *exteriores*, sendo as principais:

1º Inscrever-se nas suas confrarias e participar das suas congregações.

2º Entrar nas ordens ou obras de religião instituídas em sua honra.

3º Anunciar publicamente os seus louvores.

4º Dar esmolas, jejuar e fazer mortificações espirituais ou corporais em sua honra.

5º Trazer consigo as suas divisas, como o santo rosário, ou o terço, ou o escapulário ou uma pequena corrente.¹⁴⁵

6º Rezar com recolhimento, atenção e devoção ou o santo rosário (composto de quinze dezenas de *Ave Marias*, em honra dos quinze principais mistérios de Jesus Cristo), ou o terço formado por cinco dezenas, ou seja, uma terça parte do rosário, em honra dos cinco mistérios gozosos, dolorosos ou gloriosos. Os mistérios gozosos são: a Anunciação, a Visitação, o Nascimento de Jesus Cristo, a Purificação e o Reencontro de Jesus Cristo no Templo. Os mistérios dolorosos são: a Agonia de Jesus Cristo no jardim das Oliveiras, a sua Flagelação, a Coroação de espinhos, o Carregamento da Cruz e a Crucificação. Os mistérios gloriosos são: a Ressurreição de Jesus Cristo, a sua Ascensão, a Descida do Espírito Santo ou Pentecostes, a Assunção da Santíssima Virgem ao céu, em corpo e alma, e a sua Coroação pelas três pessoas da Santíssima Trindade. Também se pode rezar um terço de seis ou sete dezenas, em honra dos anos que se supõe ter vivido a Santíssima Virgem na terra; ou a Pequena Coroa de Nossa Senhora, formada por três *Pai Nossos* e doze *Ave Marias*, em honra da sua coroa de doze estrelas ou privilégios.

145. Cf. VD 236.





Igualmente se pode rezar o Ofício da Santíssima Virgem, tão universalmente recebido e recitado na Igreja; ou o pequeno saltério de Nossa Senhora, composto por São Boaventura em sua honra e que, de tão terno e devoto que é, não se consegue rezar sem nos comovermos também; ou catorze *Pai Nossos* e *Ave Marias* em honra das suas catorze alegrias. Enfim, podem rezar-se quaisquer outras orações, hinos e cânticos da Igreja, tais como a “*Salve Rainha*”, o “*Mãe do Redentor*”, o “*Salve, Rainha dos Céus*”, ou o “*Rainha dos Céus*,” segundo os diferentes tempos; ou ainda o “*Salve Estrela do mar*”, o “*Ó gloriosa Senhora*”, o “*Magnificat*,” ou outras mais orações devotas de que os livros estão cheios.

7º Cantar e fazer cantar em sua honra cânticos espirituais.

8º Fazer em sua honra umas tantas genuflexões ou inclinações, dizendo-lhe, por ex. sessenta ou cem vezes cada manhã: “*Ave, Maria, Virgem fiel*”, a fim de obter de Deus por ela a fidelidade à graça durante o dia. Da mesma maneira pode-se dizer à noite: “*Ave, Maria, Mãe de Misericórdia*”, para pedir, por seu intermédio, perdão a Deus dos pecados cometidos durante o dia.

9º Cuidar das suas confrarias, enfeitar os seus altares, coroar e embelezar as suas imagens.

10º Levar e fazer levar em procissão as suas imagens, e trazer também uma consigo, qual arma poderosa contra o maligno.

11º Mandar fazer imagens suas ou escrever o seu nome no interior das igrejas ou das casas, ou ainda nas portas e entradas das cidades, das igrejas ou das habitações.

12º Consagrar-se a ela duma forma especial e solene.

117. Há ainda muitas outras práticas que fazem parte da verdadeira devoção à Santíssima Virgem,¹⁴⁶ que o Espírito Santo inspirou às almas santas e que são muito santificadoras; podem encontrar-se mais extensamente lendo o “*Paraíso aberto a Filália*” do Reverendo Padre Paulo Barry, da Companhia de Jesus. Nesse livro o autor recolheu grande número de devoções praticadas pelos santos em honra da Santíssima Virgem. Estas devoções são duma eficácia maravilhosa para santificar as almas, desde que cumpridas como se deve, ou seja:

146. O Concílio Vaticano II fala das “várias formas de piedade para com a Mãe de Deus, aprovadas pela Igreja, dentro dos limites de sã e reta doutrina, segundo os diversos tempos e lugares e de acordo com a índole e modo de ser dos fiéis” (LG 66).





- 1º com a boa e reta intenção de apenas agradar a Deus, de se unir a Jesus Cristo, como seu fim último, e de edificar o próximo;
- 2º com atenção, sem distrações voluntárias;
- 3º com devoção, sem pressa nem negligência;
- 4º com modéstia e compostura respeitosa e edificante do corpo.

CAPÍTULO III

A PRÁTICA PERFEITA DE DEVOÇÃO A MARIA

118. Tendo lido quase todos os livros que tratam da devoção à Santíssima Virgem,¹⁴⁷ e tendo conversado familiarmente com os mais santos e sábios personagens destes últimos tempos, no entanto, declaro bem alto que não conheci nem aprendi prática de devoção semelhante à que vou expor, que exija duma alma mais sacrifícios feitos para Deus, que mais a esvazie de si mesma e do seu amor próprio, que mais fielmente a conserve na graça, e a graça nela, que a una mais perfeitamente e mais facilmente a Jesus Cristo¹⁴⁸, e finalmente que mais glória dê a Deus, e que seja mais santificante para a alma e mais útil ao próximo.

119. Como o essencial desta devoção consiste no interior que ela deve formar, não será igualmente compreendida por todos. Uns ficarão no que é exterior e não passarão além; e estes serão a maioria. Outros, e serão em pequeno número, conseguirão entrar no seu interior, mas não subirão senão um degrau. Quem conseguirá subir ao segundo? Quem chegará ao terceiro? E quem aí se estabelecerá duma maneira permanente? Só aquele a quem o Espírito de Jesus Cristo revelar este segredo.¹⁴⁹ Será ele próprio quem conduzirá a alma fidelíssima para lá, para que avance de virtude em virtude, de graça em graça, de luz em luz, até alcançar a transformação de si mesma em Jesus Cristo e chegar à plenitude da sua idade na terra e da sua glória no céu.

1º A Perfeita consagração a Jesus Cristo.

120. Toda a nossa perfeição consiste em sermos conformes, unidos e consagrados a Jesus Cristo.¹⁵⁰ Por isso, a mais perfeita de todas as devoções é,

147. Montfort refere-se às obras de mariologia do seu tempo e, de maneira particular, às que pôde consultar em Paris, na biblioteca de São Sulpício, onde era bibliotecário.

148. “Com efeito, todo o influxo salvador da Virgem Santíssima sobre os homens... não impede de modo algum a união imediata dos fiéis com Cristo, antes a favorece” (LG 60).

149. Cf. SM 1.

150. Cf. VD 61-62.





indubitavelmente, aquela que mais perfeitamente nos conforma, une e consagra a Jesus Cristo. Ora, de todas as criaturas Maria é a mais conforme a Jesus Cristo. Por conseguinte, a devoção que, dentre todas as demais, melhor consagra e conforma uma alma a Nosso Senhor, é a devoção à Santíssima Virgem, sua santa Mãe, e que quanto mais consagrada for uma alma a Maria, tanto mais o será a Jesus Cristo. É por isso que a perfeita consagração a Jesus Cristo mais não é do que uma perfeita e total consagração da alma à Santíssima Virgem, e é essa a devoção que pretendo ensinar; ou, por outras palavras, uma perfeita renovação dos votos e promessas do santo batismo.¹⁵¹

121. Esta devoção consiste, portanto, em dar-se inteiramente à Santíssima Virgem, a fim de se ser, por seu intermédio, de Jesus Cristo. É preciso dar-lhe:

1º o nosso corpo, com todos os seus sentidos e membros;

2º a nossa alma com todas as suas faculdades;

3º os nossos bens exteriores, que chamamos de fortuna, presentes e futuros;

4º os nossos bens interiores e espirituais, que são os nossos méritos, virtudes e boas obras passadas, presentes e futuras. Numa palavra, devemos dar tudo quanto temos na ordem da natureza e na ordem da graça, e tudo quanto possamos vir a ter no futuro na ordem da natureza, na ordem da graça e ainda na ordem da glória; isto sem qualquer reserva, nem mesmo um centavo, nem um cabelo ou a menor boa ação, e assim por toda a eternidade, sem pretendermos ou esperarmos qualquer outra recompensa pelo nosso oferecimento e serviços, além da honra de pertencer a Jesus Cristo por ela e nela, ainda que esta amável Senhora não fosse - como de fato o é sempre - a mais generosa e agradecida entre todas as criaturas.

122. É preciso notar, neste ponto, que há dois aspectos nas boas obras que fazemos, a ter em consideração: a satisfação e o mérito; dito de outro modo, o valor satisfatório ou impetratório e o valor meritório.

151. Com grande intuição Montfort faz a ligação da consagração a Maria com o batismo, que constitui o fundamento de toda a consagração cristã (Cf. *Perfectae Caritatis*, 5). “Como poderemos nós viver o nosso batismo sem contemplar Maria, a bendita entre todas as mulheres, de tal modo acolhedora do dom de Deus? Jesus Cristo a deu a nós por Mãe. A deu por Mãe à Igreja. Ela revela-nos a vida. Mais ainda, ela intercede por nós. Cada católico confia-lhe espontaneamente a sua oração, e a ela se consagra para melhor se consagrar a Deus” (João Paulo II, 1/6/1980).





O valor satisfatório ou impetratório duma boa ação é esta mesma boa ação enquanto satisfaz a pena devida pelo pecado, ou obtém alguma nova graça. O valor meritório, ou o mérito, é essa boa ação enquanto merece a graça e a glória eterna. Ora, nesta consagração de nós mesmos à Santíssima Virgem, entregamos-lhe todo o valor satisfatório, impetratório e meritório, ou seja, as satisfações e os méritos de todas as nossas boas obras: damos-lhe os nossos méritos, graças e virtudes, não para os comunicar a outrem (para sermos precisos os nossos méritos, graças e virtudes são inalienáveis; só Jesus Cristo, tornando-se a nossa caução junto do Pai, nos pôde comunicar os seus méritos), mas para que no-los conserve, aumente e aperfeiçoe, como depois diremos; damos-lhe as nossas satisfações para as comunicar a quem muito bem entender, e para a maior glória de Deus.

123. Daqui se segue:

1º Que por esta devoção damos a Jesus Cristo tudo o que lhe podemos dar.

Fazemos isso da maneira mais perfeita, visto ser pelas mãos de Maria. E damos assim muito mais do que pelas outras devoções em que lhe consagramos apenas parte do nosso tempo, ou parte das nossas boas obras, ou parte das nossas satisfações e mortificações. Aqui tudo fica dado e consagrado, até mesmo o direito de dispor dos bens interiores, e das satisfações que se ganham com as boas obras de cada dia, o que não se chega a fazer nem mesmo na vida religiosa. Na vida religiosa, oferecemos a Deus os bens de fortuna pelo voto de pobreza, os bens do corpo pelo voto de castidade, a vontade própria pelo voto de obediência e às vezes a liberdade física pelo voto de clausura; mas não lhe damos a liberdade ou o direito de dispor do valor das nossas boas obras, como não nos despojamos totalmente daquilo que o cristão tem de mais precioso e mais querido, que são os seus méritos e satisfações.

124. 2º Segue-se ainda que uma pessoa, que assim voluntariamente se consagra e se sacrifica a Jesus Cristo por Maria, já não poderá dispor do valor de qualquer das suas boas ações. Tudo o que sofre, tudo o que pensa, diz e faz de bom, tudo isso pertence a Maria para que disso possa dispor segundo a vontade de seu Filho, e para sua maior glória, sem que, todavia, esta dependência prejudique de modo algum as obrigações do estado a que essa pessoa atualmente ou no futuro pertença: por exemplo, as obrigações dum sacerdote que, pelo seu ofício ou por outra razão, deve aplicar o valor satisfatório e impetratório da santa Missa em benefício dum particular, dado que este oferecimento só se faz conforme a ordem que Deus estabeleceu e os deveres do próprio estado.





125. 3º Enfim, com esta forma de devoção nos consagramos ao mesmo tempo à Santíssima Virgem e a Jesus Cristo: a Maria como ao meio perfeito que Jesus Cristo escolheu para se unir a nós e nos unir a ele; a Nosso Senhor como ao nosso fim último, a quem devemos tudo o que somos, porque é nosso Redentor e nosso Deus.

2º A entrega total a Maria é uma perfeita renovação das promessas do batismo.

126. Como disse, esta devoção podia muito justamente definir-se como uma renovação perfeita dos votos ou promessas do santo batismo. Todo cristão, efetivamente, antes do batismo, era escravo do demônio, pois lhe pertencia. Ao receber este sacramento renunciou solenemente, por si ou pela boca do seu padrinho e madrinha, a Satanás, às suas pompas e às suas obras e tomou a Jesus Cristo por seu Mestre e soberano Senhor, a fim de depender dele na qualidade de escravo de amor. É o que se faz também pela presente devoção: renuncia-se (como está expresso na fórmula da consagração), ao demônio, ao mundo, ao pecado e a nós mesmos, e nos damos inteiramente a Jesus Cristo pelas mãos de Maria. E ainda se faz mais, porque no batismo falamos habitualmente pela boca de outra pessoa, isto é, do padrinho e da madrinha, e oferecemo-nos a Jesus Cristo apenas por intermediários, mas nesta devoção, é por nós mesmos que o fazemos, voluntariamente e com conhecimento de causa.

No santo batismo não nos damos a Jesus Cristo pelas mãos de Maria, pelo menos não de maneira expressa, como não damos a Jesus Cristo o valor das nossas boas obras, de modo que, após o batismo, ficamos inteiramente livres de aplicar aquele valor a quem quisermos ou de o guardar para nós mesmos. Já por esta devoção, damo-nos expressamente a Nosso Senhor pelas mãos de Maria e consagramos-lhe o valor de todas as nossas ações.

127. Os homens, diz São Tomás, fazem no batismo a voto de renunciar ao demônio e às suas pompas.¹⁵² E este voto, diz Santo Agostinho, é o maior e o mais indispensável.¹⁵³ O mesmo dizem os canonistas: “O voto mais importante é aquele que fazemos no batismo”.¹⁵⁴ No entanto, quem é que observa este grande voto? Quem cumpre fielmente as promessas do santo batismo? Não é verdade que quase todos os cristãos quebram a fidelidade prometida a Jesus

152. *Summa theologiae*, II-II, q. 88, a. 2.

153. “Votum maximum nostrum quo vovimus nos in Christo esse mansuros” (*Ep. 59 e 149 ad Paulinum* n. 16, PL 33, 637).

154. “Proecipuum votum est quod in baptismo facimus.”





Cristo no seu batismo? Donde será que provém este desregramento universal, senão do esquecimento em que se vive, das promessas e compromissos do santo batismo, e do fato de que quase ninguém ratifica por si mesmo o *contrato de aliança* que fez com Deus por intermédio de seus padrinhos e madrinhas!

128. Isto é de tal maneira verdade que o Concílio de Sens foi convocado por ordem de Luís, o Bondoso, para remediar as grandes desordens entre os cristãos.¹⁵⁵ Ora, este Concílio entendeu que a principal causa dessa corrupção de costumes vinha do esquecimento e da ignorância em que se vivia das promessas do santo batismo; e não encontrou melhor meio para remediar tão grande mal que não fosse o de levar os cristãos a renovarem os votos e promessas do santo batismo.¹⁵⁶

129. O catecismo do Concílio de Trento, fiel intérprete das intenções deste santo concílio, exorta os párocos a fazerem o mesmo e a levarem os seus fiéis a recordar e a acreditar que estão ligados e consagrados a Nosso Senhor Jesus Cristo como escravos a seu Redentor e Senhor. Eis as suas palavras: “O pároco exortará o povo fiel para que compreenda que nós, mais do que os outros homens, nos dediquemos e consagremos para sempre, como escravos, ao nosso Redentor e Senhor”.¹⁵⁷

130. Ora, se os concílios, os Padres da Igreja e até a experiência nos mostram que o melhor meio para remediar os desregramentos dos cristãos, é relembrar-lhes as obrigações do seu batismo e de lhes fazer renovar os votos que então fizeram, não será, porventura, mais razoável que o façamos agora duma maneira perfeita, por esta devoção e consagração a Nosso Senhor por meio de sua Mãe Santíssima?¹⁵⁸ Digo duma maneira perfeita, porque, para nos consagrarmos a Jesus Cristo nos servimos do mais perfeito de todos os meios: a Santíssima Virgem.

155. O VI Concílio de Paris do ano 839 foi convocado em Sens, por ordem de Luís, o Bondoso (778-840).

156. Vale a pena recordar que Montfort recebeu o encargo por parte do papa Clemente XI (1706), de pregar a renovação da vida cristã mediante a renovação e revalorização das promessas batismais. Na mesma linha insiste o papa Paulo VI: “Ao fato de ter recebido o santo Batismo é preciso voltar a dar-lhe toda a sua importância” (Enc. *Ecclesiam Suam*, 6/8/1964).

Também João Paulo II afirma: “Não existe senão um único problema... aquele da fidelidade às promessas do nosso Batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (1/6/1980).

157. *Catec. Conc. Trento*, Parte I, c. 3, n. 12.

158. Paulo VI exortou “todos os filhos da Igreja a renovarem individualmente a própria consagração ao Coração Imaculado da Mãe da Igreja, e a viverem este nobilíssimo ato de culto com uma vida sempre mais conforme à vontade Divina, num espírito de serviço filial e de devota imitação da sua celestial Rainha” (Ex. Ap. *Signum Magnum*, 13/5/1967).





3º Resposta a algumas objeções.

131. Não se pode objetar que esta devoção seja nova ou indiferente. Não é nova, pois já os concílios, os Padres e vários outros autores, antigos e modernos, falam desta consagração a Nosso Senhor ou da renovação dos votos do santo batismo como de uma prática antiga, e que eles aconselham a todos os cristãos. E não é indiferente ou sem importância, porque a principal origem de todas as desordens e, portanto, da condenação dos cristãos, provém do esquecimento e da indiferença relativamente a esta prática.

132. Poderá haver quem diga que esta devoção, fazendo-nos dar a Nosso Senhor, pelas mãos da Santíssima Virgem, o valor de todas as nossas boas obras, orações, mortificações e esmolas, nos impossibilita de socorrermos as almas de nossos parentes, amigos e benfeitores.

Respondo, em primeiro lugar, que não é de crer que os nossos amigos, parentes ou benfeitores sejam prejudicados pelo fato de nos termos dedicado e consagrado sem reservas ao serviço de Nosso Senhor e de sua santa Mãe. Seria fazer uma injúria ao poder e à bondade de Jesus e Maria, que saberão muito bem como socorrer os nossos parentes, amigos e benfeitores, com o nosso pequeno tesouro espiritual, ou por outros meios.

Em segundo lugar, esta prática não impede que se reze pelos outros, quer sejam vivos ou mortos, embora a aplicação das nossas boas obras dependa da vontade da Santíssima Virgem. Irá levar-nos, pelo contrário, a orar com mais confiança, da mesma maneira que uma pessoa rica que tivesse dado toda a sua fortuna a um grande príncipe, para o honrar melhor, suplicaria com mais confiança a este príncipe, que desse esmola a algum dos seus amigos que lhe pedisse. Seria até um modo de agradar a este príncipe que se lhe desse assim ocasião de demonstrar o seu reconhecimento para com uma pessoa que se despojara para o revestir, e que se fizera pobre para o honrar. O mesmo se deve dizer de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem: nunca se deixarão vencer em gratidão.

133. Dirá talvez outro: se dou à Santíssima Virgem todo o valor das minhas ações, para que o aplique a quem quiser, será talvez preciso que sofra muito tempo no purgatório.¹⁵⁹

159. Releiam-se os números 122-125 e 132-133 da VD à luz da Comunhão dos Santos (LG, cap. V). Dessa forma desaparecerá todo o eventual calculismo ou temor na entrega feita a Maria mediante a consagração.





Esta objeção, que nasce do amor próprio e da ignorância acerca da liberalidade de Deus e da Virgem, destrói-se por si mesma. Uma alma fervorosa e generosa, que preza mais os interesses de Deus que os seus, que dá a Deus, sem reservas, tudo quanto tem, até mais não poder, *non plus ultra*, que só anseia pela glória e pelo reino de Jesus por Maria, e que se sacrifica inteiramente para o conseguir, essa alma generosa e liberal haverá de ser castigada no outro mundo por ter sido mais liberal e mais desinteressada do que as outras? De modo algum! É precisamente para com essa alma, como veremos mais adiante, que Nosso Senhor e sua santa Mãe serão muito liberais neste mundo e no outro, na ordem da natureza, da graça e da glória.

134. É necessário vermos agora, o mais brevemente possível, os *motivos* que nos devem tornar recomendável esta devoção, os *efeitos* maravilhosos que produz nas almas fiéis, e as suas *práticas*.

CAPÍTULO IV

OS MOTIVOS PELOS QUAIS ESTA DEVOÇÃO NOS É RECOMENDÁVEL

135. Primeiro motivo: Esta devoção põe-nos inteiramente ao serviço de Deus.

Na terra não se pode conceber ofício mais elevado que o serviço de Deus; e o menor dos servos de Deus é mais rico, mais poderoso e mais nobre que todos os reis e imperadores do mundo, se estes não servirem a Deus! Quais não serão então as riquezas, o poder e a dignidade do fiel e perfeito servo de Deus¹⁶⁰ que se dedique inteiramente ao seu serviço e sem reservas, tanto quanto lhe seja possível? Assim é um fiel e amoroso escravo de Jesus em Maria, que por inteiro se ofereceu ao serviço deste Rei dos reis, pelas mãos da sua santa Mãe, sem nada reservar para si. Todo o ouro da terra e as belezas do céu são insuficientes para lho pagar.

160. Veja-se em LG 36, o que diz o Conc. Vat. II sobre o serviço real do cristão.





136. As outras congregações, associações e confrarias erigidas em honra de Nosso Senhor e de sua santa Mãe, que tanto bem fazem ao cristianismo, não nos levam, porém, a dar tudo sem reservas. Apenas prescrevem aos seus associados a obrigação de certas práticas e ações, mas deixam-nos livres no que diz respeito a todos os outros atos e momentos da vida. Já esta devoção de que falamos, leva-nos a dar sem reservas a Jesus e a Maria todos os nossos pensamentos, palavras, ações e sofrimentos e todos os instantes da nossa vida; de modo que, quer velemos, quer durmamos, quer bebamos ou comamos, quer façamos grandes ou pequeninas coisas, pode sempre dizer-se com verdade que tudo o que fazemos, embora nem pensemos nisso, pertence a Jesus e a Maria em virtude do oferecimento que se fez, a não ser que o tenhamos expressamente revogado. Que consolação!

137. Além disso, como já disse, não há outra prática melhor que esta para nos libertar mais facilmente dum certo espírito de propriedade que penetra imperceptivelmente nas melhores ações. O nosso bom Jesus concede esta grande graça em recompensa do ato heróico e desinteressado que se fez quando, pelas mãos da sua santa Mãe, lhe cedemos o valor das boas obras. Se ele dá cem por um,¹⁶¹ mesmo neste mundo, àqueles que por seu amor deixam os bens exteriores, temporais e perecíveis, qual não será a recompensa que há de dar àquele que lhe sacrificar até mesmo os seus bens interiores e espirituais?

138. Jesus, nosso grande amigo, se deu a nós sem reserva, corpo e alma, virtudes, graças e méritos: “Ele conquistou-me inteiramente, dando-se todo a mim”, diz São Bernardo. Não será então dever de justiça e de reconhecimento que lhe dêmos tudo o que pudermos? Ele foi o primeiro a ser liberal para conosco. Sejamo-lo nós agora também e senti-lo-emos ainda mais liberal durante a nossa vida, na hora da morte e por toda a eternidade: “Com o generoso, ele será generoso”.¹⁶²

139. Segundo motivo: Imitar o exemplo de Jesus Cristo e praticar a humildade.

Eis o segundo motivo que nos mostra como é justo em si mesmo e proveitoso para o cristão, consagrar-se inteiramente à Virgem Santíssima por meio desta forma de devoção, a fim de mais perfeitamente se consagrar a Jesus Cristo.

161. Cf. Mt 19, 29.

162. Sl 18 (17), 26.





Este bom Mestre não recusou encerrar-se no seio da Santíssima Virgem, como um cativo e escravo de amor, nem o ser-lhe submisso e obediente durante trinta anos. É aqui, repito, que o espírito humano se perde quando reflete seriamente sobre esta maneira de proceder da Sabedoria encarnada. Embora o pudesse fazer, não quis dar-se diretamente aos homens, mas, fê-lo através da Virgem Santíssima. Não quis vir ao mundo com a idade de homem perfeito, independente de outrem, mas sim como uma pobre e pequenina criança, dependente dos cuidados e da assistência de sua Mãe. Esta Sabedoria infinita, que tinha um desejo imenso de glorificar a Deus, seu Pai, e de salvar os homens, não achou meio mais perfeito nem mais rápido para o fazer, do que submeter-se em todas as coisas à Santíssima Virgem, e não somente durante os oito, dez ou quinze primeiros anos da sua vida, como as outras crianças, mas durante trinta anos. E deu mais glória a Deus, seu Pai, durante esse tempo de sujeição e dependência da Virgem Santíssima, do que lhe teria dado empregando esses trinta anos a fazer prodígios, a pregar por toda a terra, a converter todos os homens; de contrário, teria feito tudo isso! Oh! Como glorifica altamente a Deus quem se submete a Maria, segundo o exemplo de Jesus!

Tendo diante dos olhos um exemplo tão visível e de todos conhecido, seremos tão insensatos a ponto de acharmos que podemos encontrar um meio mais perfeito e mais rápido de glorificar a Deus, do que a submissão a Maria, a exemplo de seu Filho?

140. Recorde-se aqui, como prova da dependência que devemos ter para com a Mãe de Deus, o que acima disse.¹⁶³ Lá referi os exemplos que de tal dependência nos dão o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O Pai não deu e não dá seu Filho senão por meio dela; não gera para si filhos senão através dela; e só por ela comunica as suas graças. Deus Filho não foi formado para todos em geral senão por meio dela; só através dela, em união ao Espírito Santo, Jesus é gerado e formado todos os dias; e só por ela comunica os seus méritos e virtudes. O Espírito Santo não formou Jesus Cristo senão por meio dela;¹⁶⁴ e só por meio dela forma os membros do seu Corpo místico; e não dispensa os seus dons e favores senão através dela. Como poderemos nós, a não ser por extrema cegueira, depois de tantos e tão insistentes exemplos relativos à Santíssima Trindade, passar sem Maria, não nos consagrarmos a ela e nem dependermos dela para irmos a Deus e a ele nos sacrificarmos?

163. VD 14-39.

164. "Maria deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogênito de muitos irmãos (Rm 8, 29), isto é, dos fiéis para cuja geração e educação ela coopera com amor de mãe" (LG 63).





141. Eis algumas passagens latinas dos Padres,¹⁶⁵ que escolhi para provar o que acabo de dizer:

“Maria tem dois filhos: um homem-Deus e o outro, homem puro; do primeiro é mãe corporalmente, do segundo, espiritualmente”¹⁶⁶ (São Bernardo e Orígenes). “Esta é a vontade de Deus, que quis que tudo recebêssemos por Maria. Se, pois, temos alguma esperança, alguma graça, algum dom salutar, saibamos que tudo nos vem dela”¹⁶⁷ (São Bernardo).

“Todos os dons, virtudes e graças do Espírito Santo são distribuídos pelas mãos de Maria, a quem quer, quando quer, como quer”¹⁶⁸ (São Bernardino).

“Eras indigno de receber as graças divinas, foi por isso que foram dadas a Maria, a fim de que por ela recebesses o que havias de ter”¹⁶⁹ (São Bernardo).

142. Deus vê que somos indignos de receber as graças diretamente das suas mãos, diz São Bernardo, por isso, dá-as a Maria a fim de que por ela recebamos tudo o que ele nos quer dar. E Deus encontra também a sua glória em receber pelas mãos de Maria o reconhecimento, o respeito e o amor que lhe devemos pelos seus benefícios. É, pois, muito justo que imitemos o procedimento de Deus, “para que a graça, - diz ainda São Bernardo, - regresse ao seu autor pelo mesmo canal por onde veio”.¹⁷⁰

É precisamente o que fazemos por esta forma de devoção: oferecemos e consagramos tudo o que somos e tudo o que possuímos à Santíssima Virgem, para que Nosso Senhor receba, por seu intermédio, a glória e o reconhecimento que lhe devemos. Reconhecemo-nos indignos e incapazes de nos abeirarmos da sua Majestade infinita só por nós mesmos e por isso servimo-nos da intercessão da Santíssima Virgem.

143. Além disso, trata-se aqui duma prática de profunda humildade, virtude que Deus ama acima de todas as outras. Uma alma que se eleva, rebaixa a Deus; uma alma que se humilha, eleva a Deus. Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes.¹⁷¹ Se nos humilharmos, julgando-nos indignos de comparecer perante Deus e de nos aproximarmos dele, Deus

165. Montfort transcreve estas passagens dos Santos Padres em latim, mas aqui achamos mais conveniente apresentar as mesmas já traduzidas.

166. Conrado de Saxônia, *Speculum BMV*, lect. 3, par. 1, 2; Orígenes, *In Ps.* 86, 5, PG 12, 1547.

167. São Bernardo, *Serm. in Nativ. BMV: de Aqueductu*, n. 7 e 6, PL 183, 441.

168. São Bernardino, *Serm. De 12 Priv.*, i. 2, c. 8; *Serm. in Nativ. BMV*, art. un., c. 8.

169. São Bernardo, *Serm. 3, in Vigília Nativ. Domini*, n. 10, PL 183, 100.

170. São Bernardo, *Serm. in Nativ. BMV: de Aqueductu*, n. 18, PL 183, 448.

171. Tg 4, 6.





desce, abaixa-se para vir até nós, para se comprazer em nós, e para nos elevar apesar da nossa miséria; mas já acontece o oposto, quando alguém se aproxima ousadamente de Deus, sem qualquer mediador: Deus foge e não podemos alcançá-lo. Oh! Como ele ama a humildade de coração! É a esta humildade que leva a prática desta devoção, pois nos ensina a nunca nos aproximarmos de Nosso Senhor por nós mesmos, por mais doce e misericordioso que ele seja; mas antes a sempre nos servirmos da intercessão de Maria, para comparecermos diante de Deus, para lhe falarmos, para nos aproximarmos dele, para lhe oferecermos alguma coisa, ou para nos unirmos e consagrarmos a ele.

144. Terceiro motivo: Alcança-nos os bons ofícios da Santíssima Virgem.

A Santíssima Virgem, que é uma mãe toda doçura e misericórdia, que nunca se deixa vencer em amor e liberalidade, quando vê que alguém se lhe dá totalmente para a honrar e servir, despojando-se do que tem de mais querido para com isso a ornar, dá-se também, inteiramente e duma maneira inefável, a quem tudo lhe deu. Submerge-o no abismo das suas graças e adorna-o com os seus méritos. Dá-lhe o apoio do seu poder e ilumina-o com a sua luz. Abrasa-o com o seu amor e comunica-lhe as suas virtudes: a sua humildade, a sua fé, a sua pureza, etc. Torna-se seu penhor, seu suplemento e o seu tudo perante Jesus. Enfim, como esta pessoa que se consagrou, é toda de Maria, também Maria é toda dela, de modo que pode dizer-se deste fiel servo e filho de Maria o que São João Evangelista diz de si mesmo, ou seja que recebeu a Virgem Santíssima como seu único bem: “E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa”.¹⁷²

145. É isto que, se for fiel, produz na sua alma uma grande desconfiança, desprezo e ódio a si mesmo e ao mesmo tempo uma grande confiança e um grande abandono à Santíssima Virgem, sua amável soberana. Não mais se apoiará, como antes, nas suas disposições, intenções, méritos, virtudes e boas obras, porque, tendo feito um sacrifício completo a Jesus Cristo por intermédio desta boa Mãe, não tem senão um tesouro onde se encontram todos os seus bens, e que já não está consigo. Este tesouro é Maria.

É isto que o faz aproximar-se de Nosso Senhor sem escrúpulo nem temor servil, e rezar-lhe com muita confiança. Os seus sentimentos tornam-se semelhantes aos do piedoso e sábio padre Rupert. Este, fazendo alusão à vitó-

172. Jo 19, 27; VD 179.





ria de Jacó sobre o anjo, ¹⁷³ dirige à Santíssima Virgem estas belas palavras: “Ó Maria, minha Princesa, e Mãe imaculada do Deus feito homem, Jesus Cristo, eu desejo lutar com este Homem, ou seja, com o Verbo divino, armado não com os meus próprios méritos, mas com os vossos”. ¹⁷⁴

Oh! Como é poderosa e forte a alma junto de Jesus Cristo, quando está armada com os méritos e intercessão da digna Mãe de Deus, que, no dizer de Santo Agostinho, venceu amorosamente o Todo-Poderoso!

146. Como nesta devoção entregamos a Nosso Senhor, pelas mãos de sua Santa Mãe, todas as nossas boas obras, esta amável Senhora purifica-as, embeleza-as e faz com que seu Filho as aceite.

1º Purifica-as de toda a mancha de amor próprio e de imperceptível apego às criaturas que se introduz insensivelmente até nas melhores ações. Do momento em que se encontram nas suas mãos puras e fecundas, mãos que jamais foram estéreis ou ociosas e que purificam tudo o que tocam, retiram do presente que lhe fazemos tudo o que nele possa haver de estragado ou imperfeito.

147. 2º Maria embeleza-as, enfeitando-as com seus próprios méritos e virtudes. É como se um camponês, querendo ganhar a amizade e a benevolência do rei, fosse ter com a rainha e lhe entregasse uma maçã, que constituísse toda a sua fortuna, para que ela a apresentasse ao rei. A rainha, depois de recebida a pobre e pequena oferta do camponês, poria essa maçã numa grande e bela salva de ouro e seria assim que a ofereceria ao rei em nome do camponês; e então, essa maçã, embora indigna por si mesma de ser apresentada a um rei, logo passaria a ser uma oferta digna da sua Majestade, em atenção à salva de ouro onde se encontra e à pessoa que a veio apresentar.

148. 3º Maria apresenta as nossas boas obras a Jesus Cristo, porque, do que lhe dão, nada reserva para si, como se fosse ela o fim e o destino último de tais coisas. Tudo remete fielmente a Jesus. O que se lhe dá, dá-se necessariamente a Jesus. Se a louvamos e glorificamos, de imediato ela louva e glorifica Jesus. Quando a louvamos e bendizemos, a Santíssima Virgem canta hoje, como outrora ao ser louvada por Santa Isabel: “A minha alma glorifica o Senhor”. ¹⁷⁵

173. Cf. Gn 32, 23-33.

174. Cf. P. Rupert, *proemium in Cantica Cant. de Incarn. Domini*, PL 168, 837-838.

175. Lc 1, 46; cf. VD 225.





149. 4º Ela faz com que Jesus aceite essas boas obras, por menor e mais pobre que seja a oferta com que o presenteiem, a ele que é Santo dos santos e Rei dos reis. Quando apresentamos a Jesus alguma coisa por nós mesmos e apoiados na nossa própria iniciativa e disposição, Jesus examina o dom e, muitas vezes, rejeita-o por estar manchado em virtude do amor próprio, tal como outrora rejeitou os sacrifícios dos judeus manchados pela vontade própria.¹⁷⁶ Mas quando se lhe apresenta alguma coisa pelas mãos puras e virginais da sua bem amada Mãe, toca-se-lhe no ponto fraco, se me é lícito empregar esta expressão. Já não considera tanto o que se lhe oferece, mas sobretudo quem lho apresenta, a sua boa Mãe. Não olha tanto para donde lhe vem esse presente como para aquela através de cujas mãos ele lhe chega. Assim, Maria que nunca é repelida, mas sempre bem acolhida por seu Filho, faz com que sua Majestade receba com agrado tudo quanto lhe apresenta, pequeno ou grande que seja: basta que seja Maria a apresentá-lo para que Jesus o receba e aceite. Era o grande conselho que São Bernardo dava àqueles e àquelas que conduzia para a perfeição: “Quando quiserdes oferecer alguma coisa a Deus, cuidai de oferecê-la pelas mãos mui agradáveis e mui dignas de Maria, se não quiserdes receber uma rejeição”.¹⁷⁷

150. Não será isto mesmo o que a própria natureza inspira aos pequenos em relação aos grandes, como já vimos? Por que não nos levaria a graça a fazer o mesmo em relação a Deus, que está infinitamente acima de nós, e diante de quem somos menos que um átomo? Temos, além disso, uma advogada tão poderosa que jamais lhe é recusado o que quer que seja; dotada de tal engenho que conhece todos os segredos para ganhar o coração de Deus; tão boa e carinhosa que não repele ninguém, por pequeno ou mau que seja.

Mais adiante mostrarei na história de Jacó e Rebeca, a imagem verdadeira das verdades que vou expondo.

151. Quarto motivo: A maior glória de Deus.

Esta devoção, fielmente praticada, é um meio excelente para fazer com que o valor de todas as nossas boas obras seja utilizado para a maior glória de Deus. Quase ninguém age com este fim tão nobre, embora a isso estejamos obrigados; seja por não se saber onde reside a maior glória de Deus, seja por não a querer. Mas a Santíssima Virgem, a quem cedemos o valor e o mérito

176. Cf. Hb 10, 5-7.

177. Texto em latim: “Modicum quod offerre desideras, manibus Mariae offerendum tradere cura, si non vis sustinere repulsam” (São Bernardo, *Serm. in Nativ. BMV: de Aqueductu*, n. 18, PL 183, 448). Cf. VD 142 e SM 37.





to das nossas boas obras, sabe perfeitamente onde reside a maior glória de Deus, e não faz nada que não seja para esse fim. Por isso, um perfeito servo desta Rainha, inteiramente consagrado a ela da forma que dissemos, pode dizer afoitamente que o valor de todas as suas ações, pensamentos e palavras é empregue para a maior glória de Deus, a não ser que expressamente revogue esta sua oferta. Poderá haver algo mais consolador para uma alma que ama a Deus com um amor puro e desinteressado, e que preza a glória e os interesses de Deus mais do que os seus próprios?

152. Quinto motivo: A união com Cristo.

Esta devoção é um caminho *fácil, curto, perfeito e seguro* para se chegar à união com Deus, na qual consiste a perfeição cristã.

a) Caminho fácil.

É um caminho *fácil*, que Jesus Cristo abriu ao vir até nós, e onde não se encontra obstáculo algum para chegar até ele. Pode-se, na verdade, chegar à união divina por outros caminhos, mas deparar-se-á com muitas mais cruces e mortes misteriosas, e com muitas mais dificuldades, que só a custo serão vencidas. Será preciso passar por noites escuras, por combates e agonias misteriosas, por sobre montanhas escarpadas e espinhos agudíssimos e atravessar desertos horríveis. Mas pelo caminho de Maria, passa-se mais suave e tranquilamente. Também por aqui se encontram, é certo, rudes combates a travar e grandes dificuldades a vencer. Mas esta boa Mãe e Senhora torna-se tão presente e tão próxima dos seus fiéis servos, para os iluminar nas suas trevas, esclarecer nas suas dúvidas, confirmar no meio dos seus temores, apoiar nas lutas e dificuldades, que este caminho virginal para encontrar Jesus Cristo é realmente um caminho de rosas e mel à vista dos outros. Houve alguns santos, em pequeno número embora, como Santo Efrém, São João Damasceno, São Bernardo, São Bernardino, São Boaventura, São Francisco de Sales, etc., que passaram por este caminho ameno para ir a Jesus Cristo, pois o Espírito Santo, Esposo fiel de Maria, tinha-lho indicado por uma graça singular. Já quanto aos outros santos, que são em maior número, embora todos tenham sido devotos da Santíssima Virgem, não entraram, ou entraram muito pouco, nesta via. Foi por isso que sofreram provas mais rudes e perigosas.

153. Mas então donde vem, dir-me-á algum fiel servo de Maria, que os servos fiéis desta boa Mãe tenham tantas ocasiões de sofrer e mais até do que





os outros que não lhe são tão devotos? Contradizem-nos, perseguem-nos, caluniam-nos, não os suportam; ou então caminham por trevas interiores e por desertos onde não há a mínima gota do orvalho celeste. Se esta devoção à Santíssima Virgem torna mais fácil o caminho para encontrar a Jesus Cristo, por que será então que sejam eles os mais crucificados?

154. Respondo: É bem verdade que os mais fiéis servos da Santíssima Virgem são os seus grandes favoritos. Por isso são eles que recebem dela as maiores graças e favores do céu, que são as cruzes. Mas também defendo que são os servos de Maria que levam essas cruzes com mais facilidade, com maior mérito e glória; e que aquilo que a outros faria parar mil vezes, ou que os faria até cair, a eles não os faz parar sequer uma vez e fê-los mesmo avançar, porque esta boa Mãe, toda cheia de graça e de unção do Espírito Santo, adoça e prepara todas as cruzes no mel da sua doçura materna e na unção do puro amor. Deste modo eles engolem-nas alegremente como se fossem nozes cobertas de açúcar, ainda que de si sejam muito amargas. Uma pessoa que queira ser devota e viver piedosamente em Jesus Cristo e que, portanto, queira sofrer perseguições e carregar cada dia a própria cruz, creio que nunca chegará a carregar grandes cruzes, ou então não as carregará alegremente nem conseguirá carregá-las até ao fim, sem que haja uma terna devoção à Santíssima Virgem que é o doce que reveste todas as cruzes; do mesmo modo que, sem se fazer uma grande violência, que, aliás não há de durar muito, ninguém consegue comer nozes verdes se antes não tiverem sido cristalizadas com açúcar.

b) Caminho curto.

155. Esta devoção à Santíssima Virgem é um caminho *curto* para encontrar Jesus Cristo, quer porque nele ninguém se perde, quer porque, como acabo de dizer, se avança por ele com mais alegria e facilidade e, portanto, com mais prontidão.

Avança-se mais, em pouco tempo de submissão e dependência de Maria, que durante anos inteiros de vontade própria apoiados em si mesmos, pois um homem obediente e submisso a Maria Santíssima cantará vitórias notáveis sobre todos os seus inimigos.¹⁷⁸ Estes, é certo, vão querer impedi-lo de caminhar, e fazê-lo recuar ou cair, mas, com o apoio, a ajuda e a guia de Maria, ele,

178. Cf. Pr 21, 28 (segundo a Vulgata).





sem cair, sem recuar ou mesmo sem se atrasar, avançará a passos de gigante ao encontro de Jesus Cristo seguindo o mesmo caminho pelo qual, como está escrito, Jesus veio até nós a passos de gigante e em pouco tempo.¹⁷⁹

156. Por que julgais que Jesus Cristo viveu tão pouco tempo na terra, e que passou esses poucos anos quase sempre em submissão e obediência a sua Mãe? Ah! É que, apesar de tudo se ter consumado em pouco tempo, ele viveu muito¹⁸⁰, e mais tempo até que Adão, cujas perdas vinha reparar, muito embora este vivesse mais de novecentos anos.¹⁸¹ Ora, Jesus Cristo viveu longamente porque viveu muito unido e submisso a sua santa Mãe, para assim obedecer a Deus, seu Pai, pois, na verdade: 1º - Aquele que honra a própria mãe é semelhante ao homem que junta tesouros, como diz o Espírito Santo, isto é, aquele que honra Maria, sua Mãe, até ao ponto de se submeter a ela e obedecer-lhe em todas as coisas, bem depressa se tornará muito rico, pois amontoa diariamente tesouros com o segredo desta pedra filosofal: “Quem honra a sua mãe é como quem ajunta um tesouro,”¹⁸² 2º - Porque o seio de Maria, que envolveu e gerou um homem perfeito¹⁸³ e que foi capaz de conter aquele que nem o universo inteiro pode compreender nem conter,¹⁸⁴ sim, é no seio de Maria, repito, que os jovens se tornam anciãos em luz, santidade, experiência e sabedoria, e que atingem em poucos anos a plenitude da idade de Jesus Cristo.¹⁸⁵ Isto baseia-se numa interpretação espiritual da seguinte palavra do Espírito Santo: “A minha velhice encontra-se na misericórdia do seio”.¹⁸⁶

c) Caminho perfeito.

157. Esta prática de devoção para com a Santíssima Virgem é um caminho *perfeito* para irmos até Jesus Cristo e a ele nos unirmos, porque Maria Santíssima é a mais perfeita e a mais santa entre as simples criaturas, e Jesus Cristo, que veio até nós de maneira perfeita, não escolheu outro caminho para a sua grande e admirável viagem. O Altíssimo, o Incompreensível, o Inacessível, Aquele que É, quis vir até nós, pequeninos vermes da terra, que nada

179. Cf. Sl 19 (18), 6.

180. Cf. Sb 4, 13.

181. Convém recordar que um ano no Antigo Testamento não tem o mesmo significado nem o mesmo número de dias que a nossa era lhe atribui.

182. Eclo 3, 4.

183. Cf. Jr 31, 22.

184. Expressão em uso na Liturgia romana.

185. Cf. Ef 4, 13; VD 33.

186. Sl 92 (91), 11 (segundo a Vulgata).





somos. Como foi isto possível? O Altíssimo desceu perfeita e divinamente até nós por meio da humilde Maria, sem nada perder da sua divindade e santidade; é igualmente por Maria que os pequeninos devem subir perfeita e divinamente até ao Altíssimo, sem nada temerem. O Incompreensível deixou-se compreender e conter perfeitamente pela humilde Maria, sem nada perder da sua imensidade; é também por Maria que nós nos devemos deixar conter e conduzir perfeitamente, sem nenhuma reserva. O Inacessível aproximou-se, uniu-se estreitamente, perfeitamente e até pessoalmente à nossa humanidade, por intermédio de Maria, sem nada perder da sua Majestade; é também através de Maria que nos devemos aproximar de Deus e unir-nos à divina Majestade perfeita e estreitamente, sem receio de sermos repelidos.

Finalmente, Aquele que É quis vir ao que não é e fazer que o que não é se torne Deus ou Aquele que É, e fê-lo perfeitamente dando-se e submetendo-se inteiramente à jovem Virgem Maria, sem deixar de ser no tempo Aquele que É desde toda a eternidade; é também através de Maria que, pese embora nada sermos, podemos tornar-nos semelhantes a Deus, pela graça e pela glória, dando-nos a ela tão perfeita e inteiramente, que nada sejamos em nós mesmos e tudo nela, sem receio de nos enganarmos.

158. Abram-me um caminho novo para ir a Jesus Cristo, calcetado com todos os méritos dos bem-aventurados, ornado com todas as suas virtudes heróicas, iluminado e enfeitado com a luz e a beleza de todos os anjos, e que todos os anjos e santos nele se encontrem para guiar, defender e sustentar aqueles e aquelas que por ele queiram seguir. Com certeza absoluta, digo-o ousadamente e digo a verdade, que em vez deste caminho tão perfeito, escolheria de preferência o caminho imaculado de Maria: “Tornou íntegro o meu caminho”;¹⁸⁷ caminho ou via sem nódoa alguma, sem qualquer mancha, nem pecado original ou atual, sem sombras nem trevas. E quando o meu amável Jesus vier segunda vez, na sua glória, à terra (como é certo), para nela reinar, não escolherá outro caminho para a sua vinda que não seja o de Maria Santíssima, por quem veio tão segura e perfeitamente na primeira vez. A diferença que haverá entre a sua primeira e a sua última vinda, é que a primeira foi secreta e escondida, mas a segunda será gloriosa e triunfante; mas são ambas perfeitas, porque ambas se farão por intermédio de Maria. Ah, meu Deus! Eis um mistério que não se compreende: “Que todas as línguas aqui emudeçam”.

187. Cf. Sl 18 (17), 33 (Ed. Vulgata: “*Posuit immaculatam viam meam*”).





d) Caminho seguro.

159. Esta devoção à Santíssima Virgem é um caminho *seguro* para irmos até Jesus Cristo e alcançarmos a perfeição unindo-nos a ele.

Esta prática de devoção que ensino não é nova. O Sr. Boudon,¹⁸⁸ falecido há pouco em odor de santidade, diz numa obra que escreveu sobre esta devoção, que ela é tão antiga que não é possível indicar com precisão a marca do seu começo. É no entanto certo que há mais de 700 anos já podemos encontrar as suas marcas na Igreja.

Santo Odilão, abade de Cluny, que viveu por volta do ano de 1040, foi um dos primeiros a praticá-la publicamente na França, como se lê na sua vida.

O cardeal Pedro Damião refere que, no ano de 1076,¹⁸⁹ o bem-aventurado Marinho, seu irmão, se fez escravo da Santíssima Virgem na presença do seu diretor espiritual duma maneira muito edificante: pôs uma corda ao pescoço, tomou a disciplina e colocou sobre o altar uma certa quantia de dinheiro, como sinal da sua dedicação e consagração à Santíssima Virgem; e manteve-se tão fiel a este ato durante toda a vida que mereceu, na hora da morte, ser visitado e consolado pela sua amável Senhora, e receber dos seus lábios a promessa do paraíso, como recompensa dos seus serviços.

Cesário Bolando faz menção dum ilustre cavaleiro, Vautier de Birbak, parente próximo dos duques de Lovaina, que, por volta de 1300, fez ele próprio esta mesma consagração. A mesma devoção foi praticada por muitos particulares até ao século XVII, altura em que se tornou pública.

188. Henrique Maria Boudon (1624-1702), arcebispo de Evreux (França), escreveu: “*Dieu seul ou le saint esclavage de l’admirable Mère de Dieu*”, publicado em Paris no ano 1667. Montfort recorda-o duas vezes: VD 159, 162.

O termo *doulos* (escravo) aparece em vários epítetos dos primeiros séculos do império do Oriente (395-1453) juntamente ao nome da Mãe de Deus, diz o autor G. Schlum-Berger; o mesmo termo aparece igualmente no ambão do Papa João VII (703-707) na igreja de Santa Maria de Antioquia no Palatino (Roma). Há vestígios desta devoção em tempos ainda mais remotos: o Rei Dagoberto II, falecido no ano de 679, consagrou-se à Santíssima Virgem na qualidade de escravo (cf. Kronenburg: *Maria’s Heerlijkheid I*, p. 98).

Também o próprio Bispo de Toledo, Santo Ildefonso (680-690), se declara “escravo de Maria” (*Summa Aurea X*, 627).

189. Esta data referida por Montfort não está correta, deve ser um lapso do santo, já que São Pedro Damião morreu em 1072.





160. O Padre Simão de Rojas, da Ordem da Trindade, também chamada da redenção dos cativos, pregador do rei Filipe III, divulgou esta devoção em toda a Espanha e na Alemanha¹⁹⁰ e obteve de Gregório XV, a instâncias de Filipe III, grandes indulgências para todos aqueles que a praticassem.

O Padre de los Rios, da Ordem de Santo Agostinho, aplicou-se com o Padre de Rojas, seu amigo íntimo, a difundir esta devoção, por meio de seus escritos e pregações, na Espanha e na Alemanha. Compôs um grosso volume, intitulado: “*Hierarchia Mariana*”, em que trata, com tanta piedade como erudição, da antiguidade, excelência e solidez desta devoção.

No século passado, os Reverendos Padres Teatinos estabeleceram esta devoção na Itália, na Sicília e na Sabóia.

161. O Padre Estanislau Falácio, da Companhia de Jesus, promoveu-a maravilhosamente na Polônia.¹⁹¹

O Padre de los Rios, no livro já citado, refere o nome dos príncipes, princesas, duques e cardeais, de vários reinos, que abraçaram esta devoção.

O Padre Cornélio de Lápide,¹⁹² tão digno de louvor pela sua piedade como pela sua profunda ciência, tendo sido encarregado por diversos bispos e teólogos, para examinar esta devoção, depois de a ter maduramente examinado, teceu-lhe louvores dignos da sua piedade, no que foi seguido por muitas outras grandes personalidades.

Os Reverendos Padres Jesuítas, sempre zelosos no serviço da Santíssima Virgem, apresentaram ao duque Fernando de Baviera, então arcebispo de Colônia, em nome dos congregantes da mesma cidade, um pequeno tratado sobre a dita devoção. Aquele prelado deu-lhe a sua aprovação e a licença de o imprimir, e exortou todos os párocos e religiosos da sua diocese a propagarem esta sólida devoção tanto quanto lhes fosse possível.

162. O cardeal de Bérulle, cuja memória é abençoada em toda a França, foi um dos mais zelosos em espalhar esta devoção na França, apesar de todas

190. O Pe. Simão de Rojas (1552-1624) era Trinitário espanhol. Fundou a “Confraria dos Escravos da Virgem Mãe de Deus e do dulcíssimo nome de Maria” e através dos seus conventos propagou em Espanha a santa escravidão mariana. Pregou também na Alemanha, onde o próprio Imperador Fernando II fez esta consagração com toda a sua corte em 1640.

191. Francisci Stanislai, S. J., *Mariae Mancipium*, Lublino, 1663.

192. Cornelius Van Den Stein (1567-1637) foi encarregado de examinar a ortodoxia da devoção da santa escravidão na ocasião da divulgação da mesma, feita na Polónia pelo P. Estanislau e o resultado foi inteiramente positivo.





as calúnias e perseguições que lhe levantaram os críticos e os libertinos. Acusaram-no de inovação e de superstição; escreveram e publicaram contra ele um folheto difamatório e serviram-se, (ou melhor, foi o demônio que por meio deles se serviu), de mil estratégias para o impedir de propagar esta devoção em França. Mas este grande e santo homem respondeu às calúnias apenas com a sua paciência; e às objeções contidas no referido libelo, respondeu com um pequeno escrito,¹⁹³ em que as refuta cabalmente, mostrando-lhes como esta devoção se funda no exemplo de Jesus Cristo, nas nossas obrigações para com ele e nas promessas que fizemos no santo batismo. Foi particularmente com este último argumento que calou a boca aos seus adversários, fazendo-lhes ver que esta consagração à Santíssima Virgem e, por suas mãos, a Jesus Cristo, mais não é do que uma perfeita renovação dos votos ou promessas do batismo. Diz coisas muito belas sobre esta prática e que podemos ler nas suas obras.

163. Refere o livro de Boudon¹⁹⁴ os nomes dos diversos papas que aprovaram esta devoção, os teólogos que a examinaram, além das perseguições a que foi sujeita e que venceu, e das milhares de pessoas que a abraçaram, sem que jamais papa algum a tenha condenado;¹⁹⁵ aliás, o que não poderia acontecer sem que fossem abalados os próprios fundamentos do cristianismo.

Fica pois assente que esta devoção nada tem de novo, e que, se não é comum, é por ser preciosa demais para ser apreciada e praticada por toda a gente.

164. Esta devoção é um meio *seguro* para ir a Jesus Cristo, porque é próprio da Santíssima Virgem conduzir-nos com segurança a ele, assim como é próprio de Jesus conduzir-nos com segurança ao eterno Pai. E que os espirituais não caiam no erro de pensar que Maria seja um impedimento para chegar à união divina. Seria, porventura, possível que aquela que encontrou graça diante de Deus, para todos em geral e para cada um em particular, fosse um obstáculo para uma alma poder encontrar a grande graça da união com Deus? Seria acaso possível que Maria, que era repleta e superabundante em graças, e que viveu tão unida e transformada em Deus, que foi nela até que ele encarnou, pudesse impedir uma alma de se unir perfeitamente a Deus?

193. Este pequeno livro, escrito por Pierre De Bérulle (1575-1629), fundador do Oratório em França, tem por título *Le Narré*, que Montfort leu.

194. VD 159. Ver a respectiva nota.

195. No seu tempo, com efeito, a inquisição romana condenou abusos e indiscrições de devotos.





É bem verdade que a visão de outras criaturas, embora santas, talvez pudesse retardar a união divina em certas circunstâncias, mas não Maria, como já disse e não me cansarei de repetir. Uma das razões por que tão poucas almas atingem a plenitude da idade de Jesus Cristo, é que Maria, sendo hoje como sempre, a Mãe do Filho e a Esposa fecunda do Espírito Santo, não está suficientemente formada nos seus corações. Quem quiser possuir o fruto bem maduro e bem formado deverá ter a árvore que o produz. Quem quiser possuir o fruto de vida, Jesus Cristo, deverá ter a árvore de vida, que é Maria. Quem quiser ter em si a ação do Espírito Santo, deverá ter a sua fiel e indissolúvel Esposa, Maria Santíssima, que o torna fértil e fecundo, como já antes dissemos.¹⁹⁶

165. Estejamos pois certos de que quanto mais presente tivermos Maria nas nossas orações, contemplações, ações e sofrimentos, se não numa visão distinta e clara, pelo menos numa visão geral e imperceptível, tanto mais perfeitamente encontraremos Jesus Cristo, que sempre está com Maria, grande, poderoso, operante e incompreensível, mais do que no céu ou em qualquer outra criatura do universo.¹⁹⁷ Assim sendo, Maria Santíssima, que está toda perdida em Deus, está bem longe de se tornar um obstáculo para as almas perfeitas a fim de que cheguem à união com Deus, e não houve até hoje, nem jamais haverá, criatura alguma que mais eficazmente nos ajude a realizar esta grande obra, seja pelas graças que nos comunicará para este fim: - “Ninguém é repleto do pensamento de Deus senão por ti”,¹⁹⁸ diz um santo, - seja ainda porque nos livrará das ilusões e enganos do espírito maligno.

166. Onde está Maria, não está o demônio. Um dos sinais infalíveis de que uma alma é conduzida pelo bom espírito é a circunstância de se ter uma grande devoção a Maria, e que nela se pense e dela se fale com frequência. É este o parecer de um santo,¹⁹⁹ o qual acrescenta que, assim como a respiração é um sinal certo de que o corpo não está morto, assim o pensamento frequente e a amorosa invocação de Maria são prova de que a alma não está morta pelo pecado.

196. Cf. VD 20-21, 34-36.

197. “A Igreja, meditando piedosamente na Virgem, e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, penetra mais profundamente, cheia de respeito, no insondável mistério da Encarnação, e mais e mais se conforma com o seu Esposo” (LG 65).

198. São Germano de Constantinopla, *Sermo 2 in Dormit. Deip.*, PG 98, 350.

199. São Germano de Constantinopla, *Orat. in sanctae Deiparae Zonam*, PG 98, 378-379.





167. Diz a Igreja e o Espírito Santo que a conduz, que só Maria esmagou todas as heresias.²⁰⁰ Por isso um fiel devoto de Maria jamais cairá na heresia ou na ilusão, pelo menos formalmente, por mais que os críticos resmunguem. Poderá errar materialmente, tomar por verdade uma mentira e por bom o espírito maligno, embora mais dificilmente do que os demais, mas, mais cedo ou mais tarde, conhecerá a sua falta e o seu erro material, e, quando deles tomar conhecimento, não se obstinará de forma alguma em crer ou sustentar aquilo que tinha julgado ser verdadeiro.

168. Portanto, todo aquele que, sem temor de cair na ilusão, que é normal às pessoas de oração, quiser avançar no caminho da perfeição e encontrar com segurança e perfeitamente Jesus Cristo, que abraça com coração grande²⁰¹ esta devoção à Santíssima Virgem, que talvez ainda não conheça. Que entre neste excelente caminho que não conhecia e que eu lhe mostro agora: “Vou indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos”.²⁰²

É um caminho aberto por Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada, nosso único chefe. Os membros que o trilharem não podem enganar-se. É um caminho *fácil*, devido à plenitude da graça e da unção do Espírito Santo que o enche. Quem por ele caminha não se cansa nem recua. É um caminho *curto*, que em pouco tempo nos leva a Jesus Cristo. É um caminho *perfeito*, onde não há lama nem poeira, nem a menor impureza de pecado. Enfim, é um caminho *seguro*, que nos conduz a Jesus Cristo e à vida eterna de maneira direta e segura, sem desviar nem para a direita nem para a esquerda. Entremos então neste caminho e avancemos por ele, noite e dia, até à plenitude da idade de Jesus Cristo.

169. Sexto motivo: Uma grande liberdade interior.

Esta prática de devoção dá uma grande liberdade interior àqueles que a observam fielmente: é a liberdade dos filhos de Deus.²⁰³ Como por esta devoção nos tornamos escravos de Jesus Cristo, consagrando-nos totalmente

200. Do Ofício de Nossa Senhora.

201. 2 Mc 1, 3.

202. 1 Cor 12, 31.

203. Cf. Gl 5, 1-13; 2 Cor 3, 17. Falando da consagração da Polônia ao Coração Imaculado de Maria, a 4 de junho de 1979, em Jasna Góra, João Paulo II afirmou: “O ato fala da “servidão” e esconde em si um paradoxo semelhante às palavras do Evangelho, segundo as quais é preciso perder a própria vida para encontrá-la (cf. Mt 10, 39). Na verdade o amor constitui, de fato, a consumação da liberdade, mas, ao mesmo tempo, “o pertencer”, ou seja, o não ser livre, faz parte da sua essência. Mas este “não ser livre” no amor não é entendido como escravidão, mas sim como uma afirmação de liberdade e como consumação dela.”





a ele nessa qualidade, este bom Mestre recompensa o cativo amoroso em que nos colocamos da seguinte maneira: 1º- tira à alma todo o escrúpulo e todo o temor servil que só serve para a apertar, aprisionar e atrapalhar; 2º- dilata-lhe o coração para que alcance uma santa confiança em Deus, fazendo considerá-lo como seu Pai; 3º- inspira-lhe um amor terno e filial.

170. Sem me deter em provar esta verdade por meio de argumentos de razões, contento-me com citar um fato histórico que li na Vida da Madre Inês de Jesus, era religiosa dominicana do convento de Langeac, em Auvergne, que faleceu nesse mesmo local em odor de santidade no ano de 1634. Quando tinha apenas sete anos, sofrendo de grandes tormentos de espírito, ouviu uma voz dizer-lhe que se quisesse ver-se livre de todos os seus tormentos e ser protegida contra todos os seus inimigos, devia, quanto antes, fazer-se escrava de Jesus e de sua santa Mãe. Mal regressou à sua casa, deu-se inteiramente a Jesus e à sua santa Mãe na qualidade de escrava, embora não conhecesse até àquela data esta devoção, e tendo encontrado uma corrente de ferro, pô-la à cinta e usou-a até à morte. Depois de ter feito isto, cessaram todas as suas penas e escrúpulos, e viu-se numa grande paz e liberdade de coração, que passou a ensinar esta prática a várias pessoas - que nela fizeram grandes progressos - entre as quais o Pe. Olier, fundador do Seminário de São Sulpício e outros sacerdotes e eclesiásticos do mesmo seminário. Um dia apareceu-lhe a Santíssima Virgem, e pôs-lhe ao pescoço uma corrente de ouro, testemunhando-lhe assim a alegria que sentia por ela se ter feito escrava sua e de seu Filho. Santa Cecília, que acompanhava a Santíssima Virgem, disse-lhe estas palavras: Felizes os fiéis escravos da Rainha do Céu, porque gozarão a verdadeira liberdade: "Servir-te é liberdade".²⁰⁴

171. Sétimo motivo: Causa de grandes bens para o próximo.

Outro motivo que nos pode levar à prática desta devoção, são os grandes benefícios que dela receberá o nosso próximo. Através desta prática exercemos a caridade para com ele duma maneira eminente, pois damos-lhe, pelas mãos de Maria, o que temos de mais caro, ou seja, o valor satisfatório e impetratório de todas as nossas boas obras, sem excluir um qualquer bom pensamento ou o mais leve sofrimento, por menor que seja; consentimos que tudo aquilo que tenhamos adquirido, ou venhamos a adquirir, até à morte, seja aplicado, segundo a vontade da Santíssima Virgem, em ordem à conversão dos pecadores ou à libertação das almas do purgatório.

204. Cf. Lantages, *La vie de Mère Agnès de Langeac*, Ed. Le Puy, 1675, p. 581.





Pois bem, não será isto amar perfeitamente o nosso próximo? Não será isto ser verdadeiro discípulo de Jesus Cristo, que se reconhece pela caridade? Não será este um meio de converter os pecadores, sem perigo de vaidade, e de libertar as almas do purgatório, sem quase nada mais fazer além daquilo a que cada um está obrigado no próprio estado?

172. Para se apreciar a excelência deste sétimo motivo seria preciso conhecer quão valioso é o bem da conversão dum pecador ou da libertação duma alma do purgatório: é um bem infinito, maior do que criar o céu e a terra,²⁰⁵ pois aí do que se trata é dar a uma alma a posse de Deus. Ainda que, por esta prática, se livrasse apenas uma alma do purgatório, durante toda a vida, ou se convertesse apenas um pecador, acaso não seria isso bastante para levar todo homem verdadeiramente caridoso a abraçá-la?

Mas é preciso notar que as nossas boas obras, passando pelas mãos de Maria, recebem um aumento de pureza e, por conseguinte, de mérito e de valor satisfatório e impetratório; e por isso, tornam-se assim muito mais eficazes para aliviar as almas do purgatório e converter os pecadores do que o seriam se não passassem pelas mãos virginais e generosas de Maria. O pouco que se dá por meio de Maria, sem servir à vontade própria e por causa duma caridade realmente desinteressada, torna-se verdadeiramente algo de muito poderoso para aplacar a cólera de Deus e atrair a sua misericórdia. Assim acontecerá que, na hora da morte, talvez se verifique que uma pessoa que tenha sido realmente fiel a esta prática, possa talvez ter libertado muitas almas do purgatório e convertido muitos pecadores, apesar de mais não ter feito para além das comuns ações próprias do seu estado. Qual não há de ser a alegria no dia do seu juízo! E quão grande glória para a eternidade!

173. Oitavo motivo: Meio admirável de perseverança.

Finalmente, o que, de certa maneira, com mais força nos impele a abraçar esta devoção à Santíssima Virgem está no ser ela um meio admirável para perseverarmos na virtude e sermos fiéis. Senão vejamos. Por que será que a maior parte das conversões dos pecadores não são duradouras? Por que recaem eles tão facilmente no pecado? Por que será que, com frequência, a maior parte dos justos, em vez de progredirem de virtude em virtude e de adquirirem novas graças, perdem muitas vezes as poucas virtudes e graças que

205. Este pensamento é de Santo Agostinho, *Tract. 72 in Joan.*, PL 35, 1823.





possuem? Esta desgraça, como já acima demonstrei,²⁰⁶ vem de que, sendo o homem tão corrupto, tão fraco e inconstante, se fia em si próprio, apoiando-se nas suas próprias forças e se julga capaz de guardar o tesouro das suas graças, virtudes e méritos.

Ora, por meio desta devoção, confiamos à Santíssima Virgem - e sabemos como ela é fiel - tudo o que possuímos; tomamo-la como depositária universal de todos os nossos bens, de natureza e de graça. Confiamos-nos à sua fidelidade, apoiamo-nos no seu poder, fundamo-nos na sua misericórdia e caridade, a fim de que ela conserve e aumente as nossas virtudes e méritos, apesar dos esforços que o demônio, o mundo e a carne fazem para no-los arrebatar. Dizemos-lhe, como um bom filho à sua mãe e um fiel servo à sua senhora: “Guardai o meu depósito”.²⁰⁷ Minha boa Mãe e Senhora, reconheço que, por vossa intercessão, recebi até hoje mais graças de Deus do que tenha merecido e a minha triste experiência me ensina que trago este tesouro num vaso muito frágil e que sou demasiado fraco e miserável para o conservar em mim mesmo: “Sou pequeno e desprezado”.²⁰⁸ Recebei, por favor, em depósito tudo quanto possuo, e conservai-o por vossa fidelidade e poder. Se me guardardes, nada perderei; se me sustentardes, não hei de cair; se me protegerdes, estarei seguro, ao abrigo dos meus inimigos.

174. É o que diz São Bernardo, em termos formais para nos inculcar esta prática: “Quando ela te sustenta, não cairás; se te protege, nada temerás; se te conduz, não te cansarás; se te for favorável, chegarás ao porto da salvação”.²⁰⁹ São Boaventura parece dizer-nos a mesma coisa em termos ainda mais formais: “A Santíssima Virgem não apenas é detida na plenitude dos santos, mas ela própria detém e guarda os santos na plenitude, a fim de que esta em nada decresça; ela impede que as suas virtudes se dissipem, que os seus méritos pereçam, que as suas graças se percam, que os demônios lhes façam mal; e, por fim, impede que Nosso Senhor os castigue quando pecam”.²¹⁰

206. Cf. VD 87-89.

207. 1 Tm 6, 20; cf. SM 40.

208. SI 119 (118), 141.

209. Texto latino: “Ipsa tenente, non corrui; ipsa protegente, non metui; ipsa duce, non fatigari; ipsa propitia, perveni” (*Hom. 2 super Missus est*, n. 17, PL 183, 71 A).

210. Texto latino: “Virgo non solum in plenitude sanctorum detinetur, sed etiam in plenitude sanctos detinet, ne plenitud minuantur; detinet virtutes ne fugiant; detinet merita ne pereant; detinet gratias ne effluant; detinet daemones ne noceant; detinet Filium ne peccatores percutiat” (texto hoje atribuído a Conrado de Saxónia) *Speculum B.V.M.*, lect 7, par. 6 (*Opera omnia*, Vivès 1868, vol. 14, p. 254 b).





175. A Virgem Santíssima é a Virgem fiel que, pela sua fidelidade a Deus, repara as perdas que a infiel Eva causou por sua infidelidade, e que obtém de Deus a fidelidade e a perseverança para todos quantos a ela se ligam. Por isso um santo a compara a uma âncora firme que os retém e os impede de naufragar, no meio do mar agitado deste mundo, onde tantos perecem por não se segurarem a esta âncora sólida. Como afirma São João Damasceno: “Nós ligamos as almas à vossa esperança, como a uma âncora firme”.²¹¹ Foi a ela que os santos que se salvaram mais se ligaram e mais ligaram os outros, para perseverarem na virtude. Felizes, pois, mil vezes felizes os cristãos que a ela se ligam agora, fiel e inteiramente, como a uma âncora firme. As investidas das tempestades deste mundo não os farão submergir nem perder os seus tesouros celestes. Felizes todos aqueles e aquelas que a ela se acolhem, qual arca de Noé! As águas do dilúvio do pecado, que afogam a tantos, não lhes farão mal, porque “os que em mim trabalham pela sua salvação não percarão”,²¹² proclama a Santíssima Virgem com a Sabedoria divina.

Felizes os filhos infiéis da infeliz Eva que se ligam à Mãe e Virgem fiel, que sempre permanece fiel e jamais se desdiz: “Permanece fiel, quem não pode renegar-se a si mesmo”,²¹³ e nunca deixa de amar aqueles que a amam: “Eu amo aqueles que me amam”,²¹⁴ e não apenas com um amor afetivo, mas efetivo e eficaz, que, por uma grande abundância de graças, os impede de retrocederem na virtude ou de caírem ao longo do caminho perdendo a graça de seu Filho.

176. Esta boa Mãe recebe sempre, por pura caridade, tudo o que lhe damos em depósito, e uma vez que tenha recebido algo na qualidade de depositária, é obrigada por justiça, a guardá-lo, em virtude do contrato de depósito. Do mesmo modo como uma pessoa a quem eu tivesse confiado mil moedas em depósito, seria obrigada a guardá-las, de maneira que, se, por negligência, elas viessem a perder-se, em boa justiça seria ela a responsável. Mas não, a fiel Maria nunca deixará perder por negligência sua o que lhe tivermos confiado. Seria mais fácil passarem o céu e a terra, do que Maria ser negligente e infiel para os que nela confiam.

211. *Hom. In Dorm. BMV*, n. 14, PG 96, 719.

212. *Eclo* 24, 22; cf. *VD* 264.

213. *2 Tm* 2, 13: texto que Montfort aplica à Santíssima Virgem.

214. *Pr* 8, 17.





177. Pobres filhos de Maria, a vossa fraqueza é extrema, grande a vossa inconstância e bem corrompida a vossa natureza. Fostes tirados, é certo, do mesmo barro corrompido dos filhos de Adão e Eva. Mas não desanimeis por isso. Consolai-vos, alegrai-vos! Eis o segredo que vos ensino, segredo desconhecido para a maioria dos cristãos, mesmo para os mais piedosos.

Não guardeis o vosso ouro e a vossa prata nos vossos cofres já arrombados pelo espírito maligno que vos saqueou. Eles são pequenos, velhos e fracos demais para guardar tão grande e precioso tesouro. Não ponhais a água pura e cristalina vinda da fonte nos vossos vasos estragados e infectados pelo pecado. Mesmo que aí já não se ache o pecado, ficou pelo menos o seu odor e a água será contaminada. Não deiteis os vossos vinhos finos em vossos tonéis velhos que já estiveram cheios de mau vinho; ficariam estragados, com o perigo de se derramarem e perderem.

178. Embora me compreendais, almas predestinadas, mas, ainda assim, falarei mais claramente. Não confieis o ouro da vossa caridade, a prata da vossa pureza, as águas das graças celestiais, e o vinho dos vossos méritos e virtudes, a um saco roto, a um cofre velho e rachado, a uma vasilha estragada e contaminada que sois vós mesmos; se assim fizerdes, sereis roubados pelos ladrões, isto é, pelos demônios, que procuram e espiam noite e dia, o tempo propício para o fazer. Se o fizerdes, estragareis pelo mau odor do vosso amor próprio, da confiança em vós mesmos e da vossa própria vontade, tudo o que de mais puro Deus vos dá.

Colocai, lançai no seio e no coração de Maria todos os vossos tesouros, todas as vossas graças e virtudes: ela é um “vaso espiritual, vaso honorífico, vaso insigne de devoção”. Depois que o próprio Deus se encerrou neste mesmo vaso, com todas as suas perfeições, este tornou-se todo ele espiritual e passou a ser a morada das almas mais espirituais; tornou-se honorífico, o trono de honra dos maiores príncipes da eternidade; tornou-se insigne de devoção, a morada dos mais ilustres pelas suas doçuras, graças e virtudes; e tornou-se, enfim, rico como uma casa de ouro, forte como uma torre de Davi e puro como uma torre de marfim.²¹⁵

215. Cf. *A Ladainha de Nossa Senhora*: “vas spirituale, vas honorabile, vas insigne devotionis, domus aurea, turris davidica, turris eburnea.”





179. Ah! Como é feliz o homem que deu tudo a Maria, que se confia e se perde em tudo e por tudo em Maria! É todo de Maria e Maria é toda dele. Pode dizer ousadamente com Davi: “Maria foi feita para mim”,²¹⁶ ou com o discípulo amado: “Recebi-a como toda a minha riqueza”,²¹⁷ ou com Jesus Cristo: “Tudo o que é meu é teu, e tudo o que é teu é meu”.²¹⁸

180. Se, ao ler estas coisas, algum crítico imaginar que falo com exagero e que sou empurrado por um excesso de devoção, pobre dele! Ou não me compreende, ou porque é um homem carnal, que de modo nenhum aprecia as coisas do Espírito, ou porque pertence ao mundo, não podendo receber o Espírito Santo, ou porque é orgulhoso e crítico, e condena ou despreza tudo o que não entende. Mas as almas que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus e de Maria, essas compreendem-me e apreciam-me, e é para elas que eu escrevo estas coisas.

181. No entanto retomando a matéria interrompida, direi a uns e a outros, que Maria Santíssima é a mais honesta e liberal de todas as simples criaturas, nunca se deixa vencer em amor e liberalidade. Por um ovo dará em troca um boi, como diz um santo; quer dizer, pelo pouco que se lhe dá, ela dá muito daquilo que recebeu de Deus. Por conseguinte, se uma alma a ela se dá sem reservas, também ela se dá a essa alma sem reservas, se nela põe toda a sua confiança sem presunção, trabalhando a seu lado a fim de adquirir as virtudes e domar as paixões.

182. Que os fiéis servos da Santíssima Virgem digam, portanto, com ousadia o que dizia São João Damasceno: “Tendo confiança em vós, ó Mãe de Deus, serei salvo; tendo a vossa proteção, nada temerei; com o vosso socorro, combaterei e porei em debandada os meus inimigos, porque a devoção por vós é uma arma de salvação que Deus dá aos que quer salvar”.²¹⁹

216. Segundo a Vulgata, Sl 119 (118), 56: “haec facta est mihi”.

217. Jo 19, 27; igual interpretação no SM 66; VD 216, 266.

218. Jo 17, 10.

219. Texto latino: “Spem tuam habens, o Deipara, servabor; defensionem tuam possidens, non timebo; persequar inimicos meos et in fugam vertam, habens protectionem tuam et auxilium tuum; nam tibi devotum esse est arma quaedam salutis quae Deus his dat quos vult salvos fieri” (texto atribuído a São João Damasceno). Cf. VD 41.





EXCURSO

FIGURA BÍBLICA DESTA DEVOÇÃO

REBECA - JACÓ

183. De todas as verdades que acabo de escrever em relação à Santíssima Virgem e a seus filhos e servos, dá-nos o Espírito Santo na Sagrada Escritura, uma figura admirável na história de Jacó, que recebeu a bênção de seu pai Isaac graças aos cuidados e ao engenho de sua mãe Rebeca.

Ei-la aqui, tal como a narra o Espírito Santo.²²⁰ Depois acrescentarei a sua explicação.

184. Esaú tinha vendido o direito de primogenitura a seu irmão Jacó. Vários anos mais tarde, Rebeca, mãe dos dois irmãos, mas que amava ternamente Jacó,²²¹ veio a assegurar-lhe esta vantagem por meio dum santo expediente, todo cheio de mistérios.²²²

Isaac, sentindo-se muito velho e desejando abençoar os seus filhos antes de morrer, chamou então Esaú, o filho que amava, e ordenou-lhe que fosse caçar alguma coisa para ele comer. Depois lhe daria a sua bênção. Rebeca avisou imediatamente Jacó do que se passava e mandou-o ir buscar dois cabritos do rebanho. Logo que este os entregou a sua mãe, ela preparou-os para Isaac, como bem sabia que era algo que ele gostava. Vestiu Jacó com as roupas de Esaú, que ela guardava, e depois, cobriu-lhe as mãos e o pescoço com a pele dos cabritos, para que, a julgar pelo pêlo das mãos, o pai, que deixara de ver, ouvindo embora a voz de Jacó, pudesse pelo menos achar que se tratava de Esaú, seu irmão. Efetivamente, Isaac ficou surpreendido ao ouvir-lhe a voz, que julgou ser a de Jacó, e mandou-o aproximar-se dele. Tendo-lhe contudo apalpado os pêlos das peles que lhe cobriam as mãos, disse que, para dizer a verdade, a voz era de Jacó, mas que as mãos, essas, eram de Esaú. Depois de ter comido e de ter sentido, ao beijar o filho, o odor das roupas perfumadas de Jacó, abençoou-o, desejando-lhe o orvalho do céu e a fecundidade da terra;

220. Gn 27, 1-44.

221. Cf. Gn 25, 33.

222. Além da exegese pura e simples que faz realçar quer a astúcia de Rebeca e a mentira de Jacó, quer alguns aspectos da mentalidade oriental que sobressaem da narração, Montfort sublinha a ação de Deus que deu preferência a Jacó (cf. Mt 1, 2-3; Rm 9, 13; Hb 11, 20; 12, 16); sublinha ainda a atividade de Maria na história da salvação e o comportamento espiritual do cristão para com ela.





e constitui-o senhor de todos os seus irmãos, concluiu a bênção com estas palavras: “Quem te amaldiçoar, seja também maldito, e quem te abençoar seja cumulado de bênções”.

Mal Isaac tinha acabado de pronunciar estas palavras, entrou Esaú trazendo já preparado o que tinha apanhado na caça para que o pai o abençoasse em seguida. Este santo patriarca, surpreendido, ao compreender o que se tinha passado, viu-se tomado de um grande assombro para lá de toda a medida, mas longe de retratar o que acabara de fazer, confirmou-o, pois reconhecia claramente no que ocorrera, o dedo de Deus. Então, Esaú irrompeu em grandes brados, como nota a Escritura e, vociferando contra a fraude do irmão, perguntou ao pai se tinha só uma bênção. Notam neste ponto os santos Padres que Esaú é imagem daqueles que, conciliando facilmente Deus com o mundo, querem gozar ao mesmo tempo das consolações do céu e da terra. Isaac, movido pelos gritos de Esaú, abençoou-o por fim, mas com uma bênção terrena, e submetendo-o ao irmão, o que o fez criar contra Jacó um ódio tão profundo, que, para matá-lo, só esperava pela morte do pai. E Jacó não teria podido evitar a morte, se Rebeca, sua querida mãe, não o tivesse salvo pelas diligências e bons conselhos que lhe deu, e que ele seguiu.

a) Interpretação da história de Jacó.

185. Antes de explicar esta história, tão cheia de beleza, é preciso notar que, segundo todos os santos Padres e intérpretes da Sagrada Escritura,²²³ Jacó representa Jesus Cristo e os predestinados, enquanto Esaú é figura dos réprobos. Basta examinar o procedimento dum e doutro para constatá-lo.

1º Esaú, o primogênito, era forte e robusto de corpo, destro e hábil no manejo do arco e na arte da caça.

2º Quase não parava em casa e, confiando apenas na sua força e engenho, trabalhava só fora de casa.

3º Não se esforçava muito em agradar a Rebeca, sua mãe, e nada fazia nesse sentido.

4º Era de tal maneira guloso, e tanto vivia para a boca, onde punha o seu amor, que vendeu o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas.

223. Entre outros: Santo Ambrósio, *De Jacob et vita beata*, L. 2, c. 2, n. 9, PL 14, 648; São Bernardo, *Serm. 28 in cant.*, PL 183, 922-923; Santo Antonino, *Summa theol.*, pars 4, tit. 15, c. 14. par. 3.





5º Era, como Caim,²²⁴ muito invejoso em relação a seu irmão Jacó, e no persegui-lo não tinha limites.

186. Eis a conduta diária dos réprobos.

1º Fiam-se nas próprias forças e no próprio engenho e habilidade para os negócios terrenos; são muito fortes, muito hábeis e muito esclarecidos para as coisas da terra, mas muito fracos e ignorantes para as coisas do céu.²²⁵ É por isso que:

187. 2º Nunca ou quase nunca permanecem em sua casa, ou seja, no seu íntimo.²²⁶ O íntimo é a casa interior e essencial que Deus deu a cada homem para aí habitar, segundo o seu próprio exemplo, pois Deus permanece sempre em si mesmo. Os réprobos não amam o recolhimento, nem a espiritualidade, nem a devoção interior, e chamam de espíritos fracos, beatos e rudes os que são interiores e retirados do mundo, e que trabalham mais interiormente do que exteriormente.

188. 3º Os réprobos pouco se preocupam com a devoção à Santíssima Virgem, Mãe dos predestinados. É verdade que não a odeiam formalmente. Algumas vezes tributam-lhe louvores, dizem amá-la e praticam até esta ou aquela devoção em sua honra, mas, de resto, não suportariam que alguém a amasse ternamente, porque não têm para com ela as ternuras de Jacó. Têm sempre que dizer das práticas de devoção a que se entregam fielmente os bons filhos e servos de Maria, para assim ganharem o seu afeto, pois não julgam esta devoção necessária para a salvação e acham que já basta não odiar formalmente a Santíssima Virgem, ou contanto que não desprezem abertamente a sua devoção para ganharem as boas graças da Santíssima Virgem; acham que assim já são seus servos, com balbuciar umas quantas orações em sua honra, sem ternura para com ela e sem emenda da própria vida.

189. 4º Estes réprobos vendem o seu direito de primogenitura, isto é, os gozos do paraíso, por um prato de lentilhas que são os prazeres da terra. Riem, bebem, comem, divertem-se, jogam, dançam, etc. ... sem se preocuparem, tal como Esaú, de se tornarem dignos da bênção do Pai celeste. Numa palavra, só pensam na terra, só amam a terra, só falam e agem para a terra

224. Cf. Gn 4, 8; igual alusão em VD 54, 210.

225. São Gregório Magno, *Moralium*, L. 32, c. 22, n. 46: "In terrenis fortes, in coelestibus debiles".

226. Mt 6, 6.





e seus prazeres, vendendo por um breve momento de prazer, por uma vã fumaça de honra e um pedaço de terra dura, amarela ou branca²²⁷, a graça batismal, a veste da sua inocência e a sua herança celeste.

190. 5º Enfim, os réprobos odeiam e perseguem continuamente os predestinados, abertamente ou em segredo. Atacam-nos, desprezam-nos, criticam-nos, contrariam-nos, injuriam-nos, roubam-nos, enganam-nos, empobrecem-nos, escorraçam-nos e reduzem-nos a pó; e, enquanto isso, eles próprios fazem fortuna, buscam os seus prazeres, vivem alegremente, enriquecem, engrandecem-se e levam vida folgada.

b) Jacó e os predestinados.

191. 1º Jacó, o irmão mais novo, era de constituição frágil, manso e pacífico, estando habitualmente em casa para merecer a estima de sua mãe Rebeca, a quem amava ternamente. Se acaso saía, não era por sua própria vontade ou porque confiasse nas suas próprias habilidades, mas para obedecer a sua mãe.

192. 2º Amava e honrava sua mãe, e é por isso que ficava em casa junto dela. A sua maior alegria era vê-la; evitava tudo o que lhe pudesse desagradar e fazia tudo o que julgava dar-lhe prazer; e tudo isto aumentava o amor que Rebeca lhe tinha.

193. 3º Em todas as coisas se mostrava submisso à sua querida mãe, obedecendo-lhe inteiramente em tudo, prontamente, sem demora, e amorosamente sem se queixar. Ao menor sinal da sua vontade, o pequenino Jacó corria e trabalhava. Acreditava em tudo o que ela lhe dizia, sem contestação. Por exemplo, quando ela o mandou ir buscar dois cabritos, a fim de prepará-los para seu pai Isaac, Jacó não lhe replicou que bastava um para a refeição duma só pessoa, mas, sem discutir, fez o que ela lhe pedira.

194. 4º Tinha uma grande confiança na sua querida mãe. Como não se fiava de modo nenhum no seu próprio saber, apoiava-se unicamente nos cuidados e na proteção da sua mãe. Chamava por ela em todas as suas necessidades e consultava-a em todas as suas dúvidas. Por exemplo, quando lhe perguntou se, em vez da bênção, não receberia antes a maldição do pai, acreditou e confiou nela quando lhe disse que tomaria sobre si a maldição.

227. Expressão de Montfort para designar o ouro e a prata (Cf. OA 27).





195. 5º Finalmente, na medida das suas forças, imitava as virtudes que via em sua mãe e parece mesmo que uma das razões por que preferia ficar sedentário, permanecendo mais por casa, era a de querer imitar a mãe, que era tão virtuosa, e assim fugir das más companhias, que corrompem os costumes. Foi procedendo assim que se tornou digno de receber a dupla bênção de seu querido pai.

196. Eis também como se comportam os predestinados na vida de cada dia:

1º Conservam-se em casa com sua mãe, o mesmo é dizer que gostam do recolhimento, são interiores e dão-se à oração, mas fazem-no seguindo o exemplo e na companhia de sua mãe, a Virgem Santíssima, cuja glória reside toda no interior;²²⁸ e que, durante toda a sua vida, tanto amou o recolhimento e a oração. É verdade que aparecem algumas vezes no mundo, mas fazem-no para obedecer à vontade de Deus e de sua querida Mãe, a fim de cumprir os seus deveres de estado. Por maiores que sejam, na aparência, as coisas que fazem exteriormente, estimam muito mais ainda as coisas que fazem dentro de si, no seu interior, na companhia da Santíssima Virgem. É aí que realizam a grande obra da sua perfeição, em comparação com a qual todas as outras coisas não passam de brincadeiras de crianças. É por isso que, enquanto às vezes seus irmãos e irmãs trabalham para o que é exterior com muita força, engenho e sucesso, rodeados do louvor e aplauso do mundo, eles, por seu turno, sabem, pela luz do Espírito Santo, que há muito maior glória, vantagem e prazer em permanecer escondidos no recolhimento com Jesus, seu modelo, tudo numa inteira e perfeita submissão à sua Mãe, do que realizar por si sós, no mundo, maravilhas de natureza e de graça, como tantos Esaús e tantos réprobos: “Há glória e riqueza na sua casa”,²²⁹ a glória de Deus e a riqueza dos homens encontraram-se na casa de Maria.

Senhor Jesus, quão amáveis são os vossos tabernáculos! O passarinho achou uma casa onde morar, e a rolinha um ninho onde abrigar os seus filhotes. Oh! Como é feliz o homem que habita na casa de Maria, onde habitastes em primeiro lugar! É nesta morada dos predestinados que o homem recebe o seu auxílio de vós, e apenas de vós, e foi aí que ele dispôs empreender escaladas no seu coração, e subir de degrau em degrau em todas as virtudes, a fim de se elevar até à perfeição neste vale de lágrimas. “Quão amáveis são as vossas moradas, etc”.²³⁰

228. Cf. VD 11.

229. SI 112 (111), 3.

230. SI 84 (83), 2.





197. 2º Amam ternamente e honram verdadeiramente a Santíssima Virgem, como sua boa Mãe e Senhora. Amam-na não só com os lábios, mas em verdade; honram-na não só exteriormente, mas do fundo do coração; evitam, como Jacó, tudo o que pode desagradar-lhe e praticam fervorosamente tudo o que julgam poder atrair a sua benevolência. Trazem-lhe e dão-lhe, não dois cabritos, como Jacó a Rebeca, mas aquilo de que os dois cabritos de Jacó eram figura, ou seja, o próprio corpo e a própria alma, com tudo o que deles depende, para que:

1- ela os receba como coisa que lhe pertence;

2- para que ela os mate e os faça morrer para o pecado e para si mesmos, esfolando-os e despojando-os da própria pele e do seu amor próprio, de forma a agradecer a Jesus, seu Filho, que só quer para seus amigos e discípulos os que estão mortos para si mesmos;

3- para que ela os prepare segundo o gosto do Pai celeste e segundo a sua maior glória, que ela conhece melhor do que qualquer outra criatura;

4- para que esse corpo e essa alma, por meio dos seus cuidados e intercessão, bem purificados de toda a mancha, inteiramente mortos, inteiramente despojados e preparados, se possam apresentar qual manjar delicado digno do paladar e da bênção do Pai celeste. Não será porventura assim que se hão de comportar as pessoas predestinadas, que apreciarão e praticarão a consagração perfeita a Jesus Cristo pelas mãos de Maria que aqui lhes ensinaremos, para testemunharem a Jesus e a Maria um amor efetivo e corajoso?

Os réprobos dizem repetidas vezes que amam Jesus e que amam e honram Maria, mas não com a sua substância,²³¹ não ao ponto de lhes sacrificar o próprio corpo com seus sentidos e a própria alma com as suas paixões, como o fazem, os predestinados.

198. 3º São submissos e obedientes à Santíssima Virgem, como a sua boa Mãe, segundo o exemplo de Jesus Cristo que, dos trinta e três anos que viveu na terra, dedicou trinta a glorificar a Deus, seu Pai, mediante uma perfeita e inteira submissão a sua santa Mãe. Obedecem-lhe seguindo com exatidão os seus conselhos, tal como o pequeno Jacó seguia os de Rebeca e a quem ela disse: “Meu filho, segue os meus conselhos”.²³² Ou então, como o fizeram os convidados das bodas de Caná, a quem a Santíssima Virgem disse: “Fazei tudo o que meu Filho vos disser”.²³³ Por ter obedecido a sua

231. Pr 3, 9.

232. Gn 27, 8.

233. Jo 2, 5.





mãe, Jacó recebeu a bênção como por milagre, visto que por natureza ela não devesse pertencer-lhe. Os convidados das bodas de Caná, por terem seguido o conselho da Virgem Santíssima, foram honrados com o primeiro milagre de Jesus Cristo, que aí transformou a água em vinho a pedido de sua santa Mãe. De igual modo, todos os que até ao fim dos séculos receberem a bênção do Pai celeste e forem honrados com as maravilhas de Deus, não receberão estas graças senão como consequência da sua perfeita obediência a Maria. Já os Esaús, pelo contrário, esses perdem a sua bênção por falta de submissão à Santíssima Virgem.

199. 4º Nutrem uma grande confiança na bondade e no poder da Virgem Santíssima, sua boa Mãe; imploram sem cessar o seu socorro; consideram-na como a sua estrela polar, que os levará a bom porto; revelam-lhe as suas penas e necessidades, com muita abertura de coração; confiam nas suas entranhas de misericórdia e doçura para, por sua intercessão, alcançarem o perdão de seus pecados e para saborearem as suas doçuras maternas no meio das suas penas e sofrimentos. E não hesitam mesmo em lançar-se, no seu seio virginal e amoroso, aí admiravelmente se ocultando e se perdendo, para então serem também aí abraçados do puro amor, e purificados de todas as manchas, mesmo das mais leves, e para aí encontrarem plenamente Jesus, que aí reside como em seu trono mais glorioso. Oh, que ventura! “Não julgueis - diz o abade Gueric - que haja maior felicidade em habitar no seio de Abraão do que no seio de Maria, pois foi aí que o Senhor colocou o seu trono”.²³⁴

Os réprobos, ao contrário, põem toda a sua confiança em si mesmos; não comem senão o alimento dos porcos como o filho pródigo; não se alimentam senão de terra como os sapos, e só amam as coisas visíveis e exteriores como os mundanos. Não apreciam as doçuras do seio e do peito de Maria, nem experimentam certo apoio e certa confiança que os predestinados sentem perante a Santíssima Virgem, sua boa Mãe. Amam miseravelmente a sua fome das coisas exteriores, como diz São Gregório,²³⁵ porque não querem saborear a doçura que já está preparada no interior de si mesmos e no interior de Jesus e de Maria.

234. Texto latino: “Ne credideris majoris esse felicitatis habitare in sinu Abrahae quam in sinu Mariae, cum in eo Dominus posuerit thronum suum” (Gueric, *Serm. in Assumpt.*, n. 4, PL 185-189).

235. São Gregório Magno, *Hom 36 in Evang.*, L. 2, PL 76, 1266. Cf. VD 48.





200. 5º Os predestinados, finalmente, seguem os caminhos da Santíssima Virgem, sua boa Mãe, isto é, imitam-na. Nisto consiste verdadeiramente a sua felicidade e devoção, e é nisso que mostram o sinal infalível da sua predestinação, tal como lhes diz esta boa Mãe: “Bem-aventurados os que observam os meus caminhos.”²³⁶ O que quer dizer, bem-aventurados os que, com o auxílio da graça divina, praticam as minhas virtudes e seguem os meus passos. São felizes neste mundo, durante a sua vida, pela abundância das graças e doçuras que da minha plenitude eu lhes comunico, e mais abundantemente que àqueles que não me seguem tão de perto; são felizes na morte, que é suave e tranquila, à qual eu assisto habitualmente em pessoa para eu mesma os conduzir às alegrias eternas; finalmente, são felizes na eternidade já que nunca algum dos meus servos dedicados que, em vida, tenha imitado as minhas virtudes, se veio a perder.

Os réprobos, pelo contrário, são infelizes durante a vida, na morte e na eternidade, porque não imitam as virtudes de Maria. Contentam-se em pertencer, uma vez por outra, às suas confrarias, rezar algumas orações em sua honra ou praticar qualquer outra devoção exterior.

Ó Santíssima Virgem, minha boa Mãe, como são felizes, e repito-o uma vez mais tomado pelo entusiasmo do meu coração, como são felizes aqueles e aquelas que, não se deixando seduzir por uma falsa devoção para convosco, guardam fielmente os vossos caminhos, os vossos conselhos e as vossas ordens! Mas quão infelizes e malditos os que, abusando da vossa devoção, não guardam os mandamentos de vosso Filho: “Malditos todos aqueles que se afastam dos vossos mandamentos”.²³⁷

c) Rebeca e Maria.

201. Vejamos agora os amorosos serviços que a Santíssima Virgem, como a melhor de todas as mães, presta aos seus fiéis servidores que a ela se deram no modo que descrevi e segundo a figura de Jacó.

1º Ela ama-os.

“Eu amo os que me amam”.²³⁸ Ama-os:

236. Pr 8, 32.

237. Sl 119 (118), 21.

238. Pr 8, 17.





1) porque é sua verdadeira Mãe e uma mãe ama sempre o seu filho, fruto das suas entranhas;

2) por gratidão, visto que, efetivamente, eles a amam como sua boa Mãe.

3) porque sendo eles predestinados, o próprio Deus os ama: “Amei mais a Jacó do que a Esaú”,²³⁹

4) porque se lhe consagraram inteiramente e são o seu quinhão e sua herança: “Recebe Israel por tua herança”.²⁴⁰

202. Ela ama-os ternamente, e com mais ternura que todas as mães juntas. Juntai, se puderdes, todo o amor natural que as mães do mundo inteiro têm pelos seus filhos, num só coração de mãe e por um filho único: certamente que essa mãe amará muito esse filho. No entanto, pode-se afirmar, em verdade, que Maria ama ainda mais ternamente seus filhos do que aquela mãe amaria o seu.

Ela não os ama apenas com afeto, mas também com eficácia. O seu amor por eles é ativo e eficaz, mais ainda do que aquele de Rebeca por Jacó. Eis o que esta boa Mãe, de que Rebeca mais não é do que uma prefiguração, é capaz de fazer para obter para os seus filhos a bênção do Pai celeste:

203. 1º - Espreita, como Rebeca, as ocasiões favoráveis para lhes fazer bem, para os elevar e enriquecer. Ela vê claramente em Deus todos os bens e os males, os bons e os maus êxitos, as bênçãos e as maldições divinas. Ela dispõe à distância todas as coisas, para livrar os seus servos de toda a espécie de males, e para os cumular de toda a sorte de bens. De maneira que, se se apresentar a ocasião de alcançar uma mercê de Deus, pela fidelidade de alguma criatura no cumprimento de uma nobre missão, é garantido que Maria obterá esta graça para um dos seus filhos e servos fiéis, e ainda lhe acrescentará a graça de levar a bom termo com fidelidade a sua missão. Diz um santo: “Ela própria se ocupa dos nossos interesses”.²⁴¹

204. 2º - Dá-lhes bons conselhos, como Rebeca a Jacó: “Meu filho, segue os meus conselhos”.²⁴² Entre outros conselhos, inspira-lhes que lhe tragam dois cabritos, isto é, o corpo e a alma, e que lhes consagrem, para deles preparar um festim agradável a Deus. Inspira-lhes ainda que façam tudo o que seu

239. Rm 9, 13.

240. Eclo 24, 8.

241. Raimundo Jordão: “Ipsa procurat negotia nostra”.

242. Gn 27, 8.





Filho, Jesus Cristo, ensinou por palavras e pelo seu exemplo. Se não for ela pessoalmente a dar-lhes estes conselhos, irá dá-los pelo ministério dos anjos, para quem não há maior honra e prazer do que o de poderem obedecer às suas ordens quando lhes diz que desçam à terra em socorro de algum dos seus servos.

205. 3º - Quando lhe levamos e consagramos o corpo e a alma com tudo o que deles depende, sem fazer excepção do que quer que seja, que faz esta boa Mãe? O mesmo que outrora fez Rebeca aos dois cabritos que Jacó lhe trouxe: 1. mata-os e fá-los morrer para a vida do velho Adão; 2. esfolá-os e tira-lhes a pele natural, que são as inclinações da natureza, o amor próprio, a vontade própria e todo o apego à criatura; 3. purifica-os das suas manchas, impurezas e pecados; 4. prepara-os ao gosto de Deus e para sua maior glória. Como só ela conhece perfeitamente o gosto divino e a maior glória do Altíssimo, ninguém como ela para, sem se enganar, poder dispor e preparar o nosso corpo e a nossa alma acomodando-os a este gosto infinitamente excelso e a esta glória infinitamente escondida.

206. 4º - Esta boa Mãe, tendo recebido a oferta perfeita que lhe fizemos de nós mesmos e dos nossos méritos e satisfações, por meio da devoção que expus, e tendo-nos despojado dos nossos velhos hábitos, prepara-nos e torna-nos dignos de comparecer diante de nosso Pai celeste. 1º Veste-nos com as roupas limpas, novas, preciosas e perfumadas de Esaú,²⁴³ o primogênito, isto é, de Jesus Cristo, seu filho, que ela guarda em sua casa, o mesmo que dizer que estão ao dispor do seu poder, pois, na verdade, é ela a tesoureira e despenseira universal dos méritos e das virtudes de Jesus Cristo, seu Filho, e que ela dá e comunica a quem quer, quando quer, como quer e tanto quanto quiser, como já anteriormente vimos.²⁴⁴ 2º Envolve, a seguir, as mãos e o pescoço de seus servos com a pele dos cabritos mortos e esfolados, isto é, adorna-os com os méritos e o valor das próprias ações que eles praticaram. É verdade que Maria mata e mortifica o que há de impuro e imperfeito nas suas pessoas, mas não perde nem dissipa todo o bem que a graça nelas operou, antes o guarda e o faz aumentar para fazer dele o ornamento e a força do pescoço e mãos dos seus servos, o mesmo é dizer, para os fortificar de modo a poderem carregar o

243. À primeira vista parece que o autor se contradiz, já que nas páginas anteriores apresentou Esaú como figura dos réprobos. Não há, no entanto, contradição, pois a ideia que aqui se pretende realçar é “primogênito” ou “irmão mais velho” que, na ordem natural, será sempre Esaú. E, nesta ordem de precedência natural, Esaú - na qualidade de primogênito - é, de fato, figura de Jesus Cristo que também é primogênito na nova Igreja.

244. VD 25, 141.





jugo do Senhor, que assenta sobre o pescoço, e para operarem grandes coisas para a glória de Deus e salvação dos seus pobres irmãos. 3º Por fim, Maria dá um novo perfume e uma nova graça a essas vestes e ornamentos, comunicando-lhes as suas próprias vestes, quer dizer, os seus méritos e virtudes, que ela lhes legou em testamento ao morrer, como afirma uma santa religiosa do século passado, morta em odor de santidade, e que o soube por revelação. Deste modo, todos quantos pertencem à sua casa, os seus servos fiéis e escravos apresentam-se duplamente vestidos,²⁴⁵ com as vestes de seu Filho e com as suas próprias; e é por isso que não têm porque temer o frio de Jesus Cristo, branco como a neve, enquanto os réprobos, despidos e desprovidos dos merecimentos de Jesus Cristo e da Santíssima Virgem, não o poderão suportar.²⁴⁶

207. 5º - E, por fim, consegue-lhes a bênção do Pai celeste, embora naturalmente a não devessem receber por não serem os primogênitos, mas apenas filhos adotivos. Com estas vestes inteiramente novas, preciosíssimas e muito perfumadas, e com o corpo e a alma bem preparados e dispostos, aproximam-se confiadamente do leito de repouso do Pai celeste. Ele ouve e reconhece-lhes a voz, que é a do pecador; apalpa-lhes as mãos, cobertas de peles; sente o aroma dos seus vestidos; come com prazer o que Maria, a Mãe deles, lhe preparou; e, reconhecendo neles os méritos e o bom odor de seu Filho e de sua santa Mãe: 1. dá-lhes a sua dupla bênção,²⁴⁷ ou seja: a bênção do orvalho do céu, isto é da graça divina, que é a semente da glória: “Deus abençoou-nos em Jesus Cristo com toda a bênção espiritual”;²⁴⁸ e a bênção da fecundidade da terra,²⁴⁹ ou seja, este Pai bondoso dá-lhes o pão quotidiano e uma suficiente abundância dos bens deste mundo; 2. fá-los senhores dos outros seus irmãos, os réprobos, embora esta primazia nem sempre se manifeste neste mundo que passa num instante, e onde quem domina são muitas vezes os réprobos: “Os pecadores se vangloriarão com discursos e se exaltarão...”²⁵⁰ Vi o ímpio exaltado e elevado”;²⁵¹ no entanto essa primazia não deixa de ser verdadeira e aparecerá manifesta no outro mundo, por toda a

245. Pr 31, 21.

246. Para melhor compreender estas imagens de Montfort, convém fazer referência ao contexto bíblico donde são tiradas: “Não teme a neve para os seus familiares, porque todos eles trazem roupa a dobrar. Faz para si cobertas, e os seus vestidos são de linho e púrpura” (Pr 31, 21-22).

247. Gn 27, 28.

248. Ef 1, 3.

249. Gn 27, 28.

250. Sl 94 (93), 3-4.

251. Sl 37 (36), 35.





eternidade, onde os justos, no dizer do Espírito Santo, dominarão e comandarão as nações: “Dominarão sobre as nações”,²⁵² 3. e a Majestade divina não se contenta só em abençoar as suas pessoas e os seus bens, mas estende a sua bênção ainda a todos quantos os abençoarem, e a maldição a todos quantos os amaldiçoarem e perseguirem.

2º Ela sustenta-os.

208. O segundo dever de caridade que a Santíssima Virgem cumpre para com os seus fiéis servos está em que os provê de tudo, para o corpo e para a alma. Dá-lhes vestes duplas, como acabamos de ver. Alimenta-os com os manjares escolhidos da mesa de Deus. Dá-lhes a comer o pão de vida que ela mesma formou: “Meus filhos - diz-lhes pela boca da Sabedoria - enchei-vos com os meus frutos”,²⁵³ isto é, o próprio Jesus, o fruto de vida, que eu dei à luz para vós. “Vinde, - repete-lhes noutro lugar, - comer o meu pão, que é Jesus, e beber o vinho do seu amor, que preparei para vós²⁵⁴ misturando-o com o leite do meu peito”.²⁵⁵ Por ser a tesoureira e a despenseira dos dons e graças do Altíssimo, prepara uma boa porção, direi mesmo a melhor, para alimentar e sustentar os seus filhos e servos. E estes serão engordados com o pão vivo e inebriados com o vinho que gera as virgens,²⁵⁶ “e serão levados ao colo, e serão acariciados sobre os joelhos”.²⁵⁷ Dá-lhes tanta facilidade em carregar o jugo de Jesus Cristo, que quase não lhe sentem o peso, por causa do óleo da devoção em que ela o faz apodrecer.²⁵⁸

3º - Guia-os.

209. O terceiro benefício que a Santíssima Virgem faz aos seus fiéis servos está em que ela os conduz e dirige segundo a vontade de seu Filho. Rebeca guiava seu filho Jacó e, de tempos a tempos, dava-lhe bons conselhos, fosse para atrair sobre ele a bênção de seu pai, fosse para o subtrair ao ódio e à perseguição de Esaú, seu irmão.

252. Sb 3, 8.

253. Eclo 24, 19.

254. Pr 9, 5.

255. Ct 5, 1.

256. Cf. Zc 9, 17.

257. Is 66, 12.

258. Cf. Is 10, 27.





Maria que é a estrela do mar, também conduz os seus fiéis servos a bom porto. Mostra-lhes os caminho da vida eterna e faz-lhes evitar os passos perigosos; leva-os pela mão nas veredas da justiça e sustenta-os, quando estão prestes a cair; e, quando caem, levanta-os; quando cometem faltas, repreende-os, qual mãe caridosa e, por vezes, chega mesmo a castigá-los amorosamente. Assim sendo, poderá porventura perder-se nos caminhos que levam à eternidade um filho que obedeça a Maria, a Mãe que lhe dá o alimento e sua guia iluminada? “Seguindo-a, diz São Bernardo, não há maneira de te perderes”.²⁵⁹ Não, não temais! Um verdadeiro filho de Maria não será enganado pelo maligno e não cairá em qualquer heresia formal.²⁶⁰ Ali onde Maria é guia, não há lugar nem para o demônio com as suas ilusões, nem para os hereges com as suas astúcias. “Quando ela te sustenta, não cairás”.²⁶¹

4º - Defende-os e protege-os.

210. O quarto benefício que a Santíssima Virgem presta a seus filhos e fiéis servos, é o de os defender e proteger contra os seus inimigos. Rebeca, com seus cuidados e diligências, livrou Jacó de todos os perigos por que passou e particularmente da morte que seu irmão Esaú lhe teria provavelmente provocado, como outrora Caim a seu irmão Abel, tanto era o ódio e a inveja que lhe tinha. Maria, a boa Mãe dos predestinados, abriga-os sob as asas da sua proteção, como a galinha aos seus pintainhos; fala-lhes, abaixa-se até eles, mostra condescendência diante de todas as suas fraquezas; envolve-os para os livrar do gavião e do abutre; acompanha-os “como esquadrão com bandeiras desfaldadas”.²⁶² Um homem rodeado por um exército bem disciplinado de cem mil homens, acaso poderá temer os seus inimigos? Ora, um fiel servo de Maria, rodeado pela sua proteção e pelo seu poder imperial, tem ainda menos a temer. Esta boa Mãe e poderosa Princesa dos céus, haveria de enviar batalhões de milhões de anjos em socorro de um só dos seus servos, antes que se pudesse jamais dizer que um fiel servo de Maria, que nela houvesse confiado, tivesse sucumbido ante a malícia, o número e a força dos seus inimigos.

259. Cf. VD 174.

260. Cf. VD 167.

261. VD 174.

262. Ct 6, 4.





5º - Intercede por eles.

211. Finalmente, o quinto e último grande bem que esta Mãe amável presta a seus fiéis devotos é o de interceder por eles junto de seu Filho; ela aplaca-o por meio de suas orações, une-os a ele com um laço muito íntimo e conserva-os nesta união.

Rebeca fez aproximar Jacó do leito de seu pai e este bom homem tocou-o, abraçou-o e até o beijou com alegria. Sentiu-se contente e saciado com a carne bem preparada que Jacó lhe trouxera, e tendo aspirado com grande prazer os preciosos perfumes das suas roupas, exclamou: “Eis que o perfume de meu filho é semelhante ao aroma dum campo fecundo que o Senhor abençoou”.²⁶³ Este campo fecundo, cujo perfume regozijou o coração do pai, mais não é do que o odor das virtudes e méritos de Maria, que é um campo cheio de graça onde Deus Pai semeou, qual grão de trigo dos eleitos, o seu Filho único.

Oh, como um filho perfumado pelo bom odor de Maria é bem acolhido por Jesus Cristo, Pai do século que há de vir!²⁶⁴ E como se une rápida e perfeitamente a ele! Tudo isso já atrás o mostramos mais demoradamente.

212. Além disso, depois de ter cumulado de favores os seus filhos e fiéis servos, depois de lhes ter obtido a bênção do Pai celeste e a união com Jesus Cristo, conserva-os em Jesus Cristo, e Jesus Cristo neles; guarda-os e vela sempre por eles, não venham eles a perder a graça de Deus e a cair nas ciladas do inimigo: “Ela guarda os santos na plenitude” e fâ-los nela perseverar até ao fim, como vimos.²⁶⁵

Eis aí a explicação desta grande e antiga figura da predestinação e da condenação, tão desconhecida e tão cheia de mistérios.

263. Gn 27, 27.

264. Cf. Is 9, 6.

265. Cf. VD 173-182.





CAPÍTULO V

OS EFEITOS MARAVILHOSOS QUE ESTA DEVOÇÃO PRODUZ NUMA ALMA QUE LHE É FIEL

1º Conhecimento e desprezo de si mesmo.

213. Meu querido irmão, convence-te de que, se fores fiel às práticas interiores e exteriores que te indicarei mais adiante, conhecerás, pela luz que o Espírito Santo te dará por intermédio de Maria, sua querida esposa, o teu fundo mau, a tua corrupção e incapacidade para todo bem, se não for Deus o princípio enquanto autor da natureza e da graça. Em consequência deste conhecimento, te desprezarás e não pensarás em ti mesmo senão com horror. Te considerarás como um caracol que tudo estraga com a sua baba, ou como um sapo que tudo envenena com a sua peçonha, ou como uma serpente maliciosa que só se preocupa em enganar. Porém, a humilde Maria te comunicará a sua profunda humildade e fará com que te desprezes a ti mesmo, mas não os demais, e amarás o próprio desprezo.²⁶⁶

2º - Participação da fé de Maria.

214. A Santíssima Virgem tornar-te-á participante da sua fé, que, na terra, foi maior que a de todos os patriarcas, profetas, apóstolos e que a de todos os santos. Agora que reina nos céus, já não tem esta fé, pois vê claramente todas as coisas em Deus, pela luz da glória; no entanto, por beneplácito do Altíssimo, não perdeu a sua fé²⁶⁷ ao entrar na glória, mas conservou-a para que seja guardada na Igreja militante, nos seus mais fiéis servos e servas. Por isso, quanto mais benevolência granjeares desta augusta Princesa e Virgem fiel, mais fé pura acharás na tua conduta: uma fé pura que fará com que não te preocupes mais com o que é sensível e extraordinário; uma fé viva e animada pela caridade, que te levará a fazer tudo unicamente movido pelo puro amor; uma fé firme e inquebrantável como um rochedo, que te fará permanecer constante e firme no meio das tempestades e tormentas; uma fé ativa e penetrante, que, como uma misteriosa chave-mestra, te dará

266. Cf. *A Imitação de Cristo*, L. 1, c. 2.

267. Cf. VD 34.





entrada em todos os mistérios de Jesus Cristo, nos fins últimos do homem, e até no coração do próprio Deus; uma fé corajosa, que, sem que hesites, te fará empreender e levar a bom porto grandes coisas por Deus e pela salvação das almas; enfim, uma fé que será o teu archote luminoso, a tua vida divina, o teu tesouro escondido da divina Sabedoria, e a tua arma poderosa de que te servirás para iluminar os que estão nas trevas e sombras da morte, para abrasar os que são tíbios e que precisam do ouro ardente da caridade, para dar vida aos que estão mortos pelo pecado, para tocar e revolver, com as tuas palavras doces e poderosas, os corações de mármore e os cedros do Líbano e finalmente para resistir ao demônio e a todos os inimigos da salvação.

3º - Graça do puro amor.

215. Esta Mãe do belo amor tirará do teu coração todo escrúpulo e todo o temor servil desregrados; abri-lo-á e dilatá-lo-á para que possa correr segundo os mandamentos de seu Filho, com a santa liberdade dos filhos de Deus, e para infundir nele esse puro amor de que ela possui o tesouro. De maneira que já não procederás, como até aqui, por temor de Deus, que é caridade, mas por puro amor. Olhá-lo-ás como teu Pai bondoso, a quem procurarás agradar incessantemente, com quem falarás confiadamente, como um filho fala a seu bom pai. Se, por infelicidade, vieres a ofendê-lo, humilhar-te-ás imediatamente diante dele, pedir-lhe-ás humildemente perdão, estender-lhe-ás a mão com simplicidade, e levantar-te-ás amorosamente, sem qualquer perturbação ou inquietação, e continuarás a caminhar para ele sem desânimo.

4º - Grande confiança em Deus e em Maria.

216. A Santíssima Virgem inculcar-te-á uma grande confiança em Deus e nela própria:

- Porque já não te aproximarás de Jesus por ti mesmo, mas sempre através desta boa Mãe.

- Porque, tendo-lhe tu dado todos os teus méritos, graças e satisfações, para que ela deles disponha como lhe aprouver, ela mesma te comunicará as suas virtudes e te revestirá de seus méritos, de sorte que poderás dizer então com toda a confiança a Deus: “Eis aqui Maria, a vossa serva; que se faça em mim segundo a vossa palavra”.²⁶⁸

268. Lc 1, 38.





- Porque te deste inteiramente, de corpo e alma, a Maria que é liberal com os que usam de liberalidade, e até mais liberal que os próprios liberais, em contrapartida, entregar-se-á a ti duma maneira maravilhosa, mas verdadeira. Desta maneira poderás dizer-lhe com ousadia: “Eu sou vosso, Virgem Santíssima, salvai-me”,²⁶⁹ ou (como já disse mais acima), com o discípulo amado: “Eu recebi-vos, santa Mãe, como toda a minha riqueza”.²⁷⁰

Poderás dizer ainda com São Boaventura: “Minha querida Senhora e Salvadora, agirei com confiança e sem nada temer, porque vós sois a minha força e o meu louvor no Senhor!... Eu sou todo vosso, e tudo o que tenho, vos pertence, ó Virgem gloriosa e bendita sobre todas as coisas criadas, que eu vos ponha como um selo sobre o meu coração²⁷¹ porque o vosso amor é forte como a morte”.²⁷² Poderás dizer a Deus, com os sentimentos do Profeta: “Senhor, nem o meu coração nem os meus olhos têm motivo algum para se elevar e orgulhar, nem para buscar coisas grandes e maravilhosas; e mesmo assim, não sou ainda humilde, mas levantei e animei a minha alma pela confiança. Sou como uma criança já desmamada dos prazeres da terra e apoiada sobre o colo da minha mãe, e é neste colo que sou cumulado de bens”.²⁷³

- Porque aumentará ainda mais a tua confiança nela o fato de que a fizeste depositária de tudo o que tens de bom, para que o guarde ou dê aos outros, por isso confiarás menos em ti mesmo e mais nela, que é o teu tesouro. Oh! Que confiança e que consolação para um alma poder dizer que o tesouro de Deus, no qual guardou tudo quanto tem de mais precioso, é também seu! Como diz um santo: “Ela é o tesouro do Senhor”.²⁷⁴

269. SI 119 (118), 94.

270. Cf. VD 179.

271. Ct 8, 6.

272. São Boaventura (inter opera), *Psalt. Majus*. Montfort propõe (VD 233, 266) que se renove a consagração a Maria com as citadas palavras (em latim) de São Boaventura: “*Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt, o Virgo gloriosa, super omnia benedicta*”. O Papa João Paulo II - que reconhece em Montfort um dos santos “que mais influência tem tido na sua vida”, como afirmou a 1/6/1980: “Compraz-me em escrever a própria consagração a Maria com as mesmas palavras: “*Totus tuus...*”.

273. SI 131 (130), 1-2.

274. “*Ipsa est thesaurus Domini*”. Raimundo Jordão, *Piae lectiones seu contemplationes*, in proem. (Bourassé, *Summa aurea*, vol. 4, 851-852).





5º - Comunicação da alma e do espírito de Maria.

217. A alma da Santíssima Virgem comunicar-se-á a ti para glorificar o Senhor, e o seu espírito ocupará o lugar do teu para se regozijar em Deus, seu Salvador, se fores fiel às práticas desta devoção. “Que a alma de Maria esteja em cada um de nós para glorificar o Senhor; que o espírito de Maria esteja em cada um de nós para se alegrar em Deus”,²⁷⁵ Ah, quando chegará esse tempo abençoado - assim diz um santo homem dos nossos dias, todo perdido em Maria²⁷⁶ - em que Maria Santíssima será constituída como Senhora e Soberana dos corações, para os submeter plenamente ao império do seu grande e único Jesus? Quando chegará o dia em que as almas respirarão Maria como os corpos respiram o ar? Quando esse dia chegar, acontecerão coisas maravilhosas neste pobre mundo, porque então, o Espírito Santo, encontrando a sua amada Esposa como que reproduzida nas almas, descerá abundantemente sobre elas e enchê-las-á de seus dons, em particular do dom da sabedoria, para nelas operar maravilhas de graça. Sim, meu querido irmão, quando chegará esse tempo feliz, essa era de Maria, em que muitas almas escolhidas, por ela obtidas do Altíssimo, perdendo-se voluntariamente no abismo das suas entranhas, se tornarão cópias vivas de Maria, para amar e glorificar Jesus Cristo? Esse tempo só virá quando a devoção que ensino for conhecida e praticada: “Para que venha o vosso reino, venha o reino de Maria”.²⁷⁷

6º - Transformação das almas em Maria à imagem de Jesus Cristo.

218. Se a árvore da vida, que é Maria, for bem cultivada na nossa alma, pela fidelidade às práticas desta devoção, dará fruto em ti a seu tempo, e esse fruto não é outro senão Jesus Cristo. Vejo tantos devotos e devotas que buscam Jesus Cristo, uns por uma via e por uma prática, outros por outra, mas acontece com frequência que, depois de terem trabalhado muito durante a noite, podem ainda dizer: “Mestre, trabalhamos a noite inteira e não pescamos nada”.²⁷⁸ E nós poderíamos dizer-lhes: “Trabalhastes muito e ganhastes pou-

275. Santo Ambrósio, *Expos. In Luc II*, n. 26, PL 15, 1642. Cf. VD 258; cf. SM 54.

276. Montfort deve provavelmente referir-se ao Pe. Rigoleuc, sacerdote com fama de santidade e muito mariano.

277. Trata-se duma expressão provavelmente criada por Montfort e que resume todo o seu pensamento em relação à missão de Maria.

278. Lc 5, 5.





co. Jesus Cristo é ainda muito fraco em vós”. Mas no caminho imaculado de Maria e por esta prática divina que ensino, trabalha-se de dia, trabalha-se num lugar santo e trabalha-se pouco. Em Maria jamais há noite, pois não houve nela qualquer pecado, nem mesmo a menor das sombras. Maria é um lugar santo, o Santo dos santos, onde os santos são formados e moldados.

219. Peço-te que tomes nota disto que te digo: os santos são moldados em Maria.

Há grande diferença entre fazer uma imagem em relevo, a golpes de martelo e de cinzel, e fazer uma imagem lançando-a num molde. Os escultores e estatuários trabalham muito para fazer imagens do primeiro modo, e precisam de muito tempo; mas para as fazer da segunda maneira, trabalha-se pouco e fazem-nas rapidamente. Santo Agostinho chama a Santíssima Virgem, *o molde de Deus*: a forma própria para formar e moldar deuses.²⁷⁹ “Sois digna de ser chamada o molde de Deus”.²⁸⁰ Quem for lançado neste molde divino, depressa será formado e moldado em Jesus Cristo e Jesus Cristo nele: com poucos encargos e em pouco tempo, ele tornar-se-á deus, já que será lançado no mesmo molde que serviu para formar um Deus.

220. Parece-me que posso muito bem comparar os diretores espirituais e as pessoas devotas que pretendam formar Jesus Cristo em si ou nos outros por meio de práticas diferentes desta que estou a expor, a escultores que pondo a sua confiança no seu engenho, habilidade e arte, dão uma infinidade de golpes de martelo e cinzel numa pedra dura ou num pedaço de madeira mal polida, para deles fazerem a imagem de Jesus Cristo. Por vezes não conseguem representar Jesus Cristo ao natural, quer por falta de conhecimento e experiência da pessoa de Jesus Cristo, quer por qualquer golpe mal dado que vem estragar a obra. Aqueles, porém, que abraçam este segredo da graça que lhes apresento, comparo-os, com razão, a fundidores e moldadores que acharam o belíssimo molde que é Maria, no qual Jesus Cristo foi natural e divinamente formado, e sem se fiarem no próprio engenho, mas unicamente na bondade do molde, lançam-se e perdem-se em Maria, para se tornarem o retrato de Jesus Cristo tal qual ele é na vida real.

279. Texto latino: “Si formam Dei te appellem, digna existis”. Cf. SM 16, nota 13.

280. É apenas uma expressão para significar a “união com Deus”, a “transformação em Deus”, como se encontra igualmente em SI 82 (81), 6.





221. Ó bela e verdadeira comparação! Mas, quem a compreenderá? O meu desejo é que sejas tu, meu querido irmão! Mas nunca esqueças: só se lança no molde o que está fundido e líquido; isto significa que tens de destruir e fundir em ti o velho Adão, para que, em Maria, te transformes no novo.

7º - A maior glória de Jesus Cristo.

222. Com esta prática, fielmente observada, darás a Jesus Cristo mais glória num mês, do que por qualquer outra, embora mais difícil, em muitos anos. Eis os motivos do que acabo de afirmar:

a) - Porque, fazendo as tuas ações por meio da Santíssima Virgem, como esta prática ensina, renunciarás às tuas próprias intenções e operações, ainda que boas e conhecidas, para, digamos assim, te perderes nas da Santíssima Virgem, muito embora te sejam desconhecidas. Deste modo entrarás a participar da sublimidade das suas intenções, que sempre foram tão puras que ela glorificou mais Deus com a menor de suas obras (p.e. fiar na sua roca ou dar alguns pontos de agulha), do que São Lourenço pelo cruel martírio que sofreu na grelha, e mais até do que todos os santos com as suas mais heróicas ações. Por isso, durante a sua permanência na terra, ela adquiriu uma plenitude inefável de graças e méritos, que seria mais fácil contar as estrelas do céu, as gotas de água do mar ou os grãos de areia da praia, do que os seus méritos e graças. Por isso também, ela deu mais glória a Deus do que alguma vez lhe deram ou virão a dar todos os anjos e santos. Ó prodígio de Maria! Só maravilhas de graça sois capaz de realizar nas almas que querem verdadeiramente perder-se em vós.

223. b) - Porque esta prática faz com que uma alma considere como nada tudo o que ela mesma pensa ou possa fazer de si própria. Busca o seu apoio e a sua complacência apenas nas disposições de Maria, a fim de se aproximar de Jesus Cristo, e até mesmo para lhe poder falar. Assim fazendo mostra muito mais humildade do que as almas que agem por si próprias e que se apoiam nas suas próprias disposições, onde acabam por depositar uma complacência imperceptível. Por consequência, essa alma dá muito mais glória a Deus, que só pode ser perfeitamente glorificado pelos humildes e pequenos de coração.

224. c) - Porque, querendo a Santíssima Virgem, movida por uma grande caridade, receber a oferta das nossas ações em suas mãos virginais, dá-lhes





uma beleza e um esplendor admiráveis e é ela mesma que as vai oferecer a Jesus Cristo. Não há dúvida de que Nosso Senhor é assim mais glorificado do que se se fôssemos nós a oferecê-las com as nossas mãos criminosas.

225. d) - Finalmente, porque não há ocasião em que, pensando tu em Maria, ela não pense em ti em Deus, ou em que, louvando e honrando tu Maria, ela não louve e não honre a Deus contigo. Maria é toda ela relativa a Deus,²⁸¹ e bem poderíamos dizer ser ela a relação de Deus, porque ela só existe em relação a Deus, ou o eco de Deus, que não diz e não repete senão Deus. Se tu dizes Maria, ela diz Deus. Santa Isabel louvou-a e chamou-a bem-aventurada por ter acreditado; ao que Maria - o eco fiel de Deus - respondeu entoando: “A minha alma glorifica o Senhor”. O que Maria fez nessa ocasião, repete-o todos os dias. Sempre que a louvamos, amamos e honramos ou lhe damos alguma coisa, é a Deus que louvamos, amamos e honramos, e damos a Deus a nossa oferta por Maria e em Maria.

CAPÍTULO VI

PRÁTICAS PARTICULARES DESTA DEVOÇÃO

1º - Práticas Exteriores.

226. Embora o essencial desta devoção esteja no interior, nem por isso ela deixa de ter várias práticas exteriores, que importa não negligenciar. “É preciso fazer isto, mas não omitir aquilo”,²⁸² quer porque as práticas exteriores bem feitas ajudam as interiores, quer porque relembram ao homem, que sempre se guia pelos sentidos, o que fez ou o que deve fazer, quer ainda por serem próprias para edificar os que as veem, o que não sucede com as práticas puramente interiores. Portanto, que nenhum mundano ou crítico venha aqui meter o nariz para dizer que a verdadeira devoção está no coração, que é preciso evitar as exterioridades, que pode haver nisso vaidade, que é preciso esconder a própria devoção, etc... Respondo-lhes com o meu Mestre: “Que os homens vejam as vossas obras boas, e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus”.²⁸³ Não

281. Paulo VI (21/11/1964): “Maria, a humilde serva do Senhor, é toda relativa a Deus e a Cristo”.

282. Mt 23, 23.

283. São Gregório Magno, *Hom. 2 in Evang.*, n. 1, PL 76, 1115.





é que devamos praticar os nossos atos e devoções exteriores, como diz São Gregório, para agradar aos homens e tirar daí algum motivo de louvor, isso seria vaidade; mas acontece por vezes, que os pratiquemos diante dos homens, com o fim de agradar a Deus e de fazer com que ele seja glorificado por esse fato, sem nos preocuparmos com os desprezos ou os louvores dos homens.

Mencionarei apenas aqui resumidamente algumas dessas práticas exteriores, que não chamo exteriores porque as façamos sem devoção interior, mas porque há nelas qualquer coisa de exterior, que as distingue das que são puramente interiores.

1 - CONSAGRAÇÃO DEPOIS DE EXERCÍCIOS PREPARATÓRIOS

227. Primeira prática:

Esta devoção particular da entrega total não está erigida em confraria,²⁸⁴ embora isso fosse desejável. Ora, aqueles e aquelas que quiserem seguir esta devoção, primeiro passarão pelo menos doze dias a esvaziarem-se do espírito do mundo, contrário ao de Jesus Cristo, como tive ocasião de indicar na primeira parte desta preparação para o Reino de Jesus Cristo, depois dedicarão três semanas a encherem-se de Jesus Cristo por meio da Santíssima Virgem.

Eis aqui a ordem que poderão observar.²⁸⁵

228. Durante a primeira semana, aplicarão todas as suas orações e atos de piedade a pedir o conhecimento de si mesmos e a contrição pelos seus pecados, e farão tudo em espírito de humildade. Para isso, se quiserem, poderão meditar naquilo que já disse acerca de termos um mau fundo,²⁸⁶ e considerar-se, durante os seis dias desta semana, apenas como meros caracóis, lesmas, sapos, porcos, serpentes, bodes; ou então, poderão meditar nestas três palavras de São Bernardo: “Pensa no que foste, um pouco de lama; no

284. Em 1899, em Ottawa, foi instituída por Mgr. Duhamel a primeira *Confraria de Maria Rainha dos Corações*. Em 1913, o Papa Pio X declara-a *Arquiconfraria*, com sede em Roma. Em 1956 a Santa Sé aprova os novos estatutos.

285. Com estes números 228-234 Montfort quer apenas dar um exemplo - para Montfort talvez o melhor - de preparação à consagração; no entanto, a própria pessoa pode muito bem escolher outra forma de se preparar, por exemplo, participando nalgum retiro com incidência na espiritualidade mariana, ou até fazendo algum retiro individual.

286. Cf. VD 78-79.





que és, um pouco de estrume; no que serás, alimento de vermes”.²⁸⁷ Pedirão a Nosso Senhor, e ao seu Espírito Santo que os ilumine, repetindo as palavras: “Senhor, que eu veja”,²⁸⁸ ou “Que eu me conheça a mim mesmo”,²⁸⁹ ou “Vinde, Espírito Santo”; e rezarão todos os dias a ladainha do Espírito Santo, com a oração que se lhe segue, tal como aparece na primeira parte desta obra. Recorrerão à Santíssima Virgem, pedindo-lhe esta grande graça, que deve ser o fundamento de todas as outras, e por isso dirão todos os dias o “Ave Estrela do mar” e a sua ladainha.

229. Na segunda semana aplicar-se-ão em todas as suas orações e obras de cada dia, a conhecer a Santíssima Virgem. Pedirão este conhecimento ao Espírito Santo, podendo ler e meditar sobre o que já dissemos. Rezarão, como na primeira semana, a ladainha do Espírito Santo e o “Ave Estrela do mar” acrescentando um rosário cada dia ou, pelo menos, um terço, por essa intenção.

230. Empregarão a terceira semana para conhecer Jesus Cristo. Poderão ler e meditar o que a este respeito dissemos, e recitar a oração de Santo Agostinho, que vem no princípio desta segunda parte.²⁹⁰ Poderão dizer e repetir, com o mesmo santo, cem e mais vezes ao dia: “Senhor, que eu vos conheça”; ou então: “Senhor, fazei que eu veja quem vós sois”. Rezarão, como nas semanas precedentes, a ladainha do Espírito Santo e o “Ave Estrela do mar”, e acrescentarão todos os dias a ladainha de Jesus.

231. No fim dessas três semanas, confessar-se-ão e comungarão pela intenção de se darem a Jesus Cristo, na qualidade de escravos de amor, pelas mãos de Maria. Depois da comunhão, que se esforçarão por fazer segundo o método abaixo indicado,²⁹¹ recitarão a fórmula da consagração, que também encontrarão mais adiante.²⁹² Deverão escrevê-la ou mandá-la escrever se não estiver impressa, e assiná-la no mesmo dia em que vierem a fazer a consagração.²⁹³

287. São Bernardo, (inter opera) *Meditationes piissimae de cognitione humanae conditionis*, c. 3, n. 8, PL 184, 490 B.

288. Lc 18, 41.

289. Santo Agostinho, *Soliloquia*, L. 2, c. 1 (Gaume, Paris 1836, t. 1, par. 1, p. 619; (PL 32, 885): “Deus semper idem, noverim me, noverim te”.

290. VD 67.

291. Cf. VD 266-273.

292. ASE 223-227.

293. Montfort tinha por costume, no fim das suas missões, de fazer assinar um “Contrato de Aliança”, cujos elementos essenciais passaram para a fórmula do ato de consagração.





232. Será bom que nesse dia paguem algum tributo a Jesus Cristo e a sua Santíssima Mãe, seja para penitência da sua passada infidelidade às promessas do batismo, seja para protestar a sua dependência do domínio de Jesus e de Maria. Ora, esse tributo será segundo a devoção e a capacidade de cada um: poderá ser um jejum, uma mortificação, uma esmola, uma vela; e ainda que mais não dessem do que um alfinete a título de homenagem, mas de bom coração, isso bastaria para Jesus, que só olha à boa vontade.

233. Uma vez por ano, pelo menos, renovarão essa mesma consagração, no mesmo dia em que a fizeram, observando essas mesmas práticas durante três semanas. Até poderão renovar tudo isso que fizeram, todos os meses ou todos os dias, com estas breves palavras: “Eu sou todo vosso e tudo o que tenho vos pertence, ó meu amável Jesus, por Maria, vossa santa Mãe”.²⁹⁴

2 - RECITAÇÃO DA PEQUENA COROA DA SANTÍSSIMA VIRGEM

234. Segunda prática:

Rezarão diariamente durante toda a vida, mas sem a isso se obrigarem, a *Pequena Coroa da Santíssima Virgem*. Esta compõe-se de três *Pai Nossos* e doze *Ave Marias*, em honra dos doze privilégios e grandezas da Santíssima Virgem. Esta prática é muito antiga e funda-se na Sagrada Escritura. São João viu uma mulher coroada de doze estrelas,²⁹⁵ revestida de sol e tendo a lua debaixo dos seus pés. Segundo os intérpretes, esta mulher é a Santíssima Virgem.

235. Há várias maneiras de rezá-la bem, e seria demasiado longo mencioná-las. O Espírito Santo irá ensiná-las aos que mais fiéis forem a esta devoção. No entanto, uma maneira muito simples de rezá-la consiste em dizer ao começar: “Permiti que vos louve, ó Virgem Santíssima, e dai-me força contra os vossos inimigos”.²⁹⁶ Em seguida, reza-se o *Creio*, depois um *Pai Nosso*, quatro *Ave Marias*, e um *Glória*; e novamente um *Pai Nosso*, quatro *Ave Marias*, e assim por diante. E termina-se então, dizendo: “*Sob a vossa proteção*”.

294. Fórmula que se inspira em São Boaventura em (*Opera omnia*): “Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt”.

295. Ap 12, 1.

296. Texto latino: “Dignare me laudare te, Virgo sacrata, da mihi virtutem contra hostes tuos”.





3 - O USO DE PEQUENAS CORRENTES DE FERRO

236. Terceira prática.

É muito louvável, e motivo de grande glória, além de ser muito útil para os que se tornaram escravos de Jesus em Maria, que usem umas pequenas correntes de ferro. Estas serão para eles um sinal da sua escravidão de amor, e serão benzidas com uma bênção própria para o efeito, abaixo indicada.²⁹⁷

Estes sinais exteriores não são, na verdade, essenciais, e pode-se muito bem passar sem eles, ainda que se tenha abraçado esta devoção. No entanto, não posso impedir-me de louvar vivamente aqueles e aquelas que, depois de terem arremessado as cadeias vergonhosas da escravidão do demônio em que os tinha envolto o pecado original e, talvez, os pecados atuais, se submeteram voluntariamente à gloriosa escravidão de Jesus Cristo, gloriando-se agora com São Paulo, de estarem a ferros e acorrentados por amor de Jesus Cristo.²⁹⁸ Estas correntes, embora de ferro e sem brilho algum, são mil vezes mais gloriosas e preciosas do que todos os colares de ouro dos imperadores.

237. Houve um tempo em que nada havia de mais infame do que a cruz, presentemente esse madeiro é o que há de mais glorioso no cristianismo. O mesmo se diga dos ferros da escravidão. Entre os antigos e, ainda hoje entre os pagãos, não havia e nem há nada de mais ignominioso; mas para os cristãos não há nada de mais ilustre do que estas cadeias de Jesus Cristo, porque nos livram e preservam dos infames laços do pecado e do demônio; dão-nos a liberdade e ligam-nos a Jesus e a Maria, não por imposição e força, como forçados, mas pela caridade e pelo amor, como filhos: “Eu atraí-os com laços de amor”,²⁹⁹ diz Deus pela boca dum profeta. Estas correntes são, por conseguinte, fortes como a morte e de certo modo, até mais fortes do que ela, para aqueles que forem fiéis em usar estes gloriosos sinais até à morte. Pois, embora a morte venha a destruir os seus corpos, reduzindo-os à podridão, não destruirá os laços da sua escravidão, que, por serem de ferro, não se corrompem facilmente; e talvez que no dia da ressurreição dos corpos, no grande dia do juízo final, tais cadeias, que lhes ligarão ainda os ossos,

297. Embora não sendo essencial, Montfort aconselha os consagrados a trazerem um sinal externo que lhes lembre a sua consagração e que são propriedade de Jesus Cristo, por Maria. Esse sinal exterior pode muito bem ser uma medalha de Nossa Senhora, ou um fio ao pescoço, ou uma pulseira, objetos esses que deverão ser benzidos por um sacerdote.

298. Ef 3, 1; Fm 1, 9.

299. Os 11, 4.





venham a ser uma parte da sua glória, transformando-se em correntes de luz e de glória. Felizes, portanto, mil vezes felizes, os ilustres escravos de Jesus em Maria, que levarem as suas correntes até à sepultura!

238. Eis as razões por que se usam estas pequenas correntes:

a). Para que o cristão se lembre dos votos e promessas do seu batismo. Para que se recorde da renovação perfeita que deles fez, por meio desta devoção e a estreita obrigação que sobre ele recai de lhes ser fiel. Como o homem se deixa conduzir frequentemente, mais pelos sentidos do que pela pura fé, é fácil que se esqueça das suas obrigações para com Deus, se não houver qualquer coisa exterior que lhas faça lembrar. É por isso que estas pequenas correntes servem maravilhosamente para lembrar ao cristão as cadeias do pecado e da escravidão do demônio, de que o batismo o libertou, e da dependência de Jesus Cristo a que se votou pelo santo batismo, e da ratificação que dela fez ao renovar as suas promessas. Ora, uma das razões por que tão poucos cristãos pensam nas promessas do santo batismo e vivem com tanta libertinagem, como pagãos, isto é, como se nada tivessem prometido a Deus, está em que não trazem consigo nenhum sinal exterior que os faça lembrar de tais promessas.

239. b). Para mostrar que não nos envergonhamos de ser escravos e servos de Jesus Cristo, e que renunciamos à funesta escravidão do mundo, do pecado e do demônio.

c). Para nos preservarem e garantirem contra as cadeias do pecado e do demônio. Pois, com efeito, ou bem que carregamos as cadeias da iniquidade, ou bem que carregamos as cadeias da caridade e da salvação.

240. Ah! Meu querido irmão! Quebrems as cadeias dos pecados e dos pecadores, do mundo e dos mundanos, do demônio e dos seus seguidores e lancemos para longe de nós o seu jugo funesto: “Quebrems as suas cadeias, lancemos para longe de nós o seu jugo”.³⁰⁰ Para me servir das palavras do Espírito Santo, metamos sim os nossos pés nos seus grilhões gloriosos e o nosso pescoço nos seus colares: “Mete os teus pés nos seus grilhões e o teu pescoço no seu jugo”.³⁰¹ Submetamos os nossos ombros e carreguemos a Sabedoria, que é Jesus Cristo, e não nos aborreçam as suas cadeias: “Inclina o ombro e carrega-a, sem te irritares com as suas amarras”.³⁰² Notarás que antes de dizer estas palavras, o Espírito Santo vai preparando a alma, para que ela não venha

300. Sl 2, 3.

301. Eclo 6, 24.

302. Eclo 6, 25.





a rejeitar este importante conselho; eis aqui as suas palavras: “Escuta, meu filho, aceita a minha opinião e não rejeites o meu conselho”.³⁰³

241. Permite-me, meu querido amigo, que eu me una ao Espírito Santo para te dar o mesmo conselho: “As suas cadeias são cadeias de salvação”.³⁰⁴ Jesus Cristo, do alto da cruz, deve atrair tudo a si, de bom ou mau grado; da mesma maneira atrairá os réprobos pelas correntes de seus pecados, a fim de os acorrentar, qual forçados e demônios, à sua ira eterna e à sua justiça vingadora; mas nestes últimos tempos, atrairá em particular os predestinados com correntes de caridade: “Atrairéi todos a Mim”.³⁰⁵ “Eu atraí-os com laços de amor”.³⁰⁶

242. Estes escravos de amor de Jesus Cristo ou prisioneiros de Jesus Cristo,³⁰⁷ poderão usar as suas correntes ao pescoço, nos braços, à cintura ou nos pés. O Padre Vicente Caraffa, sétimo Geral da Companhia de Jesus, que faleceu em odor de santidade em 1643, trazia uma argola de ferro nos pés como sinal da sua servidão, e dizia que lamentava não poder arrastar publicamente as suas correntes. A Madre Inês de Jesus, de quem já falamos, usava uma corrente de ferro à volta da cintura. Outras pessoas houve que a usaram ao pescoço, como penitência pelos colares de pérolas que tinham usado no mundo. Outras ainda, usaram-na nos braços, para se lembrarem, no meio dos seus trabalhos manuais, de que eram escravos de Jesus Cristo.

4 - DEVOÇÃO ESPECIAL AO MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO

243. Quarta prática.

Terão especial devoção ao grande mistério da Encarnação do Verbo, celebrado no dia 25 de março. É o mistério próprio desta devoção, visto que ela foi inspirada pelo Espírito Santo: primeiro, para honrar e imitar a inefável dependência que o Filho de Deus quis ter de Maria, para glória de Deus seu Pai e para nossa salvação; dependência esta que se manifesta particularmente neste mistério, no qual Jesus Cristo se encontra prisioneiro e escravo no seio de Maria Santíssima, e dela dependente em tudo; segundo, para agradecer a Deus as graças incomparáveis que deu a Maria, e particularmente por tê-la escolhido

303. Eclo 6, 23.

304. Eclo 6, 31 (segundo a Vulgata).

305. Jo 12, 32.

306. Os 11, 4.

307. Ef 3, 1.





para sua tão digna Mãe, escolha que se realizou por meio deste mistério. São estes os dois fins principais da escravidão de Jesus Cristo em Maria.

244. Repara, por favor, que digo habitualmente: “escravo de Jesus em Maria, escravidão de Jesus em Maria”. Pode realmente dizer-se, como muitos o fizeram até aqui: “escravo de Maria e escravidão de Maria”. Julgo, porém, que seja melhor dizer “escravo de Jesus em Maria”, tal como aconselhou o padre Tronson, superior geral do Seminário de São Sulpício, bem conhecido pela sua rara prudência e piedade exímia, a um eclesiástico que o consultava sobre este assunto.³⁰⁸ Eis aqui as razões:

245. a). Vivemos num século orgulhoso, onde se pode encontrar um grande número de sábios soberbos, espíritos acérrimos e críticos que acham por bem pôr em questão as práticas de piedade mais bem fundadas e mais sólidas, a fim de lhes não dar ocasião de crítica, sem necessidade, vale mais dizer “escravidão de Jesus Cristo em Maria”, e que alguém se diga “escravo de Jesus Cristo,” em vez de “escravo de Maria”. Assim denomina-se esta devoção mais de acordo com o seu fim último, que é Jesus Cristo, e menos do caminho e do meio para chegar a esse fim, que é Maria, ainda que, na verdade, possamos usar, sem escrúpulos, ambas as denominações, como eu mesmo faço. Por exemplo, um homem que vai de Orléans a Tours pelo caminho de Amboise, pode muito bem dizer que vai a Amboise, e que vai a Tours; que é viajante para Amboise e para Tours; com esta diferença, porém, que Amboise mais não é do que o caminho direto para ir a Tours; e que só Tours é o seu fim último e a meta da sua viagem.

246. b). O principal mistério que se celebra e honra nesta devoção é o mistério da Encarnação, onde não podemos ver Jesus Cristo senão em Maria, e encarnado no seu seio. Por isso vem mais a propósito que digamos: “escravidão de Jesus em Maria”, de Jesus habitando e reinando em Maria, conforme a bela oração de tantos homens célebres: “Ó Jesus, que viveis em Maria, vinde e vivei em nós, com o vosso espírito de santidade, etc.”.³⁰⁹

308. Luís Tronson (1622-1700), foi terceiro superior do Seminário de São Sulpício, consultado por Montfort quando este era ainda seminarista.

309. Trata-se de uma oração do tempo de Montfort: “Ó Jesus, que viveis em Maria, vinde viver na alma dos vossos servos, no vosso espírito de santidade, na plenitude de vossos dons, na perfeição de vossos caminhos, na verdade de vossas virtudes, na comunhão de vossos mistérios. Reinai em nós sobre todas as potências inimigas: o mundo, o demônio e a carne, na força do vosso Espírito, para a glória do Pai. Amém.”





247. c). Este modo de falar mostra mais claramente a união íntima que existe entre Jesus e Maria. Estão eles tão intimamente unidos, que um está inteiramente no outro: Jesus está inteiramente em Maria, e Maria inteiramente em Jesus; ou melhor, Maria já não existe, é Jesus unicamente que existe nela. Seria mais fácil separar a luz do sol, do que separar Maria de Jesus. De maneira que se pode dar a Nosso Senhor o nome de Jesus de Maria, e à Santíssima Virgem o de Maria de Jesus.

248. Por falta de tempo não poderei deter-me aqui para explicar as excelências e grandezas deste mistério de Jesus vivendo e reinando em Maria, ou mistério da Encarnação do Verbo. Por isso, limito-me a dizer em duas palavras que este é o primeiro dos mistérios de Jesus Cristo, o mais escondido, o mais elevado e o menos conhecido. Foi neste mistério que, de acordo com Maria, Jesus escolheu todos os eleitos, escondido no seu seio, que, por isso, os santos apelidaram de “sala dos segredos divinos”.³¹⁰ Foi neste mistério que Jesus operou todos os mistérios da sua vida que se seguiram, pela sua aceitação que aí lhes acordou: “Jesus, entrando no mundo, diz: eis que venho, ó Deus, para fazer a tua vontade”,³¹¹ um mistério, por conseguinte, que é um resumo de todos os outros mistérios, que nele encerra a vontade e a graça de todos os outros.

Este mistério, finalmente, é o trono da misericórdia, da liberalidade e da glória de Deus. É trono da sua misericórdia para conosco, porque não podemos aproximar-nos de Jesus nem falar-lhe senão por Maria; não podemos ver a Jesus nem falar-lhe senão por intermédio de Maria. E Jesus, que sempre atende a sua querida Mãe, aí concede a sua graça e misericórdia aos pobres pecadores: “Aproximemo-nos do trono da graça com plena confiança”.³¹²

É ainda o trono da sua liberalidade para com Maria, porque, enquanto o novo Adão permaneceu neste verdadeiro paraíso terrestre, operou aí tantas maravilhas em segredo, que nem os anjos nem os homens as podem compreender. Por isso os santos chamam a Maria “a magnificência de Deus”, como se Deus só em Maria fosse magnífico.³¹³ É também o trono da sua glória dada ao Pai, porque foi em Maria que Jesus Cristo acalmou perfeitamente seu Pai, irritado com os homens; foi nela que Jesus reparou perfeitamente a glória que o pecado lhe tinha roubado; e que, pelo sacrifício que aí fez da sua pró-

310. Santo Ambrósio, *De institut. Virgin, et Mariae Virg. Perpetua, ad Eusebium*, c. 7, n. 50, PL 16, 333.

311. Hb 10, 5-9.

312. Hb 4, 16.

313. “Solummodo ibi magnificus [est] Dominus”.





pria vontade e de si mesmo, ele deu mais glória ao Pai do que alguma vez lhe deram todos os sacrifícios da antiga lei; enfim, foi em Maria que Jesus deu ao Pai uma glória infinita, que nunca antes tinha recebido de homem algum.

5 - A GRANDE DEVOÇÃO PELA AVE MARIA E PELO TERÇO

249. Quinta prática.

Rezarão com muita devoção a *Ave Maria*, ou seja a Saudação angélica. Poucos cristãos, mesmo entre os mais esclarecidos, conhecem o valor, o mérito, a excelência e a necessidade desta oração. Foi preciso que a Santíssima Virgem aparecesse várias vezes, e a grandes santos de profunda ilustração, como foi o caso de São Domingos, São João Capistrano, o Bem-aventurado Alain de la Roche, para lhes vir mostrar o mérito desta oração. Estes compuseram livros inteiros só sobre as maravilhas e a eficácia desta oração em ordem à conversão das almas. Proclamaram com veemência e pregaram publicamente que, tendo a salvação do mundo começado com a *Ave Maria*, assim também a salvação de cada um em particular estará ligada a esta oração; que foi esta oração que fez chegar à terra seca e estéril o fruto da vida, e que esta mesma oração, quando rezada com devoção, deverá fazer germinar nas nossas almas a palavra de Deus e fazer brotar o fruto de vida, Jesus Cristo; disseram ainda que a *Ave Maria* é um celeste orvalho que vem regar a terra, isto é, a alma, para a fazer dar fruto a seu tempo; e que uma alma que não vier a ser regada por esta oração, ou por este orvalho celeste, não dará qualquer fruto, mas apenas cardos e espinhos, e estará prestes a tornar-se maldita.

250. Eis aqui o que a Santíssima Virgem revelou ao Bem-aventurado Alain de la Roche, conforme é referido no seu livro “*De dignitate Rosarii*”, e que depois foi citado por Cartagena: “Fica sabendo, meu filho, e fá-lo saber a todos, que é um sinal provável e próximo de condenação eterna o ter-se aversão, tibieza e negligência no rezar a Saudação angélica, que salvou todo o mundo”.³¹⁴ Palavras muito consoladoras, mas também terríveis, em que só a custo acreditaríamos, não fora o caso de terem elas por garantia este homem santo e São Domingos antes dele, e, desde então, várias grandes personagens

314. Este texto é referido no CA 157 e atribuído a Cartagena, L. 16, hom. I, vol. 3, p. 221. Cf. SAR 49.





que se lhes seguiram, com a experiência de muitos séculos. Efetivamente sempre se pôde observar que aqueles que trazem o sinal da condenação, como todos os hereges, os ímpios, os orgulhosos e os mundanos, odeiam e desprezam a *Ave Maria* e o terço. Os hereges ainda aprendem e rezam o *Pai Nosso*, mas não a *Ave Maria* nem o terço, têm-lhes horror; era mais fácil que trouxessem consigo uma serpente do que um terço. Os orgulhosos, embora católicos, como têm as mesmas inclinações que seu pai Lúcifer, também desprezam a *Ave Maria* ou não lhe votam senão indiferença, considerando o terço como uma devoção de mocinhas, que só é boa para ignorantes e analfabetos. Ao contrário, a experiência tem mostrado que aqueles e aquelas que apresentam grandes sinais de predestinação amam, saboreiam e rezam com prazer a *Ave Maria*, e quanto mais são de Deus, mais amam esta oração. Foi o que a Santíssima Virgem disse ao bem-aventurado Alain, depois das palavras que acima citei.

251. Não sei como nem porquê isto aconteça, mas sei que é verdade: não conheço melhor segredo para saber se uma pessoa é de Deus, do que verificar se ela gosta de rezar a *Ave Maria* e o terço. Digo: “se ela gosta”, porque pode acontecer que uma pessoa se encontre na impossibilidade natural ou até sobrenatural de rezá-la, mas não deixa de gostar de o fazer e continua a inspirá-lo aos outros.

252. Almas predestinadas, escravas de Jesus em Maria, ficai sabendo que a *Ave Maria* é a mais bela de todas as orações depois do *Pai Nosso*. É a saudação mais perfeita que podeis dirigir a Maria, porque é a que o Altíssimo lhe mandou dirigir por um Arcanjo, a fim de lhe conquistar o coração; e, pelos encantos secretos de que está repleto, tal foi o poder que teve sobre o seu coração, que Maria deu o seu consentimento à Encarnação do Verbo, apesar da sua profunda humildade. Será também por meio desta saudação que lhe conquistareis infalivelmente o coração, se a disserdes como convém.

253. A *Ave Maria* bem rezada, isto é, com atenção, devoção e modéstia, é, assim dizem os santos, a inimiga que põe o demônio em fuga, e o martelo que o esmaga, a santificação da alma, a alegria dos anjos, a melodia dos predestinados, o cântico do Novo Testamento, o prazer de Maria e a glória da Santíssima Trindade. A *Ave Maria* é um orvalho do céu, que torna a alma fecunda, um beijo puro e amoroso que se dá a Maria, uma rosa vermelha que se lhe leva, uma pérola preciosa que se lhe oferece, e um pouco de ambrósia e de néctar divino que se lhe dá. Todas estas comparações são dos santos.





254. Peço-vos instantemente, pelo amor que vos tenho em Jesus e Maria, que não vos contenteis em rezar a *Pequena Coroa de Nossa Senhora*, mas rezai também o terço todos os dias, e até mesmo, se tiverdes tempo, o rosário quotidiano, e bendireis à hora da vossa morte, o dia e o momento em que acreditastes em mim. Então, depois de terdes semeado nas bênçãos de Jesus e Maria, recolhereis bênçãos eternas no céu: “Quem semeia com generosidade, com generosidade há de colher”.³¹⁵

6 - RECITAÇÃO DO MAGNIFICAT

255. Sexta prática.

Para agradecer a Deus as graças que concedeu à Santíssima Virgem, dirão muitas vezes o *Magnificat*, a exemplo da beata Maria de Oignies e de vários outros santos. É a única oração e a única obra composta pela Santíssima Virgem, ou, melhor ainda, que Jesus compôs nela, já que, na realidade, Jesus falava pela sua boca. Foi este o maior sacrifício de louvor que Deus recebeu segundo a lei da graça. É o mais humilde e o mais reconhecido dos cânticos, e ao mesmo tempo o mais sublime e elevado de todos. Há neste cântico mistérios tão grandiosos e tão escondidos que os próprios anjos os ignoram.

Gerson,³¹⁶ que foi um doutor muito piedoso e muito sábio, depois de ter gasto uma parte da vida a compor tratados plenos de erudição e piedade sobre os mais difíceis temas, e isto já no fim da vida, foi a tremer que decidiu tentar explicar o *Magnificat*, para assim coroar todas as suas obras. Num volume in-fólio, composto por ele a este propósito, dá-nos conta de várias coisas admiráveis acerca desse cântico belo e divino. Entre outras coisas, diz-nos ele que a própria Santíssima Virgem o recitava muitas vezes, e particularmente como ação de graças depois da Sagrada Comunhão. O erudito Benzonio,³¹⁷ explicando também o *Magnificat*, conta muitos milagres operados pela virtude deste cântico, e diz que os demônios tremem e se põem em fuga sempre que ouvem estas palavras do *Magnificat*: “Agiu com a força do seu braço e dispôs os homens de coração orgulhoso”.³¹⁸

315. 2 Cor 9, 6.

316. Jean Le Charlier de Gerson (1363-1429), chanceler da Universidade de Paris.

317. Benzonio Rutilio (†1613), bispo de Loreto.

318. Lc 1, 51.





7 - O DESPREZO DO MUNDO

256. Sétima prática.

Os fiéis servos de Maria devem desprezar energicamente, odiar e fugir muito do mundo corrompido, e servir-se das práticas de desprezo do mundo, que já expusemos na primeira parte.³¹⁹

2º- Práticas Interiores.

257. Além das práticas exteriores desta devoção que acabo de referir, e que não se devem omitir por negligência ou desprezo, na medida em que o estado e a condição de cada um o permita, eis aqui algumas práticas interiores muito santificadoras para aqueles que o Espírito Santo chama a uma alta perfeição.

Para dizer isso em quatro palavras, do que se trata é de praticar todas as nossas ações POR MARIA, COM MARIA, EM MARIA e PARA MARIA, a fim de mais perfeitamente as praticar por Jesus Cristo, com Jesus Cristo, em Jesus Cristo e para Jesus Cristo.

PRATICAR TODAS AS NOSSAS AÇÕES POR MARIA

258. Primeira prática.

É preciso praticar todas as ações por Maria, o que significa que devemos obedecer em tudo à Santíssima Virgem e nos devemos guiar em tudo pelo seu espírito, que é o Espírito Santo de Deus. “Aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus”.³²⁰ Ora, os que são conduzidos pelo espírito de Maria, são filhos de Maria e, por conseguinte, filhos de Deus, como já mostramos. E entre tantos devotos da Santíssima Virgem, só são devotos verdadeiros e fiéis os que se guiam pelo seu espírito. Eu disse que o espírito de Maria é o espírito de Deus, porque ela jamais se guiou pelo seu próprio espírito, mas sempre pelo espírito de Deus, que de tal maneira se tornou o mestre do seu, que se tornou no seu próprio espírito. É por isso que Santo Ambrósio pode afirmar: “Que a alma de Maria esteja em cada um para glorificar o Senhor; que o espírito de Maria esteja em cada um para se alegrar

319. Infelizmente a primeira parte do manuscrito perdeu-se, que aliás continha também o título.
320. Rm 8, 14.





em Deus”.³²¹ Como é feliz a alma quando - a exemplo dum bom irmão jesuíta, chamado Rodriguez,³²² e falecido em odor de santidade - estiver toda ela possuída e for toda ela governada pelo espírito de Maria, um espírito suave e forte, zeloso e prudente, humilde e corajoso, puro e fecundo!

259. Para que a alma se deixe conduzir por este espírito de Maria, é preciso:

1º - Renunciar ao seu próprio espírito, e às luzes e vontades próprias, antes de fazer o que quer que seja: por exemplo, antes de fazer oração, de celebrar ou ouvir a santa Missa, de comungar, etc.; porque as trevas do nosso espírito e a malícia da nossa vontade e obras próprias, se as seguissemos, embora nos pareçam boas, poriam obstáculos ao santo espírito de Maria.

2º - É preciso abandonar-se ao espírito de Maria, para por ele sermos movidos e guiados, da maneira que lhe aprover. É preciso que nos ponhamos entre as suas mãos virginais, como um instrumento nas mãos do operário, como a cítara nas mãos dum bom tocador. É preciso perder-se e abandonar-se nela, como a pedra que se atira ao mar, e isso faz-se de modo bem simples e é coisa de um instante, faz-se com um só relance do espírito, com um pequeno movimento da vontade, ou verbalmente, dizendo, por ex.: “Renuncio a mim próprio e dou-me a vós, minha querida Mãe!”. Embora não sintamos qualquer doçura sensível neste ato de união, nem por isso ele deixa de ser verdadeiro, tal como aconteceria se alguém dissesse com igual sinceridade, - Deus não o permita: “Dou-me ao demônio”. Também aqui, ainda que o tivéssemos dito, sem qualquer mudança sensível, nem por isso pertenceríamos menos verdadeiramente ao demônio.

3º - É preciso ainda renovar este mesmo ato de oferecimento e de união, de tempos a tempos, durante a ação e depois dela, e quanto mais for repetido, tanto mais depressa a alma se santificará, e mais depressa chegará à união com Jesus Cristo, a qual sempre segue necessariamente a união com Maria, uma vez que o espírito de Maria é o espírito de Jesus.

321. Santo Ambrósio, PL 15, 1642; cf. VD 217.

322. Santo Afonso Rodriguez (1531-1617), irmão coadjutor da Companhia de Jesus, canonizado a 15/1/1888 por Leão XIII.





PRATICAR TODAS AS NOSSAS AÇÕES COM MARIA

260. Segunda prática.

É preciso praticar todas as ações com Maria. Isto significa que, em todas as ações, se devem ter os olhos postos em Maria, como aquele modelo acabado de toda a virtude e perfeição³²³ que o Espírito Santo³²⁴ formou em alguém que era simplesmente criatura, a fim de que a imitássemos na medida das nossas pequenas capacidades.³²⁵ Em cada uma das nossas ações, é preciso que ponhamos os olhos em como Maria a praticou, ou praticaria, se estivesse no nosso lugar. Para isso, devemos examinar e meditar as grandes virtudes que ela praticou ao longo da sua vida, em particular:

- a sua fé viva, pela qual acreditou sem hesitar na palavra do anjo, e acreditou fiel e constantemente, até aos pés da cruz, no Calvário;
- a sua humildade profunda, que a fez ocultar-se, calar-se, a tudo se submeter e escolher estar em último lugar;
- a sua pureza divina, sem igual à face da terra, ontem e sempre. E, enfim, todas as suas outras virtudes.

Lembremo-nos, volto a repetir, de que Maria é o grandioso e único molde de Deus, próprio para formar imagens vivas de Deus, com poucos encargos e em pouco tempo. Uma alma que encontre este molde e nele se perca, em muito pouco tempo se transformará em Jesus Cristo, que este molde representa ao natural.

PRATICAR TODAS AS NOSSAS AÇÕES EM MARIA

261. Terceira prática.

É preciso praticar todas as ações em Maria. Para bem compreender esta prática, é necessário saber que a Santíssima Virgem é o verdadeiro paraíso terrestre do novo Adão, e que o antigo paraíso era simplesmente uma sua imagem. Neste paraíso terrestre há riquezas, belezas, raridades e doçuras inexplicáveis, que o novo Adão, Jesus Cristo, aí deixou. Foi neste paraíso

323. “Maria... resplandece como modelo de virtudes diante de toda a comunidade dos eleitos” (LG 65).

324. Maria “que o próprio Espírito Santo modelou e d’Ela fez uma nova criatura” (LG 56).

325. “A nossa fraqueza é tal, que a grandeza de semelhante modelo (Cristo), quase que nos desencoraja: por isso quis Deus prover, propondo outro, que sendo o mais próximo a Cristo... é todavia mais conforme à nossa fraqueza. Este modelo é a Mãe de Deus” (Pio X, Enc. *Ad diem illum*, 02/02/1904).





que ele encontrou as suas delícias durante nove meses, aí foi que ele operou as suas maravilhas e ostentou as suas riquezas com a magnificência de um Deus. Este lugar santo é todo formado por terra virgem e imaculada da qual foi formado e alimentado o novo Adão, sem qualquer nódoa ou mancha, pela operação do Espírito Santo que aí habita. É neste paraíso terrestre que se encontra a verdadeira árvore da vida que fez brotar Jesus Cristo, o fruto de vida; a árvore da ciência do bem e do mal que deu a luz ao mundo. Há neste lugar divino árvores plantadas pela mão de Deus e regadas pela sua unção divina, que produziram e produzem cada dia frutos de sabor divino. Há canteiros ornados de belas e variadas flores de virtudes, exalando um perfume que inebria os próprios anjos. Há nesse lugar prados verdes de esperança, torres inexpugnáveis de força, casas encantadoras de confiança, etc. Só o Espírito Santo pode fazer compreender a verdade escondida sob estas imagens de coisas materiais. Há nesse lugar um ar puro, não viciado, de pureza; um belo dia, sem noite, da humanidade santa; um belo sol sem trevas, da Divindade; uma fornalha ardente e contínua de caridade que abrasa e muda em ouro todo o ferro que nela é lançado; e há também um rio de humildade, que nascendo da terra e dividindo-se em quatro braços, banha todo este lugar encantado: ³²⁶ são as quatro virtudes cardeais.

262. O Espírito Santo, pela boca dos santos Padres, chama ainda à Santíssima Virgem:

- a porta oriental, por onde o grande sacerdote Jesus Cristo entra e sai do mundo. Entrou por ela a primeira vez, e por ela virá na segunda;

- o santuário da Divindade, o repouso da Trindade Santíssima, o trono de Deus, a cidade de Deus, o altar de Deus, o templo de Deus, o mundo de Deus. Todos estes diferentes epítetos e louvores são muito verdadeiros, atendendo às diversas maravilhas e graças que o Altíssimo operou em Maria. Oh! Que glória! Que prazer! Que felicidade poder entrar e permanecer em Maria, lá onde o Altíssimo pôs o trono da sua glória suprema!

263. Mas como é difícil, a pecadores como nós, obter a permissão, a capacidade e a luz para entrarmos neste lugar tão alto e tão santo, que é guardado, não já por um querubim, como o antigo paraíso terrestre, mas pelo próprio Espírito Santo, que dele se tornou o senhor absoluto. Ele afirma a respeito de Maria: “Tu és um jardim fechado, ó minha irmã e esposa, tu

326. Toda esta página é um comentário espiritual a Gn 2, 8-10; cf. VD 6.





és um jardim fechado, uma fonte selada”.³²⁷ Maria está fechada e selada. Os pobres filhos de Adão e Eva, expulsos do paraíso terrestre, não podem entrar neste outro senão por uma graça especial do Espírito Santo, que deverão merecer.

264. Quando pela fidelidade, se obteve esta insigne graça, é preciso permanecer com prazer no interior belíssimo de Maria, aí repousar em paz, aí se apoiar confiadamente, aí se esconder em segurança e aí se perder sem reservas, para que nesse seio virginal:

- a alma seja alimentada pelo leite da sua graça e da sua materna misericórdia;

- a alma seja libertada das suas perturbações, temores e escrúpulos;

- a alma se ache em segurança, contra todos os seus inimigos: o demônio, o mundo e o pecado, que jamais lá entraram. É por isso que Maria afirma: “Os que em mim operam não pecarão”,³²⁸ ou seja, os que em espírito permanecem na Santíssima Virgem, não cometerão pecados de maior;

- a alma seja formada em Jesus Cristo e Jesus Cristo nela, pois o seio de Maria é, como dizem os santos Padres, a sala dos sacramentos divinos, onde Jesus Cristo e todos os eleitos foram formados: “Todo homem lá nasceu”.³²⁹

PRATICAR TODAS AS NOSSAS AÇÕES PARA MARIA

265. Quarta prática.

Finalmente, todas as nossas ações devem ser feitas para Maria. Pois, na verdade, tendo-nos nós entregado totalmente ao seu serviço, é justo que tudo façamos para ela, como um criado, um servo e um escravo. Não que a tomemos por fim último dos nossos serviços, que é tão só Jesus Cristo, mas por fim próximo e meio misterioso e de fácil acesso para irmos até ele. Tal como o bom servo e escravo, é mister que não se fique ocioso, mas devemos antes empreender e concluir grandes coisas para esta augusta Soberana. É mister defender os seus privilégios quando lhos disputam e sustentar a sua glória quando a atacam; atrair todo o mundo, se for possível, ao seu serviço e a esta verdadeira e sólida devoção; falar e gritar contra os que abusam da sua devoção para ultrajar o seu Filho e, ao mesmo tempo, estabelecer esta devoção na sua

327. Ct 4, 12.

328. Eclo 24, 22; cf. VD 175.

329. Sl 87 (86), 5; cf. VD 32.





verdade; e, como recompensa por estes pequenos serviços, não se deve esperar dela senão a honra de pertencermos a tão amável Princesa, e a felicidade de sermos por ela unidos a Jesus, seu Filho, com um vínculo indissolúvel no tempo e na eternidade.

Glória a Jesus em Maria!

Glória a Maria em Jesus!

Glória a Deus só!

SUPLEMENTO

MODO DE PRATICAR ESTA DEVOÇÃO NA SAGRADA COMUNHÃO

ANTES DA COMUNHÃO

266. 1º - Terás de humilhar-te profundamente diante de Deus.

2º - Renunciarás ao teu fundo corrompido e às tuas disposições, por melhores que o teu amor-próprio as apresente.

3º - Renovarás a tua consagração dizendo: “Sou todo vosso, querida Mãe, com tudo o que tenho”.³³⁰

4º - Suplicarás a esta boa Mãe que te empreste o seu coração, para nele receberes seu Filho, com as suas próprias disposições.

Dir-lhe-ás que a glória de seu Filho exige que não seja recebido num coração tão manchado como o teu, e tão inconstante que não poderia deixar de o privar da sua glória ou acabaria por perdê-lo; mas que se ela desejar vir habitar em ti para receber seu Filho, tem o poder de o fazer em virtude do domínio que tem sobre os corações; e que, por ela, o seu Filho será bem recebido, sem mancha e sem perigo de ser ultrajado, nem perdido: “Deus está no meio dela: ela é inabalável”.³³¹ Dir-lhe-ás confiadamente que todos os bens que lhe ofereceste são bem pouca coisa para a honrar, mas que, pela sagra-

330. Cf. VD 233.

331. SI 46 (45), 6.





da comunhão, queres presenteá-la com a mesma oferenda que lhe fez o Pai eterno, e que com esta oferenda, ela será mais honrada do que se lhe desses todos os bens do mundo. Finalmente podes dizer-lhe ainda que Jesus, que a ama de modo único, deseja, uma vez mais, encontrar nela as suas delícias e o seu repouso, ainda que seja na tua alma, que é mais suja e mais pobre do que o estábulo onde Jesus não teve qualquer dificuldade em nascer, porque ela estava lá. Vais pedir-lhe o seu coração com estas ternas palavras: “Tomo-vos como toda a minha riqueza; dai-me o vosso coração, ó Maria!”.³³²

NA COMUNHÃO

267. Quando estiveres prestes a receber Jesus Cristo, a seguir ao *Pai Nosso*, dirás três vezes: “Senhor, eu não sou digno, etc.”. Como se, na primeira vez, dissesses ao Pai eterno, que não és digno de receber seu Filho unigênito por causa dos teus maus pensamentos e ingratidões para com um Pai tão bom, mas eis que aí está Maria, a sua serva, *Eis a serva do Senhor*, que agirá por ti, e que te dá uma confiança e uma esperança singular junto da sua divina Majestade: “Só tu, Senhor, me fazes viver tranquilo”.³³³

268. Ao Filho dirás: “Senhor, eu não sou digno”; que não és digno por causa das tuas palavras inúteis e más e da tua infidelidade no seu serviço; mas que, apesar disso, lhes suplicas que tenha piedade de ti, já que irás introduzi-lo na casa da sua própria Mãe, e tua; e que não o deixarás partir sem que antes fique alojado na casa dela: “Agarrei-o e não vou soltá-lo, até o levar à casa da minha mãe, ao quarto daquela que me trouxe no seio”.³³⁴ Pedir-lhe-ás que se erga e venha para o lugar do seu repouso e para a arca da sua santificação: “Levanta-te, Senhor, vem para a tua mansão, vem com a arca da tua força”.³³⁵ Dir-lhe-ás que de nenhum modo pões a tua confiança nos teus próprios méritos, nas tuas forças e aptidões, como Esaú, mas sim nos de Maria, tua querida Mãe, tal como o jovem Jacó nos cuidados de Rebeca; e que, apesar de pecador e Esaú como és, ousas aproximar-te da sua santidade, porque apoiado e revestido pelos méritos e virtudes de sua santa Mãe.

332. Adaptação de dois textos bíblicos: Jo 19, 27 (cf. VD 179) e Pr 23, 26.

333. Sl 4, 9.

334. Ct 3, 4.

335. Sl 132 (131), 8.





269. Ao Espírito Santo dirás: “Senhor, eu não digno, etc.”; que não és digno de receber a obra-prima da sua caridade, por causa da tibieza e iniquidade das tuas ações e das tuas resistências às suas inspirações, mas que toda a tua confiança é Maria, sua fiel Esposa; dirás com São Bernardo: “É ela a minha maior confiança, é ela toda a razão da minha esperança”.³³⁶ Poderás mesmo pedir-lhe que desça de novo sobre Maria, sua Esposa indissolúvel; dir-lhe-ás que o seu seio é hoje tão puro e o seu coração tão abrasado como sempre o foi; e que se não descer à tua alma, Jesus e Maria não poderão ser lá formados, nem dignamente acolhidos.

DEPOIS DA COMUNHÃO

270. Depois da santa comunhão, estando tu interiormente recolhido e com os olhos fechados, introduzirás Jesus Cristo no coração de Maria. Irás confiá-lo a sua Mãe, que o receberá amorosamente, o instalará dignamente, o adorará profundamente, o amará perfeitamente, o abraçará apertadamente e lhe prestará, em espírito e verdade, muitas honras e serviços que, no meio das nossas densas trevas, nos são desconhecidos.

271. Ou então, conservar-te-ás profundamente humilhado no teu coração, na presença de Jesus que mora em Maria. Ou permanecerás qual escravo à porta do palácio do Rei, enquanto este está em colóquio com a Rainha; e enquanto conversam entre si, sem que tenham necessidade de ti, tu irás em espírito ao céu e por toda a terra, pedindo a todas as criaturas que agradeçam, adorem e amem a Jesus e Maria em teu lugar: “Vinde, adoremos, vinde, etc.”.³³⁷

272. Ou então, tu mesmo pedirás a Jesus, em união com Maria, a vinda do seu reinado sobre a terra, por intermédio de sua santa Mãe, ou a divina sabedoria, ou o amor divino, ou o perdão dos teus pecados, ou qualquer outra graça, mas sempre por Maria e em Maria. Enquanto isso, dirás olhando-te com desconfiança: “Senhor, não olheis para os meus pecados, mas que os vossos olhos só vejam em mim as virtudes e os méritos de Maria”. E, recordando-te

336. São Bernardo, *Serm. de Aqueducti*, n. 7, Pl 183, 441 D.

337. Sl 95 (94), 6.





dos teus pecados, acrescentará: “Foi o inimigo que fez isto”.³³⁸ Fui eu mesmo, que sou o maior inimigo com que me vejo a braços, que cometi estes pecados. Ou então: “Liberta-me do homem injusto e traidor”.³³⁹ Ou ainda: “Meu Jesus, é necessário que cresçais na minha alma e que eu diminua”. Ó Maria, é preciso que cresçais em mim, e que eu seja menos do que tenho sido.³⁴⁰ “Crescei e multiplicai-vos”:³⁴¹ Jesus e Maria, crescei em mim e multiplicai-vos fora de mim, nos outros.

273. Há uma infinidade de outros pensamentos que o Espírito Santo suscita, que também em ti suscitará, se fores muito interior, mortificado e fiel a esta grande e sublime devoção que acabo de te ensinar. Mas recorda-te que, quanto mais deixares agir Maria na tua comunhão, mais Jesus será glorificado; e tanto mais Maria agirá para Jesus, e Jesus em Maria, quanto mais profundamente te humilhares; e pôr-te-ás a escutá-los em paz e silêncio, sem te preocupares em ver, saborear ou sentir, pois onde quer que esteja, o justo vive da fé, e particularmente na santa comunhão, que é um ato de fé: “O meu justo vive pela fé”.³⁴²



338. Mt 13, 28.

339. Sl 43 (42), 1.

340. Cf. Jo 3, 30.

341. Gn 1, 28.

342. Hb 10, 38.

